PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE CAMPINAS

LUCAS MARANDI

O DIÁLOGO INTER-RELIGIOSO À LUZ DO PAPA FRANCISCO

CAMPINAS

2026

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE CAMPINAS
ESCOLA DE CIÊNCIAS HUMANAS, JURÍDICAS E SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DA RELIGIÃO
LUCAS MARANDI

O DIÁLOGO INTER-RELIGIOSO À LUZ DO PAPA FRANCISCO

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da Escola de Ciências Humanas, Jurídicas e Sociais, da Pontifícia Universidade Católica de Campinas, como exigência para obtenção do título de Mestre em Ciências da Religião.

Orientador: Prof. Dr. Jefferson Zeferino

CAMPINAS
2026

Sistema de Bibliotecas e Informação - SBI
Gerador de fichas catalográficas da Universidade PUC-Campinas
Dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Marandi, Lucas

M311d O diálogo inter-religioso à luz do Papa Francisco / Lucas Marandi. - Campinas: PUC-Campinas, 2026.

136 f.

Orientador: Jefferson Zeferino.

Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) - Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião, Escola de Ciências Humanas, Jurídicas e Sociais, Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas, 2026.

Inclui bibliografia.

1. Papa Francisco. 2. Diálogo Inter-religioso. 3. Viagens Apostólicas. I. Zeferino, Jefferson. II. Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Escola de Ciências Humanas, Jurídicas e Sociais. Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião. III. Título.

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE CAMPINAS
ESCOLA DE CIÊNCIAS HUMANAS, JURÍDICAS E SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* EM CIÊNCIAS DA RELIGIÃO

LUCAS MARANDI

O DIÁLOGO INTER-RELIGIOSO À LUZ DO PAPA FRANCISCO

Este exemplar corresponde à redação final da Dissertação de Mestrado em Ciências da Religião da PUC-Campinas, e aprovada pela Banca Examinadora.

APROVADA: **21 de agosto de 2026**.

gov.br Documento assinado digitalmente
TIAGO DE FRAGA GOMES
Data: 18/09/2026 10:38:04-0300
Verifique em https://validar.iti.gov.br

_____
PROF. DR. TIAGO DE FRAGA GOMES - (PUCRS)

_____
PROF. DR. PAULO SERGIO LOPES GONCALVES (PUC-CAMPINAS)

_____
PROF. DR JEFFERSON ZEFERINO – PRESIDENTE (PUC-CAMPINAS)

Dedico aos meus pais Mondol Marandi e Elina Hembrom.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus pela vida, pela minha família e também pela oportunidade de concluir mais uma importante etapa em minha vida.

Ao meu orientador, o Prof. Dr. Jefferson Zeferino, por toda a sua paciência, dedicação e zelo com esta pesquisa.

Aos meus examinadores, o Prof. Dr. Paulo Sérgio Lopes Gonçalves, o Prof. Dr. Felipe Sergio Koller, e o Prof. Dr. Tiago de Fraga Gomes, por suas relevantes contribuições para esta pesquisa.

Aos demais professores e amigos pela amizade, consideração e respeito.

A Adveniat pelo apoio e fomento, sem os quais esta pesquisa não teria sido possível.

E a todos aqueles que, de alguma forma, contribuíram para a realização deste trabalho.

“Este diálogo inter-religioso é uma condição necessária para a paz no mundo e, por conseguinte, é um dever para os cristãos e também para outras comunidades religiosas” (*EG* 250).

Papa Francisco

(1936-2025)

RESUMO

A premissa popularizada por Hans Küng no mundo teológico, segundo a qual não haverá paz entre as nações sem paz entre as religiões, expressa uma preocupação fundamental desta pesquisa: o pluralismo religioso interpela o catolicismo, e o diálogo tem sido assumido de modo consistente no interior dessa tradição. A pretensão de posse exclusiva de uma verdade inquestionável, frequentemente mobilizada para justificar ações violentas, revela uma compreensão reducionista da realidade, que ignora o caráter limitado, histórico e perspectivo do conhecimento humano. Diante desse contexto, esta pesquisa teve por objetivo analisar a presença do diálogo inter-religioso no magistério do Papa Francisco à luz de seu projeto teológico-pastoral, buscando compreender suas principais ideias, conceitos, gestos e ações, bem como seu impacto sobre a compreensão da incidência pública da Igreja Católica. A investigação foi orientada pela seguinte questão: em que medida o diálogo inter-religioso constitui uma dimensão estruturante do projeto teológico-pastoral de Francisco e de que modo esse projeto se concretiza em sua atuação pública e diplomática em favor da paz? Nesse horizonte, analisa-se a atuação de Francisco como figura pública de notória influência social, cuja ação busca promover a amizade social, a cultura do encontro e o cuidado com a casa comum. Sua atuação caracteriza-se pela adoção de uma linguagem pública capaz de dialogar com agendas compartilhadas internacionalmente, entre as quais se destaca a Agenda 2030.

Palavras-chave: Papa Francisco. Diálogo inter-religioso. Fraternidade Universal. Ecologia Integral. Igreja em Saída.

ABSTRACT

The premise popularized by Hans Küng in theological circles, according to which there can be no peace among nations without peace among religions, expresses a fundamental concern of this research: religious pluralism challenges Catholicism, and dialogue has been consistently embraced within this tradition. The claim to exclusive possession of an unquestionable truth, frequently mobilized to justify violent actions, reveals a reductionist understanding of reality that disregards the limited, historical, and perspectival character of human knowledge. Against this background, this research aimed to analyze the presence of interreligious dialogue in Pope Francis's magisterium in light of his theological-pastoral project, seeking to understand its main ideas, concepts, gestures, and actions, as well as its impact on the understanding of the Catholic Church's public engagement. The investigation was guided by the following question: to what extent does interreligious dialogue constitute a structuring dimension of Francis's theological-pastoral project, and how is this project embodied in his public and diplomatic engagement in favor of peace? Within this framework, the study examines Francis's role as a public figure of notable social influence, whose actions seek to promote social friendship, a culture of encounter, and care for our common home. His engagement is characterized by the adoption of a public language capable of entering into dialogue with internationally shared agendas, among which the 2030 Agenda stands out.

Keywords: Pope Francis. Interreligious Dialogue. Universal Fraternity. Integral Ecology. A Church which goes forth.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Imagem 1. Google MyMaps – Viagens Apostólicas Papa Francisco (2013-2024) 107
Figura 2 – Imagem 2. Google Earth – Viagens Apostólicas Papa Francisco (2013-2024) 108

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AMIA: Associação Mutual Israelita Argentina

ANPTECRE: Anais do VII Congresso da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Teologia e Ciências da Religião

CEBs: Comunidades Eclesiais de Base

CEP – Conferência Episcopal Portuguesa

CESE: Coordenadoria Ecumênica de Serviço

CNBB: Conferência Nacional dos Bispos do Brasil

COEPAL: Conselho Episcopal de Prática Pastoral

CONAREL: Conselho Nacional das Religiões no Brasil

CONIC: Conselho Nacional das Igrejas Cristãs

CVII: Concílio Vaticano II

DH: *Dignitatis Humanae*

DIR: Diálogo Inter-Religioso

DSI: Doutrina Social da Igreja

EG: *Evangelii Gaudium*

FT: *Fratelli Tutti*

GE : Gaudete et Exsultate

GS: Gaudium et Spes

ICAR: Igreja Católica Apostólica Romana

LS: *Laudato Si'*

NA: *Nostra Aetate*

OPP: Opção Preferencial pelos Pobres

PEG: Pacto Educativo Global

PUC-Campinas: Pontifícia Universidade Católica de Campinas

PUC-Rio: Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro

PUC-SP: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

TdP: *Teología del Pueblo*

UR: *Unitatis Redintegratio*

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO 13
2 NOTAS HISTÓRICAS SOBRE O DIÁLOGO INTER-RELIGIOSO NA IGREJA CATÓLICA APOSTÓLICA ROMANA 18
2.1 Eventos de encontro entre as religiões 25
2.2 Concílio Vaticano II 30
2.3 Desdobramentos internacionais 37
2.4 Catolicismo e diálogo inter-religioso no Brasil 40
2.5 Síntese reflexiva 44
3 O PROJETO TEOLÓGICO-PASTORAL DO PAPA FRANCISCO 46
3.1 Bergoglio: aspectos biográficos e teológicos 50
3.2 Aspectos do projeto teológico-pastoral de Francisco: *Evangelii Gaudium*, *Laudato Si', Fratelli Tutti e Dilexit nos* 59
3.2.1 A exortação apostólica *Evangelii Gaudium (EG)* 59
3.2.2 A carta encíclica *Laudato Si' (LS)* 76
3.2.3 A carta encíclica *Fratelli Tutti (FT)* 81
3.2.4 A carta encíclica *Dilexit Nos (DN)* 84
3.3 O projeto teológico-pastoral de Francisco: aspectos programáticos e iniciativas 86
4 O DIÁLOGO INTER-RELIGIOSO E A CONSTRUÇÃO DA PAZ NO PONTIFICADO DE FRANCISCO: UMA LEITURA DE SUAS VIAGENS APOSTÓLICAS (2013-2024) 94
4.1 As viagens apostólicas de Francisco fora da Itália 96
4.2 O diálogo inter-religioso nas viagens apostólicas de Francisco fora da Itália 107
4.3 A diplomacia da paz como marca do pontifico de Francisco 112
5 CONCLUSÃO 118
REFERÊNCIAS 123

1 INTRODUÇÃO

Diante de um cenário religioso plural e multifacetado, marcado por tensões e extremismos, de um lado, e por resistência e solidariedades, por outro, o diálogo inter-religioso se apresenta como desafio e tarefa. Em especial, se considerarmos a relação ecoada por Hans Küng (1993), há uma conexão entre a paz entre as nações e o diálogo entre as religiões. A Igreja Católica, na figura de Francisco, assumiu a responsabilidade de construir condições para o diálogo e para a paz tanto no âmbito social como no religioso. É com fundamento nesses aspectos que essa pesquisa se dedica a pensar sobre o diálogo inter-religioso à luz do Papa Francisco.

A problemática que norteou o desenvolvimento dessa pesquisa teve por base o seguinte questionamento: em que medida o diálogo inter-religioso constitui uma dimensão estruturante do projeto teológico-pastoral de Francisco e de que modo esse projeto se concretiza em sua atuação pública e diplomática em favor da paz? Com efeito, o diálogo inter-religioso tem se provado um relevante recurso no combate a preconceitos e a conflitos baseados em questões religiosas. Tal relevância social da presente pesquisa é corroborada por autores que vêm se dedicando ao tema do diálogo inter-religioso.[1]

Considerando a abertura da Igreja Católica Apostólica Romana (ICAR), para o diálogo com o mundo e com as outras religiões, fruto do Concílio Vaticano II[2], esta pesquisa objetiva analisar a presença do diálogo inter-religioso no magistério do Papa Francisco à luz de seu projeto teológico-pastoral, de modo a compreender suas principais ideias, conceitos, gestos, ações e impacto no horizonte da compreensão da incidência pública da Igreja Católica. Tal objetivo geral, desdobra-se nos seguintes objetivos específicos:

1. Conhecer o desenvolvimento histórico do diálogo inter-religioso no contexto da ICAR, a relevância do Concíliio Vaticano II em sua consolidação e seus

[1] Algumas das referências que justificam a relevância dessa pesquisa são constituídas por autores tais como: Alex Villas Boas, Juan Carlos Scannone, Wagner Lopes Sanchez, Elias Wolff e Elizabeth Salazar-Sanzana, entre outros igualmente relevantes e que serão devidamente citados no decorrer desta pesquisa.

[2] Nesse contexto é importante frisar que em algumas passagens do texto serão empregados, com muita proximidade, os termos “ecumênico/ecumenismo” e “diálogo inter-religioso”, contudo, deve-se destacar que tais termos correspondem a conceitos bem distintos, porque, em síntese, enquanto o primeiro se refere à relação entre as igrejas cristãs, o segundo diz respeito à relação entre o cristianismo e outras religiões.

desdobramentos no Brasil e em perspectiva global.

2. Compreender e refletir a respeito do projeto teológico-pastoral do Papa Francisco, conhecendo suas influências, analisando alguns de seus principais documentos: *Evangelii Gaudium* (*EG*), *Laudato Si'* (*LS*), *Fratelli Tutti* (*FT*) e *Dilexit nos* (*DN*), e também compreendendo algumas de suas linhas mestras como o diálogo, a Igreja em saída, a ecologia integral e a teologia do encontro.

3. Sintetizar o pensamento do Papa Francisco a respeito do diálogo inter-religioso e a construção da paz em seu pontificado por meio de suas viagens apostólicas (2013-2024).

Para se atingir esses objetivos específicos a pesquisa será dividida em três capítulos. O primeiro capítulo, intitulado: "Notas históricas sobre o diálogo inter-religioso na Igreja Católica Apostólica Romana", estabelece o alicerce necessário para compreender a evolução do posicionamento institucional da Igreja. Mais do que uma cronologia, este capítulo aborda registros, documentos e personagens que moldaram a relação da Igreja Católica com a alteridade religiosa ao longo do tempo. O foco central recai sobre o Concílio Vaticano II, identificado como o grande divisor de águas que possibilitou a transição de uma eclesiologia exclusivista para uma postura de escuta e reconhecimento. Reflete-se, ainda, sobre os desdobramentos desse evento em panorama global e as particularidades do diálogo inter-religioso no contexto brasileiro, demonstrando como a tradição católica se adaptou aos desafios da pluralidade contemporânea.

O segundo capítulo, assim intitulado: "O projeto teológico-pastoral do Papa Francisco", dedica-se a investigar a arquitetura do pensamento de Francisco que serviu de base ao seu pontificado. A investigação parte das raízes biográficas de Jorge Mario Bergoglio e de sua formação na *Teología del Pueblo*, elementos cruciais para entender sua opção preferencial pelos pobres e marginalizados. Analisa-se, ainda, parte de seu corpus bibliográfico que serve de bússola para sua missão: a Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*, que convoca a Igreja a uma reforma institucional centrada na alegria do encontro e na primazia da misericórdia; a Carta Encíclica *Laudato Si'*, que amplia o horizonte do diálogo ao propor uma conversão ecológica integral em defesa da casa comum; a Carta Encíclica *Fratelli Tutti*, que sintetiza sua proposta de uma amizade social e fraternidade universais como resposta aos muros da indiferença; e a Carta Encíclica *Dilexit Nos*, um texto maduro de Francisco em que ele reflete sobre o amor como horizonte ético ilustrado pelo coração de Jesus.

Por fim, o terceiro capítulo, intitulado: “O diálogo inter-religioso e a construção da paz no pontificado de Francisco: uma leitura de suas viagens apostólicas (2013-2024)”, constitui o ápice desta pesquisa, onde a teoria se converte em prática observável. Embora a ênfase deste capítulo sejam suas viagens apostólicas, tanto a questão do diálogo inter-religioso, como também a construção a paz, têm igual valor no desenvolvimento desta parte final da pesquisa. Desse modo, a dissertação vem a demonstrar que o diálogo, sob a ótica de Francisco, deixa de ser um conceito abstrato, para se tornar um compromisso vivo e transformador, capaz de regenerar os laços da convivência humana.

O processo metodológico do estudo se baseia em revisão bibliográfica e análise documental de fontes primárias, articuladas à interpretação de estudos produzidos por autores que se dedicam ao diálogo inter-religioso, ao magistério do Papa Francisco, ao Concílio Vaticano II e às relações entre religião, paz e sociedade. O *corpus* documental é constituído, principalmente, por documentos oficiais da Igreja Católica e do magistério de Francisco, disponíveis nos canais oficiais da Santa Sé, bem como por discursos, mensagens, declarações, registros de encontros e informações referentes às suas viagens apostólicas internacionais realizadas entre 2013 e 2024.

A bibliografia especializada foi inserida como suporte teórico e interpretativo, permitindo assim contextualizar historicamente os documentos e acontecimentos que foram examinados no decorrer da pesquisa, além também de propiciar o estabelecimento das relações entre o pensamento de Francisco e a tradição católica desenvolvida, sobretudo, a partir do Concílio Vaticano II.

Para a composição do *corpus* relativo às viagens apostólicas, foi realizado um levantamento das viagens internacionais de Francisco entre 2013 e 2024, tendo como referência principal as informações disponibilizadas pelo site oficial do Vaticano. Nesse levantamento foram considerados, entre outros elementos, o país visitado, o período da viagem, os principais compromissos realizados e as ênfases temáticas identificadas.

A partir desse conjunto, receberam maior atenção analítica as viagens e acontecimentos que apresentaram relação mais direta com o problema e os objetivos da pesquisa, especialmente aqueles nos quais ocorreram encontros formais com representantes de outras tradições religiosas, iniciativas explicitamente orientadas ao diálogo inter-religioso, gestos simbólicos de aproximação entre diferentes

comunidades de fé, ações relacionadas à construção da paz ou a produção de documentos conjuntos.

Assim, a maior atenção concedida a determinadas viagens não decorreu de uma escolha meramente descritiva, mas de sua relevância para compreender, com maior clareza, o processo de articulação entre o projeto teológico-pastoral de Francisco, o diálogo inter-religioso e sua atuação diplomática em favor da paz.

Para os fins desta pesquisa, considera-se como manifestação relevante de diálogo inter-religioso aquela que ultrapassa a simples coexistência ou menção a outras religiões e apresenta alguma forma concreta de encontro, reconhecimento, escuta, cooperação ou construção conjunta entre Francisco e representantes de tradições religiosas distintas do catolicismo.

Desse modo, foram observados tanto os encontros formais, com lideranças religiosas, quanto os gestos, discursos, declarações e iniciativas que expressam respeito à alteridade religiosa e a disposição para a construção de objetivos comuns, especialmente quando relacionados à paz, à fraternidade, à justiça, à defesa da dignidade humana e ao cuidado com a casa comum. Essa delimitação também possibilitou distinguir o diálogo inter-religioso do ecumenismo.

O tratamento das fontes ocorreu de maneira articulada. Os documentos magisteriais foram utilizados para identificar e compreender os fundamentos teológicos e pastorais que orientam o pensamento de Francisco; os registros das viagens e dos encontros foram examinados como manifestações concretas desse projeto; e os gestos simbólicos e as práticas diplomáticas foram interpretados em relação aos discursos e documentos que os acompanham.

Essa articulação possibilitou evitar uma leitura das viagens apenas como acontecimentos isolados, procurando compreendê-las como parte de um movimento mais amplo, no qual o pensamento teológico, a prática pastoral, o diálogo inter-religioso e a diplomacia se relacionam.

A interpretação do material foi orientada por categorias que emergem do próprio *corpus* e do referencial teórico adotado, destacando-se: diálogo inter-religioso, construção da paz, fraternidade, cultura do encontro, Igreja em saída, reconhecimento da alteridade, diplomacia e atenção às periferias geográficas e existenciais. Vale frisar que essas categorias não foram utilizadas apenas como compartimentos isolados, mas como chaves de leitura capazes de evidenciar as relações entre o magistério de Francisco e suas práticas concretas.

Assim, buscou-se identificar, nos documentos e acontecimentos analisados, de que modo o diálogo aparece como princípio teológico-pastoral, como prática de encontro com outras tradições religiosas e como elemento de sua atuação pública e diplomática. A análise das viagens, portanto, foi realizada à luz do projeto teológico-pastoral previamente reconstruído a partir de documentos como *Evangelii Gaudium*, *Laudato Si*', *Fratelli Tutti* e *Dilexit nos*, permitindo verificar como conceitos, ideias e princípios presentes no magistério se expressam em gestos, encontros e iniciativas concretas.

Por fim, o levantamento das viagens apostólicas foi sistematizado de modo a oferecer uma visão panorâmica da atuação internacional de Francisco no período já citado, sem a pretensão de analisar, com a mesma profundidade, todos os deslocamentos realizados durante seu pontificado.

A opção por conduzir a pesquisa dessa forma justifica-se pela necessidade de concentrar a investigação nos acontecimentos que apresentam maior potencial para responder à problemática proposta. Dessa maneira, a pesquisa combina uma perspectiva panorâmica, necessária para compreender a amplitude das viagens apostólicas, com uma análise aprofundada de acontecimentos considerados emblemáticos para a relação entre diálogo inter-religioso, construção da paz e diplomacia no pontificado de Francisco.

2 NOTAS HISTÓRICAS SOBRE O DIÁLOGO INTER-RELIGIOSO NA IGREJA CATÓLICA APOSTÓLICA ROMANA

Sem a pretensão de oferecer um relato historiográfico, ou mesmo de cobrir panoramicamente a trajetória do diálogo inter-religioso em perspectiva global ou no Brasil, o presente tópico intenta apresentar algumas notas que ajudam a situar a questão do diálogo como tema e tarefa do catolicismo, enfatizando o Concílio Vaticano II[3] como marco de transformação das relações da Igreja Católica com outras igrejas cristãs e com outras religiões.[4] Contudo, é necessário primeiro apresentar algumas explicações nesse breve introito a seguir.

O cenário mundial contemporâneo apresenta-se como um mosaico de pluralidade religiosa e cultural, no qual, paradoxalmente, convivem o desejo por solidariedade e a persistência de tensões fundamentadas no dogmatismo e na intolerância (Nascimento, 2018a).

É diante deste horizonte complexo que o diálogo inter-religioso emerge como um desafio para as igrejas cristãs. Compreender o papel das instituições religiosas nesse processo torna-se, portanto, fundamental para a construção de uma paz duradoura, conforme ressaltado pela máxima de Hans Küng (1993) de que não haverá paz entre as nações sem paz entre as religiões.

Desse modo, o presente capítulo dedica-se a explorar a trajetória histórica da ICAR no que concerne à sua relação com outras tradições de fé. Segundo Ferraz (2020), tradicionalmente marcada por séculos de posturas exclusivistas, a Igreja vivenciou, ao longo do século XX, uma guinada significativa em sua compreensão da alteridade. A história desse diálogo é composta por um percurso de amadurecimento teológico e pastoral, que buscou superar a mentalidade de “bastilha” em direção à imagem de uma Igreja “hospital de campanha”, aberta aos sinais dos tempos (Francisco, 2013).

O marco divisor de águas para essa nova postura institucional é a realização do Concílio Vaticano II. Sob a inspiração profética de João XXIII e a busca pelo *aggiornamento*, a Igreja Católica redefiniu sua presença no mundo hodierno. Por meio

[3] Vale frisar que ao longo da história foram realizados 21 Concílios (Bellito, 2010).

[4] Mais uma vez destaca-se que, para os fins desta pesquisa, é fundamental distinguir o ecumenismo do diálogo inter-religioso. Enquanto o ecumenismo refere-se ao diálogo e busca de unidade entre as diversas igrejas e comunidades cristãs (como católicos, ortodoxos e protestantes), o diálogo inter-religioso possui um espectro mais amplo, voltando-se para a relação, o entendimento e a colaboração entre o cristianismo e outras tradições religiosas (como o islã, o judaísmo, o budismo, entre outras) (Teixeira; Dias, 2008).

de documentos como a Declaração *Nostra Aetate*[5] (que reconhece a existência de elementos de verdade e santidade em outras tradições religiosas) e a *Dignitatis Humanae* (que estabelece a liberdade religiosa como um direito fundamental da pessoa humana), o Concílio não apenas legitimou, mas também veio a impulsionar o diálogo como método de aproximação, cooperação e comunhão.

Este capítulo, portanto, tem por objetivo delinear o desenvolvimento histórico desse diálogo, apresentando registros, eventos e transformações que moldaram essa nova relação. Inicia-se com uma reflexão sobre as notas históricas que, desde as cisões entre Ocidente e Oriente até os desafios da modernidade, situam a questão do diálogo como uma tarefa do catolicismo contemporâneo. Posteriormente, explora-se o Concílio Vaticano II não como um evento encerrado, mas como um horizonte em constante construção, cujos desdobramentos, tanto nacionais como internacionais, com foco no cenário brasileiro, revelam as tensões e os avanços de uma Igreja que busca se inserir no mundo para servir.

Ao revisitar marcos como o Parlamento Mundial das Religiões e a Jornada Mundial da Oração pela Paz em Assis, convocada por João Paulo II, este capítulo demonstra que o diálogo inter-religioso formal é um fenômeno de crescente maturidade. Compreende-se que há uma transição de uma teologia do confronto, para uma teologia do encontro, na qual as alteridades não são vistas como ameaças, mas como interlocutoras em um caminho de mútuo enriquecimento (Santos; Cardoso, 2019).

Desse modo, ao percorrer as seções que compõem este primeiro capítulo, o leitor será convidado a compreender que a abertura ao outro não é uma concessão da fé católica, mas a plena realização de seu testemunho evangélico. Este percurso histórico é, em última análise, a base necessária para sustentar a reflexão que se seguirá no projeto teológico-pastoral do Papa Francisco. Ao reconhecer o legado conciliar e as lições aprendidas nos desdobramentos internacionais, torna-se possível perceber a extensão do impacto desse diálogo diante de crises contemporâneas, tais como as guerras, a migração e a emergência ecológica, consolidando a compreensão de que o diálogo é fundamental para a construção da paz.

---

[5] Nesse contexto faz-se relevante lembrar que essa Declaração pode ser considerada um dos marcos históricos mais significativos do diálogo inter-religioso para os cristãos católicos, a qual veio a versar não apenas sobre a própria Igreja Católica, mas também religiões não cristãs (Vieira, 2018). Essa Declaração será abordada, com maiores detalhes, no decorrer deste capítulo.

A história do diálogo entre igrejas e religiões, para o catolicismo romano, é marcada por conflitos, mas também por aproximações. Acerca da cisão entre o cristianismo do Ocidente e do Oriente, por exemplo, afirma Wolff (2012, p. 70) que:

> Durante não poucos séculos, as Igrejas do Oriente e do Ocidente seguiram por caminhos próprios, unidas, contudo, pela fraterna comunhão da fé e da vida sacramental. Quando entre elas surgiam dissensões acerca da fé ou da disciplina, era a Sé de Roma quem, de comum acordo, as resolvia.

É importante destacar que isso não implica afirmar que entre a Igreja Católica e as demais expressões religiosas não existam diferenças, afinal, elas não apenas existem, como também são bastante diversas. Voltando-se o olhar especificamente para o aspecto histórico do Ocidente, Queiruga (2015, p. 10-11), assim afirma:

> Uma olhadela pela história do Ocidente mostra facilmente que até o Renascimento a cultura religiosa caminhou unida com a profana e até mesmo constituiu, de certa maneira, seu fundamento. Contudo, a partir do fracasso – uma magnífica oportunidade perdida – do *Humanismo cristão*, a separação tornou-se cada vez mais profunda. A Reforma protestante supôs uma forte sacudidela e propiciou um avanço, mas ficou demasiadamente aprisionada em “disputas de família”, em controvérsias confessionais que não entravam de cheio no cerne da mudança cultural que estava sendo gestada. Concretamente, para nos atermos ao catolicismo, uma ortodoxia estreita, acentuada polemicamente pela oposição à Reforma, buscava no passado a segurança doutrinal. A escolástica converteu-se em um útero protetor para onde a ciência da fé acorria cada vez que a cultura apresentava um novo desafio. A teologia, em lugar de se transformar de forma vital para assimilar os novos dados, criando as fórmulas e os conceitos que pudessem manter viva e atual a presença da fé na história, optou teimosamente pela restauração: o vinho das novas experiências era posto à força nos velhos odres do pensamento escolástico.

Diante desse cenário de restauração e fechamento explicado por Queiruga, a tarefa do diálogo contemporâneo surge como um esforço de superação daquela ortodoxia estreita, buscando novos odres para o vinho das experiências atuais. Nesse sentido, o diálogo deixa de ser uma mera concessão para se tornar um instrumento essencial de resolução de conflitos e de abertura para a alteridade.

Assim, a busca pela construção de uma comunidade em que todas as pessoas se reconheçam irmanadas deixa de ser uma utopia para se tornar uma necessidade histórica. Com efeito, a tarefa dialógica, sem a pretensão de reduzir as diferenças a uma crença comum, firma-se como um caminho para a promoção da paz (Nascimento, M. 2018). No que se refere à importância da relação entre religião e diálogo, assim sustenta Toneti (2025, p. 99):

> Na verdade, o compromisso com o diálogo se enriquece quando buscamos um caminho para a promoção de uma vida digna que faça sentido para

> aqueles que vivem a fé cristã, assim como também contribua para uma compreensão mais profunda por parte daqueles que estão fora da Igreja, num corolário de reconhecimento da diversidade como uma oportunidade para criar laços sociais mais fortes e enfrentar indiferenças. O diálogo contribui sobremaneira para a criação de uma comunidade mais genuinamente universal, permitindo uma transformação da realidade por seu encontro com o Evangelho e a transformação da Igreja por meio do encontro com outras culturas.

Nota-se, no pensamento de Toneti, que o diálogo é pensado desde uma perspectiva cristã. Sanchez (2021, p. 93), sobre o diálogo, assim afirma:

> Falar em diálogo é falar em abertura, disposição e acolhimento. O diálogo é uma atitude e uma ação na direção da alteridade. No diálogo, alteridades entram em comunicação, em interação; no diálogo, as alteridades se transformam na direção de uma realidade que está além de quem dialoga. O diálogo, portanto, está muito acima da estratégia de entendimento entre dois sujeitos, pois ele é princípio, um *a priori*, nas relações entre pessoas/grupos/instituições que estão desafiadas a viver juntos.

Desse modo, para Sanchez (2021), o diálogo é, em si, caminho de aproximação. O diálogo não é utilitarista, visando resultados apenas, ele mesmo se instaura como processo.

O contexto atual de secularização e de pluralismo religioso (Tracy, 2006), desafia as igrejas cristãs tanto em virtude da convivência com diferentes expressões de fé, como também exige uma resposta a respeito do modo como, teologicamente, a Igreja Católica compreende as outras religiões e se compreende em meio a esta pluralidade. Diante desse contexto emerge a tarefa de pensar a teologia de um modo que exista uma maior abertura às diferenças de fé, é o que também se pode depreender das palavras de Wolff (2012, p. 7):

> A sociedade globalizada tem como uma de suas principais características a pluralidade de culturas, de saberes, de expressões religiosas. Isso possibilita, e até exige, a capacidade da convivência das diferenças em todos esses campos. Tal convivência não é isenta de tensões, mas essa não precisa ser sua característica principal. Ela pode também acontecer na interatividade e complementaridade. Tudo depende de como nos posicionamos no contexto plural. O fato é que há pouca chance para o monopólio. Pode-se não concordar com a cultura ou religião do outro, mas urge aprender a respeitar e aceitar que o outro tem o direito de, livremente, ser e de crer em conformidade com a sua tradição[6] e a sua consciência.

Assim, da mesma forma que o encontro entre culturas e religiões representa um desafio a outras crenças, o mesmo se pode dizer em relação à teologia católica, nesse contexto, Queiruga (2015, p. 160) assim explica:

---

[6] Nesse contexto, Passos (2025), lembra que, para Francisco, a tradição não deve ser entendida como acúmulo de normas ancestrais, mas sim como dinâmica vital: fonte, e não museu.

> A marcha do mundo e de sua cultura, assim como o contato vivo entre as diversas religiões nos fizeram muito conscientes de que a vivência religiosa se encontra numa situação nova; em aspectos importantes, radicalmente nova. De sorte que, sem pretender de modo algum romper a continuidade com o passado de nossas tradições, compreendemos que, hoje em nosso mundo, a melhor prova de fidelidade às mesmas consiste em procurar adequá-las às novas circunstâncias, como resposta a suas perguntas e problemas, como humilde tentativa de nos transformar de acordo com suas legítimas exigências. Sabemos que não o conseguiremos na medida em que seria de desejar e a nós nos agradaria; mas, ao menos, queremos dar um testemunho sincero de que esta é nossa intenção, e até nos atrevemos a propô-la também como convite para que os demais se unam a essa nossa intenção.

As citações acima refletem o desafio posto às distintas tradições religiosas que, diante de novos contextos culturais e históricos, são confrontadas com a tarefa de pensar, por um lado, os aspectos constituintes da fé cristã e, por outro, a possibilidade de abertura e encontro com outras expressões religiosas. Um marco decisivo para a abertura do diálogo do catolicismo com a sociedade, com outras igrejas cristãs e com outras religiões é o Concílio Vaticano II[7].

A teologia das religiões (também teologia pluralista ou teologia do pluralismo religioso), depois do Concílio Vaticano II, parte de uma perspectiva cristã e dela pensa as relações com e entre as religiões. Para o documento “A Igreja e as outras religiões: diálogo e missão” (1984), o diálogo “Indica não só o colóquio, mas também o conjunto das relações inter-religiosas, positivas e construtivas, com pessoas e comunidades de outras confissões religiosas, para um mútuo conhecimento e um recíproco enriquecimento.” Segundo Wolff (2012, p. 7):

> O Concílio Vaticano II situa a Igreja nesse contexto plural. Não mais no sentido de confronto e polêmica, mas no horizonte do encontro, do diálogo, da cooperação, da comunhão. São expressões que caracterizam bem os esforços de renovação da Igreja, tanto *ad intra* quanto *ad extra*. E muito a Igreja tem feito para que o “diálogo”, a “cooperação”, a “comunhão” não sejam conceitos vazios: cria estruturas para a promoção do diálogo, como os Dicastérios que promovem o ecumenismo e o encontro das religiões, integra-se definitivamente no movimento ecumênico, em organismos que promovem o diálogo, e orienta as Conferências Episcopais de todo o mundo para que assim o façam.

Especificamente em relação ao anúncio do Concílio Vaticano II, pode-se dizer que este foi inesperado. A relação da Igreja com a sociedade, inclusive, recebia distintas concepções entre os pontífices da primeira metade do século XX. João XXIII, contudo, torna-se uma figura que catalisa um momento histórico, levando a Igreja a pensar sobre sua relação com o mundo (Souza; Ferreira, 2025, p. 18).

[7] Uma abordagem mais ampla do Concílio Vaticano II será vista no tópico 2.2.

Um dos teólogos que participaram do Concílio Vaticano II e que desenvolveu relevante pensamento no que concerne ao diálogo entre as religiões foi Hans Küng (1928-2021). Este autor compreende o diálogo como central para se pensar a teologia no século XX. Sobre seu pensamento, explica M. L. Nascimento (2018, p. 20):

> O caminho que conduz ao diálogo na concepção de Küng [...] passa pela verdade, liberdade religiosa, e o estabelecimento de uma criteriologia inter-religiosa, aplicável a todos os credos, dada a necessidade de distinguir entre a verdadeira (boa) e falsa (má) religião, sintetizada da seguinte forma: a) Critério ético geral: uma religião é verdadeira ou boa, quando é humana, não oprime ou violenta, mas protege e acarinha os seres humanos. b) Critério inter-religioso geral: uma religião é boa ou verdadeira, quando permanece fiel a sua origem ou ao seu cânone, ou seja, a sua autêntica "essência", as suas sagradas escrituras ou figuras normativas. c) Critério especificamente cristão: uma religião é verdadeira e boa quando na sua teoria e prática dão testemunho de Jesus Cristo. Estes critérios que buscam sintetizar os valores da verdadeira religião elaborados por Hans Küng, demonstram sua permanente preocupação com o princípio ético da verdade em todo e qualquer tipo de diálogo.

É conhecida a compreensão de Küng (1993), que apenas existirá paz entre as nações se existir paz entre as religiões, e que, por sua vez, a paz entre as religiões é resultado de um processo concreto de diálogo. Para a Igreja Católica, em especial com o Concílio Vaticano II, o encontro com as outras tradições religiosas permite acolher aspectos que enriquecem a própria fé cristã. Nesse sentido, a Declaração *Nostra Aetate* (n. 2), apresenta, de forma clara, o espírito do diálogo inter-religioso, nos seguintes termos:

> A Igreja católica nada rejeita do que nessas religiões existe de verdadeiro e santo. Olha com sincero respeito esses modos de agir e viver, esses preceitos e doutrinas que, embora se afastem em muitos pontos daqueles que ela própria segue e propõe, todavia, refletem não raramente um raio da verdade que ilumina todos os homens. No entanto, ela anuncia, e tem mesmo obrigação de anunciar incessantemente Cristo, "caminho, verdade e vida" (Jo. 14,6), em quem os homens encontram a plenitude da vida religiosa e no qual Deus reconciliou consigo todas as coisas. Exorta, por isso, os seus filhos a que, com prudência e caridade, pelo diálogo e colaboração com os sequazes doutras religiões, dando testemunho da vida e fé cristãs, reconheçam, conservem e promovam os bens espirituais e morais e os valores sócio culturais que entre eles se encontram.

No que diz respeito ao valor e reconhecimento abrangidos por essa declaração, Wolff (2012, p. 8) afirma:

> A Declaração *Nostra Aetate* (NA) expressa o reconhecimento pela Igreja de tudo o que há de "verdadeiro" e de "santo" nas diversas tradições religiosas. Afirmação revolucionária com significativas implicações tanto para a reflexão teológica, quanto para a espiritualidade e a ação missionária da Igreja. E exorta os fiéis católicos para que participem e promovam o diálogo e a

> colaboração com os membros das diferentes religiões, no respeito pelas diferentes formas de crer e na busca da fraternidade universal.

Vale igualmente destacar aqui a Declaração *Dignitatis Humanae*[8], afinal, esta também é fundamental para a compreensão dos motivos e o modo como a Igreja Católica vem participando e promovendo o diálogo ecumênico e inter-religioso, é o que explica Wolff (2012, p. 8):

> A Declaração *Dignitatis Humanae* (DH), por sua vez, mostra que não pode haver diálogo ecumênico e inter-religioso sem a liberdade religiosa. Afirma ser a liberdade religiosa um direito fundamental do ser humano, constitutivo da própria dignidade e expressão de sua consciência. Essa liberdade religiosa vincula-se com a própria revelação de Deus, com suas multiformes expressões na história da salvação.[9]

Nessas palavras se percebe a presença do respeito e também de verdades, valores e reconhecimentos considerados sagrados, tanto para a Igreja Católica, como também para outras tradições religiosas. Isso é importante porque não vem apenas a incentivar os católicos a promoverem o respeito, a colaboração e o testemunho cristão, mas também possibilitar que os católicos possam conviver e compreender outros credos, sem, contudo, abrir mão de sua própria identidade e fé.

A ausência de diálogo pode derivar em conflitos que tenham por base uma lógica de exclusão, na qual prepondera a posição dos detentores de poder. Tal contraste entre diálogo e conflito é refletida por Küng:

> Quem se dispõe a dialogar, não se socorre da disciplina rígida, abominará a discriminação dos dissidentes, ou o combate aos hereges. Quem se dispõe a dialogar tem de possuir a força e a energia interiores necessárias para aguentar um diálogo e sempre que for preciso, respeitar o ponto de vista de seu interlocutor. Pois uma coisa é certa: este sentimento de intolerância face aos dissidentes, que ressurge constantemente por todo o mundo e em todas as religiões, é em tudo alheio à virtude da capacidade de diálogo. E é desta última, de fato, que depende literalmente a sobrevivência física e psíquica de todos nós (Küng, 1990 *apud* Nascimento, 2018a, p. 19).

As religiões carregam para o diálogo aquilo em que acreditam. O Papa Francisco, ao assumir o diálogo com o contexto contemporâneo, o fez sustentado pela sua tradição de fé. Ao comentar a *Fratelli Tutti*, Aquino Júnior (2025, p. 169) explica

---

[8] Conforme explica Favretto (2022), a Declaração *Dignitatis Humanae* se refere à liberdade religiosa, afirmando que se trata de um documento que foi fruto dos debates sobre a relação da Igreja com o mundo contemporâneo, vindo a propiciar uma metodologia teológico-pastoral que conduziu os padres conciliares à visualização da realidade histórica do mundo, *locus revelationis* de Deus, com a intenção de que a Igreja, a partir de então, conseguisse cumprir a sua missão evangelizadora e pastoral, por meio do espírito de diálogo, de serviço e de comunhão.

[9] Embora o Decreto *Unitatis Redintegratio* (*UR*), também seja muito relevante nesse contexto, ele será abordado, com maiores detalhes, em momento mais oportuno.

que:

> [...] Francisco insiste na importância e na contribuição das religiões e do diálogo entre as religiões para a “construção da fraternidade e para a defesa da justiça na sociedade” (271). Não se trata de mera “diplomacia, amabilidade ou tolerância”, mas de “estabelecer amizade, paz, harmonia e partilhar valores e experiências morais e espirituais em espírito de verdade e amor” (271).[10]

Como se pode observar por meio das explicações e citações acima sobre o diálogo, ao assumir a tarefa do encontro e da abertura às outras religões, a Igreja Católica não se exime de enfrentar tensões e conflitos, mas assim o faz, desde o Concílio Vaticano II, com uma perspectiva de construção de pontes, promovendo assim uma aproximação mútua. Como explica Küng (1990 *apud* Nascimento, 2018a, p. 18-19): “O diálogo entre as religiões, quer seja de alcance tanto mundial quanto local, é precedido pela tolerância e respeito aos diferentes. A capacidade de diálogo costuma ser, em última análise, ‘uma virtude da predisposição para a paz’”.

No próximo tópico apresentam-se notas históricas que estão incutidas nessa temática e que constituem registros e análises documentais que foram e continuam sendo muito relevantes para a construção e efetivação do diálogo inter-religioso em suas mais diversas vertentes.

2.1 Eventos de encontro entre as religiões

A história da relação do catolicismo com outras religiões retrocede às suas origens. Em razão do recorte temporal escolhido para a presente pesquisa, compreendendo a relevância do Concílio Vaticano II, compreende-se como pertinente observar alguns acontecimentos que desde o século XIX vão constituindo chaves para se pensar o catolicismo, de tal modo que se torne possível avaliar transformações relacionais com outras igrejas cristãs e com outras religiões.

A respeito do período pré-conciliar, Souza e Ferreira (2025, p. 17-18) afirmam o seguinte:

> O período que antecede o Concílio Vaticano II revela uma sociedade repleta de mudanças, um palco grandioso de transformações. Em pouco tempo diversos acontecimentos trouxeram grandes transformações que afetaram a humanidade. O evento, do século XIX, convocado pelo Papa Pio IX, o Concílio Vaticano I (1869-1870), não chegou ao seu fim devido à Guerra Franco-Prussiana. Esse fato assinala uma ruptura decisiva nas relações

[10] O número 271, entre parênteses, se refere à numeração da *FT*.

> político-social e ético-culturais que o êxito do conflito transparecia. O fato particular é na realidade revelador de uma série de fenômenos que se pensava terem sido superados cinquenta anos antes.

É importante frisar que a Igreja no século XIX, em particular no pontificado de Pio IX, se via como uma “fortaleza” para não ser, por assim dizer, “contaminada” pelo mundo, usando essa postura como uma estratégia de defesa. Sobre esse fechamento, Queiruga (2015, p. 9) afirma:

> A clausura que celebrava solenemente em 8 de dezembro de 1965 não era tão somente o trabalho de cinco anos tensos e intensos. Era a clausura oficial de uma inteira época histórica. Época decisiva também para a humanidade, mas que o é de uma maneira especial para uma Igreja que se tinha encontrado cada vez mais (auto)marginalizada, ou seja, tendendo a se fechar sobre si mesma e excessivamente afastada do processo geral que renovava pela raiz a cultura e a sociedade.

Conforme explica Teixeira (2024), a mudança de percepção teológica da Igreja possibilitou uma nova visão sobre as outras religiões, uma vez que, como já citado, antes da realização do Concílio o que predominava era justamente uma postura exclusivista da Igreja (Ferraz, 2020). Portanto, o Concílio Vaticano II acabou por introduzir uma abertura inclusivista, passando a reconhecer sementes de verdade e santidade em outras tradições religiosas.

> Já não vivemos tempos de Cristandade. As religiões, enquanto instituição, sofrem enorme desgaste. Nenhuma conseguirá encontrar sozinha caminhos para falar às pessoas da pós-modernidade. O diálogo traz substancial contribuição para o impasse presente (Teixeira, 2024, p. 7).

Antes do Concílio, o magistério católico tinha por base a máxima “fora da Igreja não há salvação” (*Extra Ecclesiam nulla salus*), interpretada de forma rigorosa. As outras religiões eram vistas como caminhos “errados”, e a Igreja adotava uma postura de “fortaleza” para proteger o dogma (Queiruga, 2015).

Quanto à liberdade religiosa, o ensinamento predominante era de que “o erro não tem direitos”. Logo, o Estado deveria idealmente ser católico e apenas tolerar, por necessidade pública, outros cultos. Documentos como o *Syllabus* (1864) de Pio IX condenavam explicitamente a ideia de que o homem seria livre para escolher qualquer religião ou que o catolicismo deveria se reconciliar com o progresso e o pluralismo moderno. Sobre tal contexto, compreende Queiruga (2015, p. 11-12) que:

> A partir de meados do século XIX, as tentativas teológicas que procuravam repercutir a pressão do ambiente e acolher a nova evidência acumulada, até mesmo quando essas tentativas eram tão profundas e ortodoxas como as da Escola de Tübingen, os esforços, tanto do Cardeal Newman como os de

> Antonio Rosmini, acabaram por ser marginalizados sem nenhuma remissão. O *Syllabus* (1864), o Vaticano I (1870) e a encíclica *Aeterni Patris* (1879) marcaram a segunda grande restauração escolástica. Muitos anos atrás, Yves Congar o expressou de uma maneira sucinta e acertada: "De uma forma geral, as poucas respostas criativas propostas no século XIX foram escutadas apenas tardiamente. Naquele momento histórico, foram preferidas as restaurações". O resultado fatal foi que o século XX, com sua novíssima problemática, acabou sendo enfrentado, em nível teológico, com uma pesadíssima armadura conceitual forjada fundamentalmente no século XIII.

Conforme explica Vieira (2018), os esforços relacionados ao diálogo inter-religioso, embora relativamente recentes, estão cada vez mais conquistando um importante espaço nas agendas das mais diversas religiões, sendo um de seus marcos históricos a realização do Parlamento Mundial das Religiões[11], que foi dividido em quatro edições, e também a Jornada Mundial da Oração, tendo como motivador o Papa João Paulo II.

O Parlamento Mundial das Religiões aconteceu entre os dias 11 a 27 de setembro de 1893, na cidade de Chicago, nos Estados Unidos. Entre seus participantes se encontravam líderes estudantis, teólogos e representantes das dez maiores expressões religiosas do mundo. O evento foi recebido como um marco de encontro entre religiões (Vieira, 2018; Nascimento, M. 2018; Ferraz, 2020).

Conforme explica Vieira (2018), o objetivo inicial desse primeiro encontro foi o de debater a relevância da religião, da fé e da espiritualidade no mundo moderno. Vale frisar que o ponto central deste encontro foi a questão da diferença das concepções religiosas entre o Oriente e o Ocidente; ainda, no que se refere à sua história, tem-se a citação transcrita a seguir:

> Realizado como parte da Exposição Colombiana Mundial às margens do Lago Michigan, o Parlamento Mundial das Religiões de 1893 marca a primeira reunião formal de representantes das tradições espirituais orientais e ocidentais. Hoje, o Parlamento de 1893 é reconhecido como o berço do movimento inter-religioso mundial. O Parlamento Mundial das Religiões foi o ponto central e o mais notável dos muitos congressos realizados como parte da Exposição. Para preparar o evento, um comitê diretor foi composto por dezesseis líderes cristãos e judeus de todo o mundo. O Parlamento reuniu cerca de quatrocentos homens e mulheres representando quarenta e uma denominações e tradições religiosas. Durou dezessete dias em setembro de 1893. De todos os congressos, o Parlamento das Religiões foi de longe o mais popular entre o público e a imprensa. Um público de quatro mil pessoas ou mais compareceu a cada uma das sessões diárias. O Parlamento Mundial das Religiões de 1893 foi inaugurado em 11 de setembro no Permanent Memorial Art Palace, agora conhecido como Art Institute of Chicago (Parlamento Mundial das Religiões, 2025, s.p.).

[11] A declaração do Parlamento Mundial das Religiões, cujo anteprojeto foi elaborado por Hans Küng, pode ser traduzida, na opinião do autor: "[...] como uma primeira tentativa de mapeamento do *ethos* mundial da humanidade ou, mais precisamente, do *ethos* mundial das religiões" (Ludmer, 2014, p. 56).

O segundo evento ocorreu um século depois, em 1993, também em Chicago, no qual estiveram presentes mais de sete mil pessoas das mais diversas expressões religiosas, reproduzindo assim a diversidade que também pôde ser observada no primeiro Parlamento. O foco deste evento foi a busca por soluções para os problemas da humanidade, por meio do diálogo e do esforço comum. No final deste segundo evento foi preparado um documento que recebeu o nome de “Declaração de Ética Mundial”, que ressalta a importância da não violência, do respeito à vida, tolerância, igualdade de direitos, entre outros (Vieira, 2018); essa mesma linha de entendimento também é relatada por M. L. Nascimento (2018, p. 42-43):

> O caminho para a organização do mais importante Parlamento Mundial das Religiões que, além de celebrar o centenário da realização do primeiro (1983-1993), apresentou ao mundo o projeto de uma ética mundial trabalhado por Küng desde os primórdios de 1980. Este processo foi na concepção da doutora Christel Hasselmann [...], a “gênese da Declaração sobre Ética Global”. Na América, havia-se constituído um grupo de interessados nas questões inter-religiosas, com o objetivo de organizar o segundo Parlamento das Religiões Universais, ao mesmo tempo em que na Alemanha, Hans Küng vinha trabalhando em uma ideia por ele denominada de “Projeto *Ethos* Mundial”. Os organizadores do Parlamento e Küng se reuniram em 1989 na Universidade de Chicago, quando Hans Küng teve oportunidade de expressar seus anseios. A seguir, o Conselho do Parlamento conferiu a Küng o encargo de esboçar uma “Declaração das Religiões em favor de uma Ética Global”. Com isto, Küng assumiu um empreendimento carregado de problemas. “Pela primeira vez na história das religiões seria elaborada uma declaração ética que poderia ser aceita pelos membros de todas as religiões do mundo, modelos para isto eram inexistentes”.

A seguir é descrito um dos trechos dessa “Declaração de Ética Mundial”, o qual respalda direitos e valores como respeito à vida, igualdade, tolerância, etc.:

> Vez por outra vemos líderes e membros de religiões incitando agressão, fanatismo, ódio e xenofobia – até mesmo inspirar e legitimar violentos e sangrentos conflitos. A religião muitas vezes é mal utilizada para objetivos puramente políticos do poder, incluindo guerra. Estamos cheios de nojo. Condenamos essas agruras e declaramos que elas não precisam existir. Uma ética já existe dentro dos ensinamentos das religiões mundiais que podem contrariar a angústia do mundo (Council for a Parliament of World’s Religions *apud* Ferraz, 2020, p. 23).

Já o terceiro encontro foi realizado em 1999, na cidade do Cabo, na África do Sul. Um dos marcos foi a sua abertura para outras organizações não religiosas, tais como governos, educadores, cientistas, artistas, empresas, meios de comunicação e também outras organizações da sociedade civil. O projeto abriu a possiblidade de

construção de projetos comuns entre as religiões (Vieira, 2018).[12]

O quarto Parlamento das Religiões do Mundo ocorreu em 2004, na Espanha, mais precisamente em Barcelona. O tema deste encontro foi “Caminhos da paz: a sabedoria de escutar, o poder do compromisso”. Participaram desse evento mais de mil conferencistas de 85 nações. No decorrer de sua realização os teólogos Raimon Panikkar e Javir Melloni realizaram uma conferência na qual debateram o tema: “A religião, causa da guerra ou caminho da paz”[13,14] (Vieira, 2018).

Em 2023, Chicago recebeu um novo evento do Parlamento, celebrando os 130 anos da primeira edição. O tema “A Call to Conscience: Defending Freedom & Human Rights” (Um chamado à consciência: defendendo a liberdade e os direitos humanos). O evento sediou diversas mesas e debateu temas candentes da sociedade hodierna, caminhando justamente na contínua construção de um projeto de ética que possa ser compartilhado por diferentes religiões (Parliament of the World’s Religions, 2023).

Conforme já relatado, além do Parlamento Mundial das Religiões, a Jornada Mundial da Oração pela Paz foi outro marco histórico relevante e que também está relacionado ao diálogo inter-religioso. O evento ocorreu em Assis, na Itália, e contou com a participação de autoridades de todas as Igrejas das religiões do mundo inteiro que foram convidadas pelo então Papa João Paulo II (Agence France-Presse, 2011); ainda, nesse contexto, M. L. Nascimento (2018, p. 37), assim relata:

> No sentido de colocar em prática o espírito do Concílio Vaticano II com relação às religiões, o Papa João Paulo II teve sua primeira ação concreta e audaciosa ao convidar líderes das mais diferentes religiões para participarem de um Encontro de Oração pela Paz. Este evento foi anunciado na festa da conversão de São Paulo em 1986, em que ele esclareceu que o formato do encontro seria estabelecido com a participação de todas as lideranças envolvidas.[15]

Segundo Vieira (2018), o propósito desse encontro era o de rezar e jejuar em

---

[12] Embora Vieira (2018), tenha destacado que um dos marcos desse encontro foi a sua abertura para outras organizações não religiosas, Nascimento (2018), menciona que o foco desse encontro foi a luta contra a AIDS e que estiveram presentes sete mil pessoas.

[13] Durante suas explanações Raimon Panikkar e Javir Melloni foram categóricos em afirmar que é muito fácil apropriar-se das religiões, e, em seu nome, tanto realizar as melhores ações, como também as piores atrocidades da história, por culpa de homens que se sentem prepotentes ou excessivamente inseguros (Vieira, 2018).

[14] Segundo Nascimento (2018), esse evento contou com a participação de oito mil assistentes, tendo sido celebrado dentro do marco do Fórum Universal das Culturas.

[15] Conforme explica Nascimento (2018), foram realizadas duas outras Jornadas de Oração pela Paz: a segunda, também por iniciativa de João Paulo II, ocorreu em Assis, no dia 24 de janeiro de 2002; já a terceira ocorreu em 27 e 28 de outubro de 2011, por iniciativa do Papa Bento XVI em comemoração ao 25º aniversário da Jornada de Assis. Contudo, é importante lembrar que houve também um quarto encontro, que foi promovido por Francisco em 20 de setembro de 2016, cujo tema foi: “Sede de paz. Religiões e culturas em diálogo” (Agência Info Salesiana, 2016).

prol da paz mundial, como parte das comemorações do Ano Internacional da Paz, o qual foi promovido pelas Nações Unidas. Vale frisar que esse encontro representou um marco fundamental no campo do diálogo inter-religioso, tendo atraído a atenção do mundo e deixando claro que só será possível haver paz no mundo quando, além do entendimento político dos governantes, houver também o entendimento entre as mais diversas expressões de fé.

Ao finalizar essa primeira parte é importante destacar que, embora a Igreja tenha mantido por séculos uma postura de isolamento, no século XX ela se insere em um processo de abertura. Já no século XIX, iniciativas como o Parlamento Mundial das Religiões, abrem caminhos de encontro e de diálogo. Tal evento constitui a primeira tentativa formal de reunir as grandes tradições de fé para um intercâmbio de ideias. Ainda que, naquela época, a participação católica tenha sido pautada pela cautela institucional, esse evento serviu para plantar a semente da percepção de que a religião deveria ser um fator de unidade, não de divisão. É apenas em meados do século XX, porém, que a Igreja assume decididamente a tarefa do diálogo, vários fatores contribuíram para essa emergência, tais como a comunicação crescente entre povos, a pluralidade religiosa mais visível e uma nova sensibilidade em face dos valores espirituais de outras tradições, preparando o terreno para a maior transformação institucional do catolicismo moderno. No próximo tópico será discutido, especificamente, a realização do Concílio Vaticano II e do que ele representa aos fiéis da Igreja Católica.

2.2 Concílio Vaticano II

O Concílio Vaticano II é um evento relevante para a Igreja Católica e, como afirma Ney de Souza (2025, p. 18), pode ser visto como “um marco importantíssimo na história da Igreja Católica, um divisor de águas”, podendo ser considerado como “o símbolo máximo da mediação no século XX. Assembleia corajosa no diálogo com a modernidade. Acontecimento central para o estudo da virada da Igreja em relação à modernidade”. Para Souza e Ferreira (2025, p. 13-14):

> Desde aquela bucólica e icônica manhã de inverno romano, na qual se deram os atos derradeiros do Vaticano II até hoje, passaram-se seis décadas. São sessenta anos que marcam o fim da assembleia convocada por João XXIII, adjetivada por ele mesmo como “novo pentecostes” ou “flor de inesperada primavera” cujo objetivo era promover o “*aggiornamento*” da Igreja Católica.

> Com ele, quase cinco séculos de um conturbado, beligerante e controverso relacionamento com a modernidade foi, em certa medida, mitigado, repropondo o lugar da Igreja na sociedade contemporânea. Seis decênios depois o legado desse evento permanece vivo, a despeito da polarização e de estar fincado entre avanços, resistências e desafios inconclusos.

Nesse contexto, Favretto (2022), explica que foi nesse clima de significativa renovação e de uma profunda necessidade de transformação da postura da Igreja, no que se refere à modernidade que o Papa João XXIII anunciou, em 25 de janeiro de 1959, a realização do Concílio Vaticano II, convocado em 1961 por meio da bula *Humanae Salutis*, tendo sido oficialmente aberto no dia 11 de outubro de 1962, evento este que ficou marcado como promissor de um processo de renovação eclesial, não apenas na dimensão *ad intra Ecclesia*, mas também na relação da Igreja com o mundo contemporâneo.

Ainda, segundo este autor, foi justamente por essa razão que esse Concílio, mesmo tendo dois papas[16], foi marcado pelo unívoco espírito de diálogo interno da Igreja, e desta com a modernidade, presente na contemporaneidade histórica e também no espírito filosófico de autonomia do ser humano e de efetividade da ciência moderna (Favretto, 2022). Nessa linha, corrobora Ferraz (2020, p. 43):

> O Concílio Vaticano II teve início no pontificado do Papa João XXIII (1958-1963) e conclusão sob o pontificado de Paulo VI (1963-1978), realizado em quatro sessões, entre os dias 11 de outubro de 1962 e 8 de dezembro de 1965. Anunciado em 25 de janeiro de 1959, sendo convocado pelo Papa João XXIII no dia 25 de dezembro de 1961 através da bula papal *Humanae Salutis*. Suas formulações visavam a um melhor diálogo entre a Igreja e o Mundo Contemporâneo. Segundo Martín Dreher, o "termo central durante aquele concílio foi a palavra *aggiornamento*, com o qual se acentuaram aceitação e engajamento nos desafios dos tempos presentes à luz da fé católica". O concílio propôs o diálogo como novo método de aproximação do momento histórico, das outras igrejas cristãs e tradições religiosas, rompendo com o antigo exclusivismo religioso.[17]

Ferraz (2020), explica que após a realização do Concílio Vaticano II, o

---

[16] Vale lembrar que esse Concílio teve dois papas, sendo o primeiro João XXIII (que faleceu em 3 de junho de 1963), e o segundo Paulo VI, que foi eleito papa em 21 de junho do mesmo ano.

[17] A distinção entre exclusivismo, inclusivismo e pluralismo religioso é fundamental para compreender as diferentes posturas teológicas diante da diversidade de crenças. O exclusivismo defende que apenas uma religião, no caso o cristianismo, é verdadeira e detém a salvação, considerando as demais como falsas ou incapazes de conduzir à salvação. Esta posição, frequentemente associada ao axioma *Extra Ecclesiam nulla salus*, foi gradativamente superada, especialmente após o Concílio Vaticano II. O inclusivismo, por sua vez, embora mantenha a centralidade de Cristo, reconhece que elementos de verdade e salvação podem estar presentes em outras religiões, que seriam como "sementes do Verbo" ou uma preparação para a plenitude cristã, mas sem lhes conceder autonomia salvífica. Finalmente, o pluralismo vai além, afirmando que as distintas religiões são caminhos autênticos, superando a visão de superioridade de uma tradição sobre as outras, propondo um diálogo de igualdade e cooperação (Teixeira, 2014).

magistério da Igreja Católica começou a seguir uma linha inclusivista, e com isso o diálogo inter-religioso passou a se tornar uma temática que foi progressivamente trabalhada pelos papas que antecederam Francisco, deixando a este um terreno fértil no que se refere ao diálogo inter-religioso. Também João Paulo II e Bento XVI[18] discursaram sobre o tema com bastante frequência. Nas palavras de Ferraz:

> Para ficarmos apenas nestes dois últimos papas, podemos destacar os encontros inter-religiosos realizados na cidade de Assis, na Itália. O primeiro ocorreu no ano de 1986, mais precisamente no dia 27 de outubro, quando o Papa João Paulo II proferiu um discurso em favor da paz, diante dos muitos líderes de outras tradições cristãs e religiosas. Este dia ficou marcado como o dia mundial de oração pela paz e foi considerado um marco revolucionário para o DIR. Nem todas as reações referentes à atitude do Papa João Paulo II – de ir ao encontro – foram positivas dentro da Igreja, principalmente nos meios tradicionalistas. Mesmo assim, em outras duas oportunidades João Paulo II esteve presente neste mesmo evento e o Papa Bento XVI em mais uma ocasião em 2011. Tal desconforto causado a alguns seguimentos e ao mesmo tempo aprovação de outros, apontam para a dificuldade em torno da questão do DIR (Ferraz, 2020, p. 50-51).

Sobre a recepção do Concílio Vaticano II na caminhada da Igreja na América Latina, Brighenti (2019, s.p.) assim afirma:

> Na caminhada da Igreja da América Latina, em seu esforço de recepção do Concílio em nosso contexto profundamente desigual e injusto, há 51 anos aconteceu a Conferência de Medellín (1968), há 40 anos a de Puebla (1979), há 27 anos a de Santo Domingos (1992) e há 12 anos a de Aparecida (2007). Impulsionados pelo espírito do Concílio, a Igreja da América Latina suscitou, dentre outras concretizações originais, os círculos bíblicos, as pastorais sociais, as Comunidades Eclesiais de Base – CEBs e as Teologias do Povo e da Libertação.

Sanchez (2021), explica que o Concílio Vaticano II foi o responsável por dar início a uma nova era na relação da Igreja católica com as demais religiões; evento este que, conforme bem explica Usarski, Teixeira e Passos (2022 *apud* Rossi, 2022, p. 117-118), também resultou em significativas repercussões a longo prazo para a Igreja Católica:

> [...] o Concílio Vaticano II foi um evento com repercussões a longo prazo para a Igreja Católica. A Teologia que embasou os documentos conciliares foi desenvolvendo, repercutindo e amadurecendo nos anos seguintes. Já próximo do Concílio foi criado um Secretariado para a Promoção da Unidade dos Cristãos (1960), depois foi confirmado por Paulo VI em 1966. Em 1988 com a Constituição Apostólica *Pastor Bonus*, de João Paulo II, foi elevado à categoria de Pontifício Conselho para o Diálogo Inter-religioso e deste modo passou a ser o organismo de referência para a animação do diálogo com outras religiões.

[18] Conforme bem explica Tornielli (2025), Bento XVI via o diálogo inter-religioso como uma busca comum pela verdade, visando a realização de um diálogo fundamentado em uma “razão aberta”.

Sendo assim, para Sanchez (2021), o Concílio Vaticano II marca um novo momento dentro do catolicismo, a partir do qual o diálogo inter-religioso configura tanto uma nova atitude frente às religiões, como um processo de aproximação efetiva. Essa mesma linha de pensamento também é compartilhada por Villas Boas (2017, p. 92):

> O Concílio Vaticano II inaugura uma nova era que deseja superar uma mentalidade e imaginário de uma época em que a Igreja se torna reguladora moral de um âmbito teocrático, e com isso inevitavelmente se depara com o desafio de dialogar com as novas "condições de vida" do indivíduo moderno que "sofreram tão profunda transformação no campo social e cultural, que é lícito falar duma nova era da história humana" e cria-se assim "novas formas de cultura de que resultam novas maneiras de sentir e de agir". A sensibilidade conciliar não vê isso como um problema a se combater, mas sim como "novos caminhos" que se abrem ao progresso e difusão da cultura.

Foi justamente em razão da realização do Concílio Vaticano II que foi possível auferir um avanço significativo em relação à imagem da Igreja, que a partir de então passava não apenas por um processo de renovação, mas também de reafirmação. Nesse sentido, Souza e Ferreira (2025, p. 14) assim relatam:

> Entre os avanços prodigalizados pelo Vaticano II há a reafirmação de uma nova imagem da Igreja. Eivada por uma consciência menos jurídica e mais profundamente bíblica, pontificou-se a identidade da Igreja enquanto Povo de Deus (*Lumen Gentium*), enfatizando, entre outros, a comum dignidade e a legítima corresponsabilidade de todos os batizados. Na seara litúrgica, a inevitável reforma que vinha sendo gestada pelo movimento litúrgico e assumida, mesmo que com parcimônia, por pelo menos dois papas, foi confirmada. Com ela deflagrou-se um processo que buscava não apenas reformar a prática litúrgica, mas estimular uma vivência mais autêntica e profunda da liturgia, concorrendo para a participação ativa e consciente de toda a comunidade cristã (*Sacrosanctum Concilium*).

É importante frisar que o Concílio Vaticano II representa um marco significativo de abertura para o diálogo com o mundo hodierno. Nesse sentido, Santos (2023, p. 23-24) assim afirma:

> O Concílio Vaticano II (CVII) foi um marco para a história da Igreja em tempos contemporâneos. Isso porque promove uma abertura *ad extra*, ou seja, a Igreja – por meio dos sucessores dos apóstolos – afirma sua necessidade de dialogar e de um olhar fraterno e carinhoso para com toda humanidade. O mesmo pode ser dito quando se fala a respeito de sua relação para com as demais denominações religiosas e, de modo particular, as demais Igrejas cristãs.

Assim, o Concílio Vaticano II ajudou a repensar a Igreja Católica. João XXIII intencionava, com a instauração do concílio, um novo Pentecostes, possibilitando um contexto de revisão de crenças cristalizadas que careciam de *aggiornamento*

(Sanchez, 2021). Barros (2017, p. 21), frisa que: “Após o Concílio Vaticano II (1962-1965), a Igreja deu passos significativos na busca de concretizar em outras perspectivas a reflexão teológica e a prática do diálogo inter-religioso”.

Nesse contexto é importante destacar que, embora o Papa Francisco não tenha participado do Concílio, seu legado, em grande medida, deve ser avaliado como uma continuidade do Concílio.

> O Papa Francisco é o primeiro papa de nossa era que não participou do concílio, mas não existe nenhuma dúvida de que é um papa que tem o espírito do concílio na essência de seu pensamento. Por isso, a interpretação da exortação apostólica *Evangelii Gaudium* representa uma continuidade criativa dos documentos do Concílio Vaticano II (Nascimento, F. 2018, s.p.).

O Concílio Vaticano II opera um movimento de saída de seu isolamento e abre a Igreja ao diálogo com a modernidade, promovendo uma nova autocompreensão de serviço à humanidade. Abre-se, assim, para o diálogo com as ciências, com as outras igrejas cristãs e com outras religiões (Sanchez, 2021). Ainda no que se refere às inúmeras mudanças que passaram, a partir de então, a vigorar na Igreja, Garschagen *et al*. (2007, s.p.), assim expõe:

> A constituição pastoral sobre a liturgia (*Sacrosanctum concilium*) atribuiu ao laicato maior participação no culto e autorizou mudanças significativas nos textos, formas e linguagem usados na celebração da missa e na administração dos sacramentos. A constituição pastoral *Gaudium et spes* referiu-se à Igreja no mundo atual. Reconheceu as profundas mudanças que a humanidade tem experimentado e tentou relacionar os conceitos da Igreja sobre si mesma e sobre a revelação às necessidades e valores da cultura contemporânea. O concílio também promulgou decretos (documentos quanto a questões práticas) sobre os deveres pastorais dos bispos, o ecumenismo, as igrejas orientais, o ministério e a vida dos sacerdotes, a educação para o sacerdócio, a vida religiosa, a atividade missionária da Igreja, o apostolado dos leigos e os meios de comunicação social. Além disso, foram produzidas declarações sobre liberdade religiosa, posição da Igreja frente a religiões não-cristãs e educação cristã. Esses documentos refletiram a renovação da vida da Igreja – que começou muitas décadas antes da ascensão do Papa João XXIII – em diversas áreas: bíblica, ecumênica, litúrgica, do apostolado leigo.

Como se pode observar, o Concílio Vaticano II teve repercussões estruturais[19] para o catolicismo, perfazendo mudanças de práticas e o engajamento com a promoção da liberdade religiosa. Para Barros (2017), entre os desenvolvimentos da

[19] Nesse contexto é interessante notar que essa citada reestruturação também era compartilhada na visão de Francisco, que tinha plena consciência de que se não houvesse uma reforma nas estruturas eclesiais, que chegassem a condicionar o dinamismo evangelizador, certamente não se conseguiria atingir, plenamente, uma “casa com portas abertas”; sem vida nova, espírito evangélico autêntico, toda e qualquer estrutura se corrompe em pouco tempo (Cavalieri, 2025). Vale frisar que essa temática será discutida, com maiores detalhes, no próximo capítulo.

Igreja após o Concílio está sua abertura a novas maneiras de pensar sobre outros credos, passando a se posicionar da seguinte forma:

> A concepção católica atual acredita que se há algo de bom e positivo nas demais religiões é porque o Deus que ela professa atua também nas demais religiões [...] a Igreja Católica em vários níveis vem praticando vários encontros e promovendo o respeito às pessoas de outras religiões (Barros, 2017, p. 21).

Ainda quanto a essa intrínseca e peculiar relação entre as religiões, Garschagen *et al*. (2007, s.p.) assim explica:

> A constituição dogmática sobre a revelação divina (*Dei verbum*) relacionou tanto a Bíblia, aceita por protestantes e católicos, como os textos da tradição a sua origem comum na palavra de Deus, confiada à Igreja. Afirmou o valor das escrituras para a salvação dos homens e, ao mesmo tempo, manteve uma atitude mais aberta quanto a seu estudo acadêmico.

Ademais, não há como ignorar a relevância, notoriedade e os efeitos que a assembleia conciliar provocou, e ainda provoca nos fiéis e até mesmo na sociedade de um modo geral. Para Souza e Ferreira (2025, p. 14):

> A assembleia conciliar, no seu esforço para atualizar sua relação com a sociedade e a humanidade hodierna – por muito tempo ainda mais belicosa –, advogou um tratamento positivo, dialógico e servidor para com o mundo. Sua postura foi justificada pela argumentação teológica, calcada numa concepção que postula a noção de que Deus age de maneira positiva e benéfica na história para salvar – não condenar – a humanidade inteira (GS 19, 36) [...] Não menos singular, e fruto dessa mesma assembleia, foram os passos dados no universo do ecumenismo e do diálogo inter-religioso. Declarações como *Nostra Aetate*[20] e o Decreto *Unitatis Redintegratio*[21], respectivamente, incentivaram a unidade cristã e o diálogo com as outras tradições religiosas. No interior do Concílio, a presença de observadores não católicos e a leitura da declaração conjunta de Paulo VI e do Patriarca Atenágoras, na última sessão pública, corroboram essa deliberada opção da Igreja Conciliar em recompor a tessitura de uma harmônica, respeitosa e fraterna convivência entre homens e mulheres com credos comuns ou distintos.

Esse empenho da Igreja acompanha as transformações do mundo. Não por acaso, Brighenti (2019, s.p.), assim afirma: “Não é o mundo que está na Igreja, é a Igreja que está no mundo”. Ainda segundo este autor:

> Para o Vaticano II, cabe à Igreja, portanto, inserir-se no mundo, não para trazê-lo para dentro da Igreja (missão centrípeta), mas para tornar presente

[20] Como já explicado, a declaração *NA* expressa o reconhecimento e valor de tudo o que a Igreja considera como “verdadeiro” e “santo” nas mais diversas tradições religiosas (Wolff, 2012).

[21] O Decreto *Unitatis Redintegratio* (UR) apresenta o ecumenismo como sendo “um dos principais objetivos” do Concílio Vaticano II, afirmando que os esforços pela busca da unidade dos cristãos acontecem sob o impulso do Espírito Santo, de forma a realizar a vontade de Cristo para com sua Igreja. Por essa razão, “a solicitude ecumênica diz respeito a todos”, ou seja, ninguém dela está excluído, caso contrário não seria possível manter a fidelidade ao Evangelho (Wolff, 2012).

> nele o Reino de Deus, no “diálogo e no serviço ao mundo” (missão centrífuga). A Igreja existe para servir o mundo, para que o mesmo seja cada vez mais justo e solidário. Isso se faz de duas formas: pela pastoral social, alicerçada no Ensino Social da Igreja e na opção pelos pobres e pelo engajamento dos cristãos como cidadãos, seja nos corpos intermediários (organizações sociais), seja na política, condição para a promoção do bem comum (Brighenti, 2019, s.p.).

Nesse contexto é importante frisar que o Concílio Vaticano II não foi plenamente aceito, ou seja, não houve unanimidade em relação às diretrizes, conceitos e princípios que emanaram de sua realização. Há muitos entraves à sua plena efetividade, os quais indicam que o Concílio Vaticano II ainda está muito longe de representar uma verdadeira unanimidade, seja na estrutura eclesial, no pensamento teológico ou até mesmo na prática pastoral. É o que explicam Souza e Ferreira (2025, p. 15):

> Malgrado a dilatada amplitude da assembleia conciliar, seu processo de recepção enfrentou (e ainda enfrenta) resistências, ambiguidades, revisionismos e um certo rechaço. A fissura causada por grupos, entre outros, como a fraternidade de São Pio X, que rejeitaram as deliberações conciliares, acusando-as de ruptura com a tradição. As tensões na América Latina, por causa da criativa, corajosa e positiva recepção que as Conferências Gerais do Episcopado – mormente em Medellín (1968) e Puebla (1979) – fizeram do Concílio; por fim, o constante cerceamento à teologia latino-americana denunciam um processo eivado de tensões não suficientemente pacificadas e que, a despeito do bem que produzira, atestam que o Vaticano II está longe de ser uma unanimidade na estrutura eclesial, no pensamento teológico e na prática pastoral.

A citação acima só vem a demonstrar que o Concílio Vaticano II resultou em um *aggiornamento* que ainda não é bem aceito por todos na Igreja. Os avanços no encontro com as religiões, porém, parecem se demonstrar aderentes aos desafios atuais. Sanchez (2021), explica que o caminho do diálogo inter-religioso é um “caminho sem volta”. Recusar o diálogo, seja por arrogância ou intransigentismo, é assumir o risco do isolamento.

O processo de recepção e implementação das decisões do Concílio Vaticano II segue em curso, sendo talvez mais correto afirmar que o Concílio Vaticano II não deve ser entendido como um ponto de chegada, mas sim como um ponto de partida, um horizonte a ser construído. Nessa linha de racicínio são as palavras de Souza e Ferreira (2025, p. 16):

> Seis décadas depois, deve-se dizer, o Vaticano II não é um evento concluído, antes é um horizonte em construção. Ou, conforme disse Paulo VI, no Congresso Internacional de Teologia do Concílio – logo após o seu término – , “a promulgação dos decretos, […], como nos mostra a história dos concílios, antes que um ponto de chegada, é um ponto de partida para novos objetivos”.

Mesmo diante de um certo otimismo expresso na citação acima, é importante destacar que muitos acontecimentos, sobretudo contemporâneos, são pautados por divergências religiosas e interesses diversos, nos quais o diálogo é deixado de lado e passa a dar lugar a várias formas de conflito como terrorismo e guerras. Em contrapartida, há iniciativas que buscam fomentar a paz. Nesse sentido, Wolff (2018, p. 39) assim afirma:

> Desde o Vaticano II a Igreja Católica vem intensificando seus esforços para integrar as religiões em processos de paz para toda a humanidade. Seguindo o ensino conciliar, destacam-se as peregrinações das religiões pela paz na cidade de Assis/Itália, nos anos 1986, 1993, 2002, 2016. Urge humanizar não apenas as culturas dos povos, mas também suas religiões. Foi o que advertiu João Paulo II, no encontro inter-religioso em Assis, em 2002: "Violência nunca mais! Guerra nunca mais! Terrorismo nunca mais! Em nome de Deus, que cada religião traga à Terra justiça e paz, perdão e vida, amor!".

Como explica Sanchez (2021), o diálogo inter-religioso, independentemente das relevantes iniciativas oficiais da Igreja Católica no período pós-conciliar, que não podem e nem devem ser desconsideradas, segue acontecendo no âmbito da vida em sociedade, dos grupos e de organismos que abraçam iniciativas de justiça e de paz. Sanchez e Wolff, portanto, parecem concordar que há iniciativas relevantes que ambicionam o fim da violência em suas múltiplas formas.

Por essas e outras razões, parece viável afirmar que um pensametno enrigecido e retrógrado é insuficiente diante das questões atuais. Se até mesmo nações e autoridades conseguem, em muitos casos, rever seus conceitos, porquê não fazer o mesmo entre as religiões? Pensar diferente é sim possível e plausível, mas, deter o avanço da humanidade com afirmações vagas, arcaicas e preconceituosas não é, e jamais será, o melhor caminho a ser trilhado.

No próximo tópico serão discutidos os desdobramentos internacionais, tanto do Concílio Vaticano II, como também do diálogo inter-religioso, demonstrando que, realmente, embora muito já se tenha conseguido conquistar, não há como ignorar que ainda há muito a ser feito, sobretudo no contexto internacional.

2.3 Desdobramentos internacionais

Antes de se apontar os desdobramentos internacionais, os quais, de forma direta ou indireta, são influenciados pelo Concílio Vaticano II, e, consequentemente, pelo diálogo inter-religioso, é importante lembrar o quanto essa temática foi e continua

sendo muito relevante. Nesse sentido, Wolff assevera que:

> Vivemos trágicos conflitos internacionais, como as duas Guerras Mundiais no século XX, e os atuais conflitos nos países da África e do Oriente Médio. A América Latina sofre, ainda hoje, consequências do cerceamento da liberdade nas ditaduras militares, guerrilhas e conflitos vividos nos anos 70 e 80 do século passado. Para todo o mundo, as esperanças de paz após a queda do muro de Berlim, 1989, e o aparente fim da "Guerra Fria", não resolveram as consequentes tensões dos longos períodos de opressão, guerra civil e racismo. As guerras não acabaram[22] (Wolff, 2018, p. 38-39).

Ainda, nesse aspecto, Rossi (2022), explica que vale lembrar que foi no pontificado de Pio XII que a humanidade passou pelo flagelo da Segunda Guerra Mundial. Contudo, foi apenas a partir de 1960 que a humanidade, de fato, começou a perceber alguns sinais de renovação e esperança, como se pode observar na citação abaixo:

> A partir da década de 1960, o mundo começa a perceber alguns sinais de esperança: o reinício pós-guerra e a reestruturação dos países, a descolonização da África e os primeiros sinais, ainda que pequenos, de uma relação melhor entre os blocos americano e soviético. Porém, também avançam alguns problemas sociais: crescem as desigualdades, inclusive começa a ser mais perceptível a desigualdade entre países, principalmente naqueles chamados do Terceiro Mundo. João XXIII procura trabalhar em suas encíclicas sociais questões relativas a esse período. Com a *Mater et Magistra* (1961), o Papa procura trabalhar o papel da Igreja e dos cristãos em gerar comunidade e socialização, buscando assim, pautados "na verdade, na justiça e no amor, a colaborar com todos os homens para construir uma autêntica comunhão" (CDSI n. 94) (Rossi, 2022, p. 72).

O Concílio Vaticano II reposiciona a Igreja Católica como ator global engajado na promoção da paz e dos direitos humanos. O Concílio fez com que a Igreja se abrisse ao diálogo com o mundo contemporâneo, incluindo, nesse contexto, culturas, religiões e sistemas políticos, superando assim uma postura de confronto que até então era bastante palpável. Outra conquista oriunda do Concílio Vaticano II foi a promoção da liberdade religiosa e dos direitos humanos, como, aliás, está expressamente previsto na declaração *Dignitatis Humanae*, na qual se afirma a liberdade religiosa como direito fundamental, influenciando positivamente relações com Estados democráticos e pressionando regimes considerados autoritários.

---

[22] Embora esse artigo de Wolff tenha sido publicado em 2018, como ele bem afirma: "As guerras não acabaram". Essa frase é tão verdadeira e representa tão bem o presente momento da humanidade que se pode até imaginar que se trata de um artigo muito recente, até mesmo porque, atualmente, várias guerras estão em andamento, como, por exemplo, o conflito entre a Rússia e a Ucrânia. Quando este artigo foi publicado por Wolff, essa guerra não estava ocorrendo, no entanto, outros conflitos citados em seu artigo continuam acontecendo até hoje, seja por motivos relacionados a grupos rebeldes, milícias étnicas, forças governamentais, entre outras situações que envolvem países como: Síria, Sudão, Iêmen, Nigéria, República Democrática do Congo, Israel/Palestina, entre outros.

Na questão do ecumenismo e relações inter-religiosas, o decreto *Unitatis Redintegratio* e a declaração *Nostra Aetate* incentivaram o diálogo com outras igrejas cristãs e religiões não-cristãs (especialmente o judaísmo), impactando assim dinâmicas sociais e políticas em contextos multirreligiosos e de conflito.

Portanto, pode-se afirmar que o Concílio Vaticano II abre um novo capítulo para o diálogo inter-religioso no catolicismo, possibilitando novos desdobramentos teológicos. Segundo Favretto (2022, p. 139):

> O Concílio Vaticano II inaugura uma nova concepção do pluralismo religioso[23], âmbito dogmaticamente novo, possibilitando uma nova interpretação teológica acerca deste fenômeno. A partir de então, a teologia das religiões, inserida na perspectiva confessional da fé cristã, estuda o fenômeno do pluralismo religioso, que não deve ser visto como fase histórica provisória superável pela missão da Igreja, mas como fenômeno histórico irreversível e, em termos teológicos, expressão da vontade de Deus.

Além destes importantes desdobramentos para o catolicismo, Souza e Ferreira (2025, p. 15), enumeram ainda outros:

> Por fim, e tão importante quanto todos os outros fatos, passos como a revisão da formação e da identidade sacerdotal, assim como da vida religiosa; ou a concepção católica de educação, de liberdade de consciência, o conceito de uma Igreja por natureza missionária e o incremento da colegialidade episcopal são frutos decorrentes da dinâmica conciliar. Ratificando, assim, a extensão e o processo profundo que o Vaticano II operou na atualização da identidade católica no século XX e nos anos subsequentes.

No próximo tópico se discute o catolicismo e o diálogo inter-religioso no Brasil, revelando a situação atual e o que a Igreja Católica vem realizando de forma a torná-lo mais efetivo no país, ao mesmo tempo em que inspira seus fiéis a se envolverem mais nessas temáticas.

---

[23] Nesse contexto, Teixeira (2024), explica que a teologia das religiões ou do pluralismo religioso representa um novo campo de estudo, sendo que o seu estatuto epistemológico vai sendo aos poucos definido. Trata-se de um fenômeno típico da modernidade plural, o qual provoca a crise das “estruturas fechadas” e convoca a “sistemas abertos de conhecimento”. Vários fatores contribuíram para a sua emergência, tais como: comunicação e interdependência crescente entre os diversos povos e culturas; consciência mais viva da pluralidade das religiões; relação de proximidade inédita do cristianismo com outras religiões, favorecida pelo avanço das comunicações nos últimos tempos; crescente dinamismo de certas tradições religiosas e seu poder de atração e inspiração no Ocidente; nova consciência e sensibilidade em face dos valores espirituais e humanos das outras tradições religiosas; abertura de novos canais de conhecimento sobre elas; uma nova compreensão da atividade missionária, entre outros exemplos.

2.4 Catolicismo e diálogo inter-religioso no Brasil

Uma pesquisa de campo realizada por Brighenti (2023), a qual incluiu leigos, jovens, seminaristas, religiosos e, em particular, “padres novos”, visando mostrar não apenas o perfil dos “padres novos” do catolicismo brasileiro, mas também a visão do catolicismo na atualidade, revelou que enquanto leigos, jovens, seminaristas e religiosos conseguem perceber mudanças claras no modo de evangelizar, os “padres novos” apresentam um perfil mais sensível à estética, à experiência pessoal e à dimensão terapêutica da fé. Nesse sentido, e especificamente em relação aos “padres novos”, este autor assim relata:

> É do conhecimento geral que nas últimas décadas tem irrompido no seio do catolicismo brasileiro um novo perfil de presbíteros, comumente denominados “padres novos”. Por suas práticas pastorais e comportamentos pessoais, eles têm promovido na esfera da experiência religiosa o deslocamento do profético para o terapêutico e do ético para o estético. Isso tem provocado tensões e entraves nos processos pastorais, tanto entre os presbíteros nas Igrejas locais como em relação às religiosas e aos leigos e leigas nas Paróquias onde atuam. Constituem um sujeito incômodo, no sentido que faz pensar e também tomar posição. O novo perfil de presbíteros no catolicismo brasileiro não é um fenômeno a ser desqualificado ou desprezado. Ao contrário, ainda que em muito se vincule a posturas pré-conciliares e à denominada “pós-modernidade líquida”, seu modo de ser e de agir questiona práticas eclesiais correntes, põe em xeque comportamentos costumeiros, desafiando um estudo para além de leituras ligeiras ou pragmáticas do fenômeno (Brighenti, 2023, p. 12-13).

É importante frisar que se até mesmo essa nova visão do catolicismo é capaz de provocar tensões e entraves nos processos pastorais, o que dirá o diálogo inter-religioso que envolve crenças, muitas vezes, totalmente distintas. Nesse contexto, Toneti (2025, p. 98) assim afirma:

> Partindo do pressuposto de que a religião tem uma função peculiar de espectro abrangente, quando considerada uma cultura da indiferença e do provisório, na qual o drama do outro parece nunca nos dizer respeito e, sequer, nos convoca à responsabilidade, o *cristianismo* se torna um ambiente de proclamação de uma “mensagem dinâmica que a inquiete, a desinstale e a interpele” (Miranda, 2009, p. 141). À constatação de que lidamos com uma perda significativa do sentido de comunidade, tanto no espaço familiar quanto social, o âmbito religioso torna-se propício como espaço que aproxima as pessoas e as predispõe a dialogar sobre suas convicções, seus valores e sua fé, sobretudo quando parcela significativa dessas pessoas consome tempo interagindo no ambiente virtual, com tendência mais a separar do que aproximar, relegar à solidão e à perda de empatia.[24]

[24] Desse modo, o espaço religioso deve surgir como um ambiente de restauração do diálogo e da empatia, contrastando assim com a solidão e a superficialidade das interações virtuais, as quais, em muitos casos, acabam por afastar as pessoas do senso de responsabilidade, compreensão e consideração em relação ao próximo.

Mesmo diante de tais situações, deve-se frisar que a abertura para o diálogo inter-religioso, seja no Brasil, ou em qualquer outra parte do mundo, está acompanhada pelo debate sobre os direitos humanos. É o que explica Francisco (2017 *apud* Wolff, 2018, p. 38) nas seguintes palavras:

> Educar para a abertura[25] respeitosa e o diálogo sincero com o outro, reconhecendo os seus direitos e liberdades fundamentais, especialmente a religiosa, constitui o melhor caminho para construir juntos o futuro, para ser *construtores de civilização*. Porque a única alternativa à *civilização do encontro é a incivilidade do conflito*; não há outra.

Portanto, de acordo com a citação acima, existem apenas dois caminhos possíveis para a convivência humana: a "civilização do encontro" e a "incivilidade do conflito". No que se refere à expressão "civilização do encontro" o que Wolff (2018) certamente quis dizer é que essa expressão vai ao encontro de uma sociedade fundamentada no diálogo, no respeito mútuo, no reconhecimento dos direitos e liberdades do outro, em particular a liberdade religiosa. Já a expressão "incivilidade do conflito" se refere ao fato de que, caso não se escolha o caminho do encontro, então a única opção possível será a do conflito destrutivo, marcado pela hostilidade, pela intolerância e pela violência.

Contudo, a questão do conflito pode se revelar bem mais complexa do que se pode, a princípio, conceber, mesmo porque ela pode ser analisada sob diversas perspectivas. Nesse sentido, Wolff (2018, p. 39) assim afirma:

> Essa realidade acontece em um contexto de mudanças ininterruptas, no qual também as religiões vivem sob a urgência de contínua reformulação de suas estruturas, linguagens e posturas frente ao mundo. Por um lado, tal é a condição para as tradições religiosas se adaptarem nos novos tempos. Por outro, isso expressa ou, inclusive, gera conflitos tanto no interior de uma religião, quanto entre elas e as culturas. Nas atuais sociedades modernas, com ares de democracia, valorização da diversidade e afirmação da tolerância, vemos crescer manifestações de tensão e conflitos por motivos religiosos. Posturas fundamentalistas, exclusivistas e absolutistas, na interpretação das doutrinas e dos textos sagrados das religiões, promovem, aqui e acolá, atitudes de intolerância, discriminação e preconceitos.

Posturas exclusivistas, como detecta Wolff, danificam as relações humanas. A alterantiva, para o autor, é justamente a construção do diálogo e da solidariedade. Complementa tal discussão a reflexão de Toneti:

> A prática religiosa permite às pessoas extrapolarem o vínculo com os que são mais próximos, quebrando a linha da exclusão e interpelando a sociedade

[25] Nesse contexto de abertura para o diálogo é importante lembrar que a disposição do indivíduo para a verdade está, em geral, vinculada à sua religião, caso esta também esteja aberta à verdade (Veiga, 2016).

> como um todo para o respeito a toda e qualquer pessoa humana, bem como para a solidariedade universal (Toneti, 2025, p. 98).

A teologia católica, influenciada pelo Concílio Vaticano II no Brasil, passa a adotar uma postura de diálogo, respeito e cooperação. Isso propiciou a existência e efetividade tanto do ecumenismo como do diálogo inter-religioso (Teixeira, 2024).

Em sua apresentação da obra de Elias Wolff, "Caminhos do Ecumenismo no Brasil", Walter Altmann, importante téologo luterano brasileiro, comenta a respeito do ecumenismo o seguinte:

> O ecumenismo é, antes de tudo, um lindo sonho, nutrido pelo anseio espiritual por unidade da família cristã, já expressado na intercessão de Jesus ao Pai (João 17,21). Mas ele é também uma igualmente bela, embora ingente, tarefa incumbida às igrejas e a todas as pessoas cristãs. O uso da palavra "sonho" não pretende sugerir que ele seja irreal e inatingível, mas, ao contrário, uma meta pela qual vale a pena se empenhar. E, ao longo do caminho, já se concretizam significativos sinais de sua concretização. Assim, tem-se dito, por exemplo, que o século XX foi o século da Igreja ou o século do ecumenismo. De fato, comparando-se o século XX com os séculos precedentes, não há como deixar de registrar (e alegrar-se) pelos avanços alcançados numa multiplicidade de encontros, diálogos e ações concretas da solidariedade humana e cristã (Altmann, 2018, p. 11).[26]

Desse modo, o ecumenismo propicia que as igrejas tenham a possibilidade de caminharem juntas nessa tarefa que une igreja e cristãos na busca por um objetivo comum, pelo qual vale muito a pena se empenhar. Nas palavras de Wolff (2025, p. 13):

> O ecumenismo é um exercício de discernimento coletivo que envolve as igrejas em diálogo no esforço comum para compreender as causas da divisão e os caminhos de sua superação. Elas precisam identificar tanto o que precisa ser mudado em suas tradições, quanto o que precisa permanecer para alcançarem consensos na fé cristã. É esse discernimento que possibilita às igrejas em diálogo reconhecer os meios concretos para uma caminhada conjunta no testemunho do Evangelho, para que o ecumenismo não seja somente uma bela intenção. É um exercício exigente, que "não requer apenas uma boa capacidade de raciocinar e sentido comum, é também um dom que é preciso pedir" (GE, n. 166).

Nesse contexto, Dayvid da Silva (2024, p. 16), apresentando uma leitura de Codina, comenta que:

> Ao assumir uma postura de abertura ao diálogo ecumênico, temos uma verdadeira "revolução eclesiológica", para usar uma expressão de Vitor Codina (1993, 170). Isso porque, a Igreja Católica deixa a "defensiva" e a "eclesiologia do retorno" e passa a propor aos fiéis católicos uma abertura ao

[26] Como já explicado, enquanto o ecumenismo busca a unidade entre as igrejas cristãs (católicos, ortodoxos, protestantes), o diálogo inter-religioso é bem mais amplo, voltado para a relação e colaboração entre o cristianismo e outras tradições religiosas, como o islã e o judaísmo.

> diálogo para com os irmãos das igrejas separadas. Assim, a Igreja assume a perspectiva ecumênica como algo que lhe diz respeito, visto que “como é comunidade, a Igreja há de buscar restabelecer sua unidade rompida pelas divisões ao longo da história: e o ecumenismo é uma exigência de comunhão entre Igrejas irmãs (UR 14)” (Codina, 1993, p. 173).

Conforme explica Berkenbrock (2024), o mundo é plural, sendo que essa característica também se faz presente na vivência religiosa. Desde a sua gênese o cristianismo é plural. Por vezes essa pluralidade é aceita com maior naturalidade, mas trata-se de uma regra que tem suas exceções. No cenário atual essa diversidade passa a se fazer presente nas diferentes igrejas cristãs, e é justamente diante de tamanha multiplicidade que o ecumenismo passou a ser viável nas denominações de maior tradição histórica, que de alguma forma conseguem se aproximar até mesmo por suas perspectivas menos proselitistas.

Essa concepção de Berkenbrock (2024), especificamente em relação ao ecumenismo e ao proselitismo, leva ao entendimento de que, atualmente, há uma diversidade tão significativa que acaba conduzindo as igrejas mais antigas e tradicionais a buscarem o ecumenismo, ou seja, o diálogo e a cooperação entre diferentes denominações cristãs. Isso se deve ao fato de serem “menos proselitistas”, no sentido de haver uma menor urgência em tentar converter os outros à sua doutrina específica, preferindo a convivência pacífica e respeitosa.

Retomando a já referida postura de diálogo, respeito e cooperação, as quais, como afirmado, foi influenciada pelo Concílio Vaticano II, Rossi (2022, p. 68), comentando a Evangelii Gaudium, assim afirma:

> A religião católica tem na questão social um meio para relacionar-se diretamente com a sociedade e seus problemas, além de ser uma via de religação com o Sagrado, visto que o Divino não está apartado das realidades sociais da humanidade [...] é importante para Francisco o caráter social da religião, religião essa que implica convivência fraterna e ecológica, visto que “uma fé autêntica - comporta sempre um profundo desejo de mudar o mundo, transmitir valores, deixar a terra um pouco melhor depois da nossa passagem por ela” (EG n. 183).[27]

É evidente que essa relação entre a Igreja Católica e a sociedade estará diretamente relacionada com sua capacidade de constante atualização, desapegando-se assim de posicionamentos e de conceitos arcaicos que não mais representam a visão atual da Igreja. Nesse sentido, Souza e Ferreira (2025, p. 16) assim afirmam:

---

[27] Essa temática será analisada, com maiores detalhes, no próximo capítulo.

> O futuro, mormente da Igreja, dependerá da coragem em abraçar novas reformas (*semper reformanda*), sem medo de uma ruptura conjuntural, desvencilhando-se de todo e qualquer elemento que, se útil em dada circunstância e contingencial em outro tempo, pode ser revisado, alterado ou abandonado. Tudo isso para manter-se numa continuidade estrutural com o seu fundamento que é Jesus Cristo e com sua regra máxima que é o Evangelho.

E é justamente essa capacidade de revisar, modificar ou abandonar práticas arcaicas que demonstra que a Igreja, em diferentes cenários, tem se adaptado a novas realidades sociais.

2.5 Síntese reflexiva

Ao concluir este primeiro capítulo, é possível observar que a relação da Igreja Católica com as demais tradições religiosas percorreu um longo e complexo caminho, saindo de uma postura de isolamento defensivo, para uma abertura dialógica. As notas históricas apresentadas revelam que a transição de uma eclesiologia exclusivista, para uma visão de acolhimento, não foi um evento repentino, mas resultado de um amadurecimento teológico que resulta do diálogo com a modernidade e de uma revisão criativa da tradição.

O Concílio Vaticano II permanece, nesta análise, como o centro de gravidade de toda a mudança. Antes dele, a máxima *Extra Ecclesiam nulla salus* (fora da Igreja não há salvação), moldava uma mentalidade de “bastilha”, onde a verdade era vista como posse exclusiva, e qualquer alteridade religiosa era percebida como erro ou ameaça. Com a promulgação de documentos como a *Nostra Aetate* e a *Lumen Gentium*, a Igreja operou um deslocamento epistemológico fundamental: passou a reconhecer que “sementes do Verbo” e elementos de santidade existem fora de seus limites institucionais. Este reconhecimento legitimou o diálogo inter-religioso não apenas como uma estratégia de boa convivência, mas como uma exigência da própria fé.

Em perspectiva global, o diálogo inter-religioso se demonstrou introjetado nas preocupações do catolicismo, pertencendo aos ensinos de papas distintos entre si como Paulo VI, João Paulo II, Bento XVI e Francisco. A promoção da paz, torna-se, desde meados do século XX, uma tarefa comum a ser perseguida também pelo diálogo entre as religiões.

No cenário brasileiro, essa trajetória ganhou contornos específicos e

desafiadores. A análise do catolicismo e do diálogo inter-religioso no Brasil mostrou que a recepção do Vaticano II foi marcada por uma forte dimensão social e libertadora. Em um país de pluralidade religiosa vibrante e, por vezes, tensionada por intolerâncias, a Igreja Católica brasileira foi convocada a exercer um papel de mediadora. Os registros históricos apresentados confirmam que, embora existam resistências internas, a caminhada em solo nacional tem buscado integrar a fé católica à rica diversidade do povo brasileiro, promovendo o respeito e a colaboração mútua.

A Igreja que encerra este panorama histórico é uma instituição que reconhece a necessidade de empatia e responsabilidade compartilhada. Esta base histórica e eclesiológica é o que permite, agora, avançar para a análise do pontificado de Francisco, que levará essas intuições conciliares a um novo momento pastoral, levando adiante um projeto de fraternidade universal.

3 O PROJETO TEOLÓGICO-PASTORAL DO PAPA FRANCISCO

Se o capítulo anterior possibilitou percorrer o caminho histórico da Igreja Católica em direção ao diálogo inter-religioso, saindo do exclusivismo para o reconhecimento da alteridade, este segundo capítulo dedica-se a analisar a arquitetura teológica e pastoral que fundamentou a atuação do Papa Francisco ao longo de seu pontificado.

A eleição do Cardeal Jorge Mario Bergoglio como Papa Francisco, em 2013, não representou apenas uma sucessão administrativa na Cátedra de Pedro, mas também o início de um pontificado que se propôs a ser um projeto de renovação, nesse contexto, Melo (2019, p. 67), assim afirma:

> O cardeal Jorge Bergoglio, 266º na sucessão papal, apresentou-se na sacada da Basílica de São Pedro, fazendo, a princípio, alusão ao seu lugar de origem. Após instantes de silêncio, fitando a multidão presente, ele expressa, sob olhares curiosos: "Vocês sabem que o dever do conclave era dar um bispo a Roma. Parece que meus colegas foram buscar um papa no fim do mundo. Mas aqui estamos. Agradeço a acolhida. A comunidade diocesana de Roma tem seu bispo." Nesse momento, o neo-pontífice, em uma pequena alocução já demonstrara sua intenção de enfatizar a colegialidade da Igreja, ressaltada no Concílio Vaticano II, dando pistas de uma governabilidade pautada no diálogo com os demais bispos.

Desse modo, Francisco, mesmo convicto de suas ações, agia sempre com muita prudência, atuando dentro de um contexto eclesial e buscando resgatar, principalmente por meio do diálogo[28], o ímpeto renovador do Concílio Vaticano II, integrando-o às urgências de um mundo cada vez mais globalizado e atingido por crises sociais, econômicas e ambientais.

Este capítulo visa investigar os pilares que sustentam a visão de mundo e de Igreja propostos por Francisco. Compreender o seu projeto teológico-pastoral exige, antes de tudo, um mergulho em sua própria biografia e trajetória.

Francisco conduziu seu pontificado tendo como fundamento a Teologia do Povo, corrente teológica argentina que valoriza a experiência concreta do povo e sua cultura (Scannone, 2019). Forjada no chão da vida cotidiana, na proximidade com as periferias existenciais de Buenos Aires e na sensibilidade profunda frente às dores do povo, sua ação pastoral refletiu essa perspectiva. Ao adotar o nome do Poverello de

[28] Nesse aspecto vale lembrar que, como destacam Souza *et al*. (2025, p. 186): "o Papa Francisco adota recursos linguísticos que promovem a dialogicidade, a empatia e a aproximação com os interlocutores", demonstrando assim que o Santo Padre não media esforços para que o diálogo fosse a diretriz principal a ser adotada nos mais demais contextos.

Assis, ele sinalizou um retorno à radicalidade evangélica: uma Igreja que deve estar despojada de poder mundano para estar plenamente disponível ao outro (Piqué, 2014).

Desse modo, neste capítulo[29], aborda-se o magistério do Papa Francisco, compreendendo a evangelização como centro programático de seu pontificado; ainda, nesse sentido, Wolff e Gonçalves (2026, p. 2), assim afirmam:

> [...] o Papa Francisco, desde os primórdios de seu pontificado, tem concentrado suas forças na evangelização, pautando-a pela "alegria do evangelho", que irradia a fé revelada em sua doxologia – *professio fidei* –, inteligência – *intellectus fidei* – e testemunho – *martyria*.

A Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium* emerge como a "magna carta" desta nova fase, na qual Francisco revelou a imagem de uma "Igreja em saída"[30]. Mais do que uma estratégia missionária, esta metáfora reflete uma necessidade eclesiológica: a de superar a autorreferencialidade e o clericalismo.

Ao romper com o fechamento burocrático, o que Francisco fez foi insistir em uma Igreja que se apresenta como "casa aberta", um espaço de acolhimento no qual a misericórdia precede o julgamento (Cavalieri, 2025). Essa abordagem dialoga diretamente com as conclusões dos Sínodos[31], mas as transcende, oferecendo uma leitura original e audaciosa dos textos conciliares, sempre sob a ótica do *aggiornamento*.

Em seu desdobramento ecológico, a evangelização possui como referência a Encíclica *Laudato* Si', que amplia o conceito de "casa comum" e integra a questão ecológica ao clamor dos pobres. Como desdobramento social da evangelização, a Encíclica *Fratelli Tutti* sintetiza um projeto de fraternidade universal como a resposta às tensões de um mundo polarizado. Na espiritualidade, a evangelização possui referência na Encíclica *Dilexit Nos*, ajudando a pensar o amor diante dos desafios contemporâneos.[32]

---

[29] A escolha dos três documentos: a *EG*, a *LS* e a *FT* se deve ao fato de que eles formam uma unidade orgânica, na qual a *EG* apresenta o dinamismo interno da Igreja (a conversão), já a *LS* projeta esse dinamismo para o macrocosmo (a criação), enquanto a *FT* faz o direcionamento para o tecido social e político (a fraternidade). Desse modo, juntos, esses documentos conseguem abranger o início, o meio e a maturidade do magistério social de Francisco.

[30] Nesse contexto vale frisar que Passos (2025), identifica essa "Igreja em saída" como uma síntese do propósito reformador de Francisco.

[31] Essas conclusões abrangem diversas questões, tais como família, ecologia e governança.

[32] Nesse contexto, Gonçalves (2024), explica que o programa da evangelização em Francisco pode ser entendido com base em três dimensões: materialidade, espiritualidade e responsabilidade ética/compromisso.

Para Francisco, a fé não deveria ser vista como um refúgio isolacionista, mas sim como o motor que impulsiona o compromisso com o próximo, em particular o mais vulnerável, o “povo”, palavra que, no magistério de Francisco, ganhou uma conotação profunda, vinculada tanto à dignidade humana, quanto à resistência frente à cultura do descarte (*EG*, 1).

Ao longo dos próximos tópicos será possível perceber que o projeto de Francisco é uma proposta de integração, conectando a espiritualidade à política, a justiça social ao Evangelho, e o diálogo à construção da paz.

Não se trata de uma inovação que rompe com a tradição, mas sim de uma interpretação que a revitaliza, devolvendo à Igreja sua vocação samaritana (*FT*, 56-86). Nas próximas páginas será possível perceber a fundamentação de uma pastoral que não se satisfaz com diagnósticos, mas que propõe ações concretas de cuidado, empenhando-se em fazer da Igreja um verdadeiro hospital de campanha, ou, como preferem outros, uma comunidade de saída, itinerante, que se deixa tocar pela realidade concreta para ser, de fato, fermento na massa do mundo, propagando a todos essa concepção de universalidade (Francisco, 2013).

Desse modo, este capítulo não se limita a descrever os documentos do pontificado, mas busca compreender a “gramática” do Papa Francisco. Ao investigar suas raízes teológicas e suas intuições pastorais, o intento é demonstrar como a sua visão de Igreja é, ao mesmo tempo, um desafio à estrutura e uma promessa de esperança a todos. Compreende-se que Francisco convida a Igreja a parar de se olhar somente no espelho e passe a olhar para o mundo, acolhendo a todos na diversidade e promovendo uma cultura do encontro, que é a condição básica necessária para a sobrevivência e a dignidade humana no século XXI.

O projeto teológico-pastoral do Papa Francisco está distribuído em diversos documentos e permeia suas ações, gestos e palavras. Assim, conforme explicam Passos, Ramalho e Sanchez (2025), para que se possa discernir a teologia de Francisco, é preciso, primeiro, ter uma percepção clara e contextualizada de seu magistério. Relatam os autores:

> Ver com realismo o mundo em que vivemos, é ponto de partida para a Igreja nele situar-se com critérios evangélicos e agir profeticamente na transformação das realidades que contradizem o Evangelho. Assim, o papa universaliza o método teológico-pastoral da Igreja latino-americana. Mas enquanto em outros ambientes ele é apreciado, em nosso contexto urge uma retomada convicta dos processos que o concretizam como modo de ser cristão e ser Igreja (Passos; Ramalho; Sanchez, 2025, p. 16).

Antes de se adentrar propriamente na questão principal, ou seja, o projeto teológico-pastoral do Papa Francisco, é importante lembrar que todos os papas pós-conciliares, de algum modo, deram atenção especial à expressão teológica central da Constituição Pastoral *Gaudium et Spes*, até mesmo porque seu objetivo é o de aproximar a relação entre a Igreja e o mundo. Nesse sentido, Toneti (2025, p. 86) assim afirma:

> A expressão teológica central da Constituição Pastoral não rivaliza, mas aproxima as relações entre a Igreja e o mundo, afirmando que "nenhuma ambição terrena move a Igreja, mas unicamente este objetivo: continuar, sob a direção do Espírito Consolador, a obra de Cristo que veio ao mundo para dar testemunho da verdade, para salvar e não para julgar, para servir e não para ser servido" (GS 3). Assim, a história não é compreendida como um acidente e a leitura esquemática da situação da comunidade humana – os "sinais dos tempos" – revela uma Igreja que se defronta com o futuro, não mais amparada em soluções predeterminadas, mas disposta a interpretar as condições contemporâneas "à luz do Evangelho" (GS 4).

Desse modo, todos os Papas, desde a realização do Concílio Vaticano II, têm na *GS* uma referência doutrinal que deve servir de orientação para suas palavras, ações e gestos. A Constituição Pastoral representa uma diretriz primordial, embora não exclusiva, para que os Papas possam conduzir seus respectivos pontificados, aplicando seus estilos e formas de pensar e agir, de acordo com as necessidades e desafios de seu tempo. Cada pontífice, desse modo, torna-se intérprete e executor desse e de outros documentos.

Especificamente em relação ao papado do Papa Francisco, pode-se afirmar que este, em seu pontificado, realizou diversos textos, gestos e ações. Sua liderança não se limitou ao acompanhamento diário de uma comunidade de fé, mas também lidou com questões de grande complexidade, que exigiam dele a busca por soluções diante das mais diversas contendas, seja no aspecto religioso, político, econômico, entre outros contextos. Tal situação desafiava Francisco de forma constante, como, por exemplo, na guerra da Rússia contra a Ucrânia, diante da qual ele atuou como uma importante liderança religiosa e política (Vatican News, 2025a).

Francisco se conectou com as constantes mudanças sociais que desafiaram não apenas o modelo de pontificado, mas o próprio modo de ser Igreja na atualidade, o que não significa, como já afirmado, abrir mão da tradição, mas lê-la em sua dinamicidade e capacidade de inovação. Como afirma o Cardeal Tolentino "Para sermos fiéis à tradição temos de inovar, para sermos fiéis à inovação temos de

procurar as nossas raízes” (Mendonça, 2024, p. 7).

Foi justamente isso o que Franciso realizou no decorrer de seu papado, nunca ignorando a relevância das questões sociais e reafirmando o compromisso da Igreja Católica com as questões públicas. Sobre isso, explica Manzini (2025, p. 241):

> O Papa Francisco, desde o início de seu pontificado, em 2013, reafirmou o compromisso da Igreja Católica com as questões sociais, reinterpretando a Doutrina Social da Igreja (DSI) a partir de uma perspectiva pastoral e profética. Sua abordagem sintetizava uma “Igreja em saída” (*EG*), a ecologia integral (*LS*) e o chamado à fraternidade universal (*FT*), sendo que a Doutrina Social da Igreja constitui um corpo de ensinamentos que orienta a atuação dos cristãos nas questões sociais à luz Evangelho. No atual contexto global, o magistério do Papa Francisco propunha uma leitura esperançosa da realidade.

São por essas e outras razões que se pode afirmar que o magistério social do Papa Francisco representou um marco na história da Doutrina Social da Igreja. A abrangência, profundidade e contemporaneidade de seus ensinamentos, os quais foram transmitidos por documentos, ações, gestos e palavras, constituem um conjunto de princípios, critérios e diretrizes atuais e urgentes em um mundo cada vez mais globalizado (Passos; Ramalho; Sanchez, 2025).

Nesse contexto é importante destacar que, denominar o projeto de Francisco, como “teológico-pastoral”, significa, de forma bem resumida, que sua teologia tinha, como propósito, agregar tanto a dimensão teológica como a pastoral (Fiore, 2024). Tal perspectiva leva a presente pesquisa a executar um exame cuidadoso não apenas no âmbito do magistério social do Papa Francisco, mas também, em particular, ao caminho teológico-pastoral percorrido pelo pontífice nos anos em que esteve à frente de seu pontificado.

Para tanto, a seguir apresenta-se, em um primeiro momento, aspectos biográficos e teológicos de Bergoglio a Francisco, com especial atenção para a *Teología del Pueblo*; analisa-se também a proposta eclesial de Fransisco conforme refletida na *Evangelii Gaudium* (*EG*), na *Laudato Si*’ (*LS*), na *Fratelli Tutti* (*FT*) e *Dilexit nos (DN)*, como marcos centrais de seu pensamento; finalmente, buscar-se sintetizar tal arcabouço teórico.

3.1 Bergoglio: aspectos biográficos e teológicos

Na data de 17 de dezembro de 1936, na cidade de Buenos Aires, capital da Argentina, nascia Jorge Mario Bergoglio, o qual, 77 anos depois, mais precisamente

na data de 13 de março de 2013, viria a se tornar o 266º Papa da Igreja Católica de origem latino-americana (Wolton, 2018).[33] Bergoglio havia sido ordenado padre em 1969 e bispo em 1992 (Rossi, 2022); ainda, nesse sentido, Galli (2014 *apud* Silva, 2024b, p. 152), assim afirma:

> [...] a eleição revolucionária de Francisco indicaram o sopro do Vento de Deus que trouxe o Papa do Sul do Sul. Francisco é um ícone pastoral da Igreja encarnada nesta região, que agora se preocupa com todas as igrejas. Jorge Mario Bergoglio expressou repetidamente a sua pertença eclesial, teológica, espiritual, emocional, cultural e política à América Latina. Em vários de seus escritos, fez uma hermenêutica de nossa cultura, com aqueles que "foram encorajados a pensar a América a partir da América e como latino-americanos".

Bergoglio foi o primogênito dos cinco filhos do casal, os quais eram imigrantes italianos, sendo que seu pai, Mario, exercia o ofício de contador, enquanto sua mãe, Regina Sivori, cuidava do lar e também da educação dos filhos (Wolton, 2018). Sobre sua origem, Holanda (2019, p. 13) assim afirma:

> Nascido e criado no bairro de Flores, atual sede do San Lorenzo, o Papa Francisco é o mais velho de cinco filhos, tendo como irmãos: Oscar Adrian Bergoglio (nascido em 30 de janeiro de 1938 e já falecido), Marta Regina Bergoglio (nascida em 24 de agosto de 1940 e falecida em 11 de julho de 2007), Alberto Horacio Bergoglio (nascido em 17 de julho de 1942 e falecido em 15 de junho de 2010) e Maria Elena Bergoglio (nascida em 7 de fevereiro de 1948)[34].

Segundo Escobar (2013), a simplicidade sempre foi uma marca relevante de Francisco, aliás, não só a simplicidade, mas também a dedicação com a qual tratava a todos, sempre respeitando o próximo e aberto a novas aprendizagens até mesmo porque, como ele mesmo afirmou, é na "diversidade que se faz harmonia na unidade" (Francisco, 2025, p. 56); ainda, nesse sentido, ele também afirmou que: "só o coração é capaz de unificar e harmonizar a nossa história pessoal" (Francisco, 2025, p. 349), concluindo a sua concepção em relação ao próximo ao explicar que é necessário, realmente, se aproximar de outras pessoas, não tendo medo de "entrar em seu mundo", independentemente da escuridão e das trevas que possam estar presentes nele (Francisco, 2025).

Francisco sabia como poucos ouvir e falar com todos, sempre de forma muito

---

[33] Como bem lembra Hummes (2017), o que tornou isso possível foi o fato de que, justamente nesse ano de 2013, a Igreja e o mundo foram surpreendidos com a renúncia do Papa Bento XVI. Vale frisar que fazia seiscentos anos que um papa não renunciava.

[34] Vale frisar que seus demais irmãos seguiram por caminhos diferentes e deram muitos sobrinhos ao futuro papa (Piqué, 2014).

simpática, assim, erudito que era, agia de modo a acolher todos ao seu redor, sem expor sua erudição, evitando assim que as pessoas se sentissem inferiores; ainda, sobre o seu modo de ser e agir, Dirce Gomes da Silva (2024, p. 152), assim afirma:

> Este modo de ser e de agir do Papa Francisco revela para a Igreja e para a sociedade o compromisso de uma abordagem teológica no prosseguimento do "*aggiornamento*", proposto pelo Vaticano II. Um desenvolvimento de renovação eclesial que, por meio do método teológico do diálogo, tem suscitado novos métodos, novas expressões no processo de evangelização da Igreja.

Segundo Ferraz (2020, p. 57), um fato interessante sobre a história de vida de Francisco é que "durante cinco anos, desde 1952, foi membro da Ação Católica da paróquia de Flores, ao mesmo tempo estudava na Escola Secundária Industrial e se formava em Química"[35].

No entanto, no decorrer de sua trajetória de vida, optou por seguir um caminho totalmente diferente de sua formação e também do caminho escolhido por seus irmãos, preferindo o sacerdócio[36] (Wolton, 2018).

Sobre essa decisão de Bergoglio, Ferraz (2020), lembra que esta não se tratou de uma decisão espontânea ou irrefletida, mas sim de um processo, destacando também que as reações de seus pais foram distintas, pois enquanto seu pai o aplaudiu, sua mãe se mostrou apreensiva com sua decisão, é o que afirma Piqué (2014, p. 52), nas seguintes palavras:

> Quando anuncia, em 1957, aos vinte anos de idade, que quer ser padre e ingressa no seminário de Villa Devoto, não houve uma reação unânime em casa. Seu pai aplaude a decisão sem duvidar. "Meu pai ficou muito feliz na hora", conta sua irmã María Elena. Sua mãe, Regina, reage mal. Fala que não o vê como sacerdote; não oculta que ela espera outra coisa dele. De fato, quando ele ingressa no seminário, ela não o acompanha, e durante anos não aceita sua decisão. "Quando Jorge terminou o ensino médio, mamãe tinha perguntado o que ele iria fazer, e ele disse que queria estudar medicina. Então ela arrumou um quarto e o cedeu para ele estudar tranquilo. Certo dia foi fazer uma faxina e achou livros de teologia e latim. Não entendendo nada, perguntou: 'Filho, o que são esses livros? Você não ia se dedicar à medicina?' E Jorge respondeu: 'Sim, mas à medicina da alma'", recorda María Elena. "Quando contei para a minha avó, que já sabia, mas fez de conta que não, ela me disse: 'Está bom, se Deus te chama, é uma bênção'. E logo

[35] "Inicialmente, alguns órgãos de mídia teriam afirmado que Jorge Bergoglio fez graduação e mestrado em química, na Universidade de Buenos Aires, mais tarde se verificou que esta informação estava incorreta, tendo Bergoglio apenas um diploma de técnico em química pela Escuela Técnica Industrial nº 27 Hipólito Yrigoyen" (Holanda, 2019, p. 13-14).

[36] Nesse sentido vale lembrar que alguns amigos de Bergoglio, em particular Oscar Crespo, afirmam que ninguém ficou surpreso quando Bergoglio ingressou, em 1957, no seminário de Villa Devoto, afirmando que terminaria o colégio com eles, mas que não seguiria a carreira de químico, pois se tornaria sacerdote, destacando que não seria padre de basílica, mas sim jesuíta, pois seu propósito era o de ir aos bairros e favelas para estar com as pessoas (Piqué, 2014).

> acrescentou: ‘Lembre-se, por favor, que as portas da casa estão sempre abertas e que ninguém irá repreendê-lo caso você decida voltar’.

É importante destacar que Francisco, como papa, foi pioneiro em diferentes dimensões. Conforme Holanda (2019, p. 10-11):

> É o primeiro Papa nascido no Novo Mundo, o primeiro latino-americano[37], o primeiro pontífice do hemisfério sul, o primeiro Papa a utilizar o nome de Francisco, o primeiro pontífice não europeu em mais de 1200 anos (o último havia sido Gregório III, morto em 741) e também o primeiro Papa jesuíta da história.

Francisco, ainda Bergoglio, passou por momentos de grandes transformações e crises sociais em seu país natal, tendo inclusive vivenciado as inúmeras mudanças[38] decorrentes do governo militar[39], que assumiu o controle da Argentina em 1943 (Rossi, 2022). “Francisco compreende a corresponsabilidade que a religião tem para o constructo social. Não é possível pensar a religião senão com essa consciência clara: toda religião tem um papel social importante” (Rossi, 2022, p. 129). Sobre as turbulências que Bergoglio vivenciou na Argentina enquanto era arcebispo de Buenos Aires, Piqué (2014, p. 119-120) assim afirma:

> Primeiro, os excessos do capitalismo selvagem e a corrupção que o menemismo (1989-1999) deixa de rastro. Depois, o colapso do governo de Fernando de la Rúa, a quem vê fugir de helicóptero do terraço da Casa Rosada em dezembro de 2001, enquanto a Praça de Maio está em chamas e a fumaça dos gases lacrimogêneos chegam até seu quarto, com os panelaços; os sopões populares, a desintegração, o período de Eduardo Duhalde (2002-2003). Finalmente, e desde então, o kirchnerismo. Não é uma testemunha muda. Faz questão de dizer ao poder aquilo que não funciona, tornando-se uma figura incômoda.[40]

Em seu contexto, Francisco conseguiu agir com comedimento diante de várias situações, fossem elas relacionadas à economia, política, guerras, entre inúmeros

---

[37] Segundo Hummes (2017), o fato de Francisco ser latino-americano teve grande significado, sendo considerado um enorme salto para a Igreja, visto que seu papado passou a representar uma abertura até então ainda inédita, no sentido de pavimentar um caminho que pudesse superar a demasiada europeização da Igreja.

[38] Nesse sentido, Ferraz (2020, p.57), assim afirma: “Os anos 1950 foram de muita tensão entre Igreja e Estado na Argentina. Jorge Mario participou das manifestações de 1957, que pediam a participação da Igreja na direção de universidades”.

[39] Nesse contexto é importante destacar que muitos sacerdotes foram perseguidos e assassinados pela ditadura militar, é o que explica Rossi (2022, p. 27), o qual também assim afirma: “Bergoglio procurava avisar noviços e sacerdotes jesuítas que trabalhavam com pobres, principalmente nas favelas, que eles estavam correndo perigo”. Por essas e outras razões este período foi, sem dúvida, de muita turbulência tanto para a sociedade civil, como também para a Igreja.

[40] Como se pode observar o Santo Padre, que na época, como citado, ainda era arcebispo de Buenos Aires, não se fazia calar diante das turbulências econômicas, sociais e políticas às quais seu povo era submetido.

outros exemplos que também abrangem questões éticas e morais. É o que afirma Wolff (2024, p. 13):

> O Papa Francisco é, definitivamente, homem do mundo, inserido nas diferentes situações e realidades que configuram as sociedades e os tempos atuais. Poucos pontífices têm conseguido interagir com essas realidades como ele o faz, tratando de questões que estão na ordem do dia, como a economia, a política, a ecologia, a ciência, as guerras e os processos de paz, questões éticas e morais, o pluralismo religioso, entre outros. Desse modo, o magistério de Francisco não diz respeito apenas às realidades *ad intra ecclesia.* Com uma "Igreja de portas abertas" (EG, 46), o Papa Francisco tanto acolhe as pessoas e as realidades temporais como algo que também lhes dizem respeito, quanto envia e sai em direção às pessoas e às realidades temporais.

Francisco, como homem de seu tempo, enfrentou diversos desafios, inclusive relacionados à sua saúde.[41] Entre suas ações como pontífice, Wolff (2023) destaca seu engajamento com o diálogo inter-religioso, convidando a todos a construírem uma fraternidade universal. Tal convite se revela de grande valor, principalmente ao se levar em consideração uma sociedade que ainda parece estar muito distante de um ideal de convivência pacífica. É justamente nesse âmbito que o pontífice propõe uma prática antiga, não obstante, de elevada relevância e efetividade, fundamentada na metodologia sinodal.[42] Sobre essa metodologia, Gonçalves (2025, p. 381-382) assim explica:

> [...] a harmonia está presente no que se denomina por "sinodalidade" (FRANCISCO, 2015b), que não é simplesmente o modo de levar a cabo o sínodo dos bispos em sua institucionalidade, mas a maneira de construir a comunhão eclesial, social, cultural, explicitando a "fraternidade universal" dos povos. Resulta daí que a sinodalidade corresponde a processos de diálogo, inclusão, superação dos "muros", para a construção de pontes que possibilitem a efetividade da "amizade social" (FRANCISCO, 2020, p. 105) dos povos, de relações interpessoais marcadas por respeito e alteridade e pela busca da "ecologia integral", em que todos os entes estão entrelaçados, são interdependentes, estão interconectados e realizam a cooperação uns com os outros.

Assim, a metodologia sinodal é fundamentada na escuta, no diálogo e no discernimento, pensamento este que, segundo Villas Boas (2016), ao mesmo tempo

---

[41] No que diz respeito ao seu estado de saúde, um dos momentos mais difíceis que o Santo Padre vivenciou antes de assumir o papado foi quando passou por uma pneumonia grave, que quase lhe custou a vida. Teve que ser submetido a uma ablação, que foi a retirada de uma parte superior do pulmão direito. Vale frisar que febres altíssimas, acompanhadas de dores terríveis e também do medo marcaram esse pesadelo que Bergoglio vivenciou enquanto esteve internado no Hospital Sírio-Libanês de Buenos Aires (Piqué, 2014).

[42] A metodologia sinodal é um processo que se fundamenta na escuta, no diálogo e no discernimento da realidade, buscando envolver todos os membros da Igreja em suas diversas dimensões. Originada no contexto da Igreja Católica, especialmente com o desejo de Francisco de promover uma Igreja mais inclusiva e participativa (Wolff, 2023).

em que demonstra consideração em relação a outras identidades religiosas, também vem a promover o respeito à diversidade e o bem comum. Postura essa que se revela fundamental. Villas Boas, nesse sentido, reafirma o poder do diálogo como forma de superar mentalidades totalitárias.[43]

Nesse contexto, e como também já referido, em muitas situações, abordar a questão do Evangelho, da fé em Deus e da proposta do Reino significa adentrar em uma temática repleta de questões que estão diretamente relacionadas a inúmeras mazelas sociais, as quais a humanidade enfrenta até hoje em seu dia a dia. Contudo, em nenhum momento Francisco se eximiu de sua responsabilidade diante desses fatos. Nesse sentido, para Wolff (2024, p. 14):

> Falar do Evangelho, da fé em Deus e na proposta do Reino implica tocar nos problemas que as pessoas e os povos enfrentam, como as guerras, o desemprego, a fome, os dramas ambientais etc. Francisco ensina isso pelo posicionamento corajoso que faz sobre as situações socioculturais, políticas, econômicas e religiosas da humanidade atual. Não expressa uma visão dogmática ou moral do mundo, mas pastoral e evangelizadora, buscando recuperar o "sabor da realidade" (*FT*, 33).

Contudo, também é necessário frisar o papel da Igreja nesse âmbito, é o que afirma Wolff (2024, p. 14): "Somente uma igreja que assume o seu chão social como lugar do testemunho da fé em Cristo e seu Evangelho é capaz de compreender com profundidade a sua missão e realizá-la com eficácia". No que se refere à missão da Igreja, Francisco destaca que esta realmente só se efetiva quando se encarna na realidade concreta e plural, passando a reconhecer no diverso uma obra de Deus (Passos, 2025).

Portanto, tal processo de engajamento concreto com a realidade social dos fiéis, permite à Igreja compreender, em profundidade, o que se espera dela. Afirma Wolff (2024, p. 19):

> Ensina o Papa Francisco: "Já não se pode afirmar que a religião deve limitar-se ao âmbito privado e serve apenas para preparar as almas para o céu" (EG, 182). Deus está no mundo para salvá-lo e não está salvando apenas quando realizamos ritos religiosos. Há tempos a teologia cristã afirma que "estamos *perto de Deus* em toda a nossa vida terrestre e não apenas na oração, na liturgia, nos sacramentos". E a igreja é desafiada a colher nas culturas "outras linguagens, símbolos, mensagens e paradigmas que oferecem novas orientações de vida" (EG, 73) também como inspiradas pelo Espírito que atua na revelação cristã. O ser cristão manifesta-se no corriqueiro da existência, a

[43] É importante destacar que, embora o artigo e o livro de Villas Boas, citados no texto acima, não tenham por foco, explicitamente, a questão do diálogo inter-religioso, é correto afirmar que elas oferecem, mesmo que implicitamente, ferramentas e perspectivas que podem ser úteis para promover esse entendimento.

> vida da graça faz-se concreta nas atividades do dia a dia. Pois a vida cristã diz respeito também “à ordem social e consecução do bem comum” (EG, 182).

Seguindo essa linha de raciocínio, nota-se uma profunda relação entre a fé e a ação concreta no mundo. Mas não só isso, para Francisco, há a urgência de uma nova espiritualidade envolvida com a realidade social. É o que explica Wolff (2024, p. 19):

> Desse modo, o magistério do Papa Francisco estimula o desenvolvimento de uma espiritualidade e santidade encarnadas, tal como há anos a teologia latino-americana vem orientando. Isso faz com que a concepção da fé e da missão vinculem a esperança da salvação com a afirmação de políticas públicas a favor das pessoas pobres e miseráveis, do bem comum, da defesa da criação. Trata-se de afirmar que o Reino começa aqui e agora, vivendo o Evangelho no cotidiano da vida social.[44]

É claro que a percepção sobre inúmeros aspectos relacionados à Igreja não foram e não serão compartilhados de forma unânime entre os pontífices, até mesmo porque, como já explicado, cada um deles têm o seu jeito de ser, seu estilo próprio de pensar e agir diante das mais diversas situações.

Mesmo assim, fica evidente que Francisco estava sempre disposto a agir, discernindo situações que poderiam se agravar de forma muito rápida, o que o fazia evitar os conflitos, ou, se necessário, amenizar seus efeitos caso não pudessem ser evitados, até mesmo porque, como ele mesmo afirmou: “não é possível amar com armas em punho” (Francisco, 2025, p. 198).

No que se refere às ações de Francisco, Passos (2025), destaca que ele se orientava por uma sequência espiritual fundada na seguinte premissa: sensibilidade-realidade-discernimento-decisão-ação, inseparável de sua metodologia, igualmente fundamentada na expressão: ver-julgar-agir.

Ainda, sobre a vida de Francisco, não há como ignorar a forte ligação que há entre ele e a *Teología del Pueblo*, desenvolvida na Argentina entre as décadas de 1960 e 1970, constituindo uma vertente relevante da Teologia da Libertação. Nesse sentido, Villas Boas (2016, p. 761) assim afirma:

> Com a eleição de Jorge Bergoglio ao pontificado, a chamada *Teología del Pueblo* ou também conhecida como Teologia da Cultura ganhou maior visibilidade no cenário acadêmico teológico internacional como um ramo da Teologia Latino-americana. Seu destaque emerge da visibilidade e recepção

[44] Nesse contexto também vale lembrar que o pontificado de Francisco, nas palavras de Lopes (2026, p. 1): “constitui uma práxis teológica humanizadora, na qual a tradição é tratada como fonte viva, a realidade como lugar teológico e a misericórdia como forma concreta do amor divino”; ainda, segundo este autor, pode-se concluir que “o legado de Francisco é uma teologia encarnada, marcada pela proximidade, pela reforma legítima e pela centralidade do humano como lugar da revelação”.

> da comunidade católica e externa, bem como dos meios de comunicação a respeito das ações, gestos e palavras do Papa Francisco.

A apresentação de tão significativa corrente teológica é feita por Scannone (2019, p. 9), nas seguintes palavras:

> Se os teólogos latino-americanos da libertação afortunadamente ajudaram a Igreja, depois do Vaticano II, a escutar melhor o clamor dos pobres, a originalidade da "teologia (argentina) do povo" consistiu em indicar que essa escuta deveria tomar os caminhos de uma história cujos protagonistas são os povos e as suas respectivas culturas. No que diz respeito à América Latina, e mais especificamente à Argentina, essa história foi marcada de maneira decisiva por uma evangelização que pede para ser seguida e renovada, a fim de dar todos os seus frutos de justiça e de sentido.

Para Villas Boas (2017, p. 13-14), "Francisco se inscreve dentro da *Teología del Pueblo* ou da Teologia da Cultura de matriz argentina. Ainda que a visão do bispo de Roma não se restrinja a ela, não há como negar sua influência em seu modo de sentir e agir". Mesmo que Francisco não tenha ficado restrito a essa teologia em seu pontificado, a marca dela em sua vida é bastante evidente. Como assevera Souza (2023 *apud* Fiore, 2024, p. 39): "Francisco é profundamente marcado pela teologia do povo".

Brasileiro *et al*. (2023) explica que a Teologia do Povo, juntamente com a Teologia da Libertação, podem ser consideradas as duas maiores expressões teológicas latino-americanas. Ainda, no que diz respeito à sua origem, Ferraz (2020, p. 64) assim afirma:

> A recepção dos documentos conciliares definitivo na Argentina foi debatida na Assembleia extraordinária dos bispos e documentada em 1969. Antes, foi criado pelos bispos em 1966 o Conselho Episcopal de Prática Pastoral (COEPAL), com o objetivo de desenvolver um plano de ação pastoral para o país. Esta comissão era formada por bispos, padres, teólogos, homens e mulheres religiosos e agentes pastorais. Os padres diocesanos Lucio Gera e Rafael Tello – além de outros importantes nomes como Justino O'Farrell and Gerardo Farrell – fizeram parte deste grupo. Foi deste ambiente e atmosfera que nasceu a *Teología del Pueblo* (TdP).

Foi com a eleição de Jorge Bergoglio ao pontificado que essa teologia passou a ter maior notoriedade no âmbito acadêmico teológico internacional, como um ramo da teologia latino-americana. "Seu destaque emerge da visibilidade e recepção da comunidade católica e externa, bem como dos meios de comunicação a respeito das ações, gestos e palavras do Papa Francisco" (Villas Boas, 2016, p. 761). Para Ferraz (2020, p. 65):

> A *Teologia del Pueblo* compreende o povo como "sujeito comunitário de uma história e cultura". Desta forma, a compreensão de povo se aproxima de

> "nação", não vivida pela via do Estado e território, mas pela cultura e decisão ético-histórica de quem participam em prol do bem comum.

De acordo com Ferraz (2020), a teologia do povo pode ser também caracterizada pelo fazer teológico a partir dos pobres e vítimas da história. Desse modo, ela não nega os abismos sociais e os conflitos que surgem a partir de tais situações, não obstante, privilegia a unidade ao mesmo tempo em que repele o conflito. É importante destacar que esse posicionamento foi reafirmado inúmeras vezes por Francisco. Pode-se dizer que em termos metodológicos, conforme explica Ferraz, a teologia do povo fez uso, de forma preferencial, das seguintes diretrizes:

> (1) Uso da análise histórico-cultural, privilegiando-a sobre a análise social estrutural sem descartar esta última; (2) emprego de ciências mais sintéticas e hermenêuticas, como história, cultura e religião (como complementos de ciências mais analíticas e estruturais) como forma de mediação para conhecer a realidade e transformá-la; (3) enraizamento de tais mediações científicas em um conhecimento sapiencial e discernimento em prol da "conaturalidade afetiva que o amor proporciona" (EG 125), que, por sua vez, confirma seu caráter científico; e (4) tomar uma distância crítica do método marxista de análise social e suas categorias de entendimento e estratégias práticas (Ferraz, 2020, p. 66).

Ao valorizar o encontro com o povo e com sua cultura, Francisco se torna também o representante de uma teologia que lida com o pluralismo, constituindo um magistério "[...] marcado pela construção de pontes na promoção do ecumenismo e do diálogo inter-religioso", o qual "recebe agora o reconhecimento de grupos brasileiros, organizações e Igrejas que atuam na caminhada no Brasil e no mundo, como o CONIC (Conselho Nacional das Igrejas Cristãs) e a CESE[45] (Coordenadoria Ecumênica de Serviço)" (CNBB, 2025, s.p.).[46]

Vale frisar que a notoriedade e relevância de Francisco transcenderam a sua posição no catolicismo, sendo tributárias de seus esforços em prol da melhoria das condições de vida das pessoas no mundo. A ampla divulgação de suas ações e pronunciamentos, por diversos meios de comunicação, contribui, de forma significativa, para preservar sua imagem e influência em todo o mundo. Conforme Rossi (2022, p. 129):

---

[45] A CESE é uma organização ecumênica que é composta por seis igrejas cristãs, tendo sido fundada em 1973 para ser uma expressão do compromisso ecumênico em defesa dos direitos humanos (CNBB, 2025).

[46] Nesse contexto vale frisar que a mensagem publicada pelo CONIC (pela Páscoa do Papa Francisco), destaca que o Santo Padre foi um "testemunho corajoso em contextos hostis", ressaltando ainda a sua presença e cuidado junto aos migrantes e refugiados, o diálogo com os movimentos sociais, a encíclica *Laudato Si'* na América Latina e também o seu "profundo compromisso com o ecumenismo e o diálogo inter-religioso" (CNBB, 2025).

> Enfim, Francisco tem elaborado um edifício sólido e de grande contribuição para a Igreja Católica e para toda a sociedade. Sua contribuição se dá não só pelo seu pensamento, mas pela coerência de sua vida. As questões sociais são mutáveis, e exigirão sempre atenção da sociedade e da Igreja, porém, os princípios e propostas de Francisco são atemporais, e irão nortear o agir dos cristãos por muito tempo e nas mais adversas circunstâncias. Compreendendo melhor a religião como elemento de *religação* na sociedade, será possível unir forças entre os agentes sociais e religiosos, para que o mundo seja sempre mais fraterno, um mundo de irmãos ou propriamente de fraternidade universal.

No próximo tópico, apresentam-se, com maiores detalhes, aspectos da Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium* e também das Cartas Encíclicas *Laudato Si', Fratelli Tutti* e *Dilexit nos*, revelando o quanto esses documentos foram, e continuam sendo, um grande legado de Francisco.

3.2 Aspectos do projeto teológico-pastoral de Francisco: *Evangelii Gaudium, Laudato Si', Fratelli Tutti e Dilexit nos*

Em seu pontificado, Francisco, por meio da exortação apostólica *EG*, e das cartas encíclicas *LS*, *FT e DN*, demonstrou o seu compromisso em promover uma Igreja aberta a todas as pessoas, e sua atenção às realidades sociais, ecológicas e humanas de um mundo contemporâneo em constantes transformações. Vale frisar que esses documentos papais têm em comum uma forte ênfase na justiça social, na dignidade humana e na responsabilidade coletiva.

3.2.1 A exortação apostólica *Evangelii Gaudium (EG)*

A *EG* é um documento papal de grande revelância, pois dá o tom do pontificado de Francisco. Também em virtude disso, é a este documento que se dedica maior espaço nesse capítulo. Seus temas são recorrentes em seus discursos e ensinamentos, trazendo desde a primeira hora um destaque para o diálogo inter-religioso (*EG* 250-254). Publicada no dia 24 de novembro de 2013, a *EG* pode ser considerada o primeiro documento do pontificado de Francisco. Como bem destaca Sanchez (2025, p. 131):

> A exortação *Evangelii Gaudium* (*EG*) ficou muito conhecida por uma expressão utilizada por Francisco, que expressa muito bem sua concepção de Igreja: Igreja em saída. É a concepção de que a Igreja é uma Igreja em movimento, sempre em missão e aberta ao mundo e aos seus desafios.

Ainda nesse aspecto, Ferraz (2020, p. 77) assim relata:

> Trata-se de uma Exortação Pós-Sinodal que pretende ser muito mais, tanto que intencionalmente não carrega o "Pós-Sinodal" em seu título. Este documento é norteador para a compreensão do plano de pontificado de Francisco, pois nele está exposto o conteúdo programático[47] do seu pontificado.

Ainda, no que se refere ao caráter *programático* da *EG*, Sanchez (2025, p. 131-132) assim afirma:

> O estilo do documento é programático, é uma carta de princípios, é um documento inaugural: nele, Francisco quer apresentar, em linhas gerais, as prioridades de seu ministério.[48] O fato de a Exortação ser um documento programático e de ter um viés social acentuado revela a concepção teológica de fundo que Francisco adotou no seu pontificado: a Igreja é uma realidade inserida no mundo para anunciar o Reino de Deus, e esse anúncio tem uma dimensão social intrínseca. Evangelho e mundo não se separam; o anúncio do Evangelho só pode acontecer no mundo, e, portanto, decorre a sua dimensão social.

A *EG* é composta por uma introdução, seguida por cinco capítulos: "a transformação missionária da Igreja"; "a crise do compromisso comunitário"; "o anúncio do evangelho"; "a dimensão social da evangelização"; "evangelizadores com espírito"[49] (Sanchez, 2025). Na sequência, apresenta-se de modo resumido, a estrutura da EG, destacando-se a linguagem pastoral com a qual Francisco desenvolve sua Exortação Apostólica.

Preâmbulo

Na *EG* (1-3), Francisco convida todas as pessoas a redescobrirem e partilharem a alegria que brota do encontro pessoal com Jesus Cristo. Esta não é uma alegria superficial ou efêmera, mas uma força que transforma a existência, liberta da tristeza e enche a vida de sentido. Contudo, o pontífice alerta para os perigos do

---

[47] "No conteúdo programático do seu pontificado, o DIR ganhou um espaço importante. A palavra diálogo aparece 47 vezes na *EG*, sendo que 10 vezes especificamente em referência ao diálogo com as religiões, o que atesta o interesse de Francisco pelo DIR e a importância de tal obra para a temática" (Ferraz, 2020, p. 103).

[48] Nesse contexto é importante destacar que a *EG* contempla algumas das conclusões do Sínodo de 2012, que foi realizado no pontificado do Papa Bento XVI, e que versou sobre a "Nova evangelização para a transmissão da fé cristã". Levando-se em consideração que a *EG* foi o primeiro documento do Papa Francisco, e de grande relevância, ela apresenta um caráter que acaba por transcender a apresentação das conclusões do Sínodo (Sanchez, 2025).

[49] Na *EG* é nítido o seu vínculo com os demais documentos do Concílio Vaticano II; aliás, mais do que isso, uma vez que a *EG* apresenta uma leitura bastante original dos textos conciliares, dentro do espírito do *aggiornamento* promovido pelo evento em questão (Sanchez, 2025).

mundo atual, marcado pelo consumismo e pelo individualismo, que podem levar o humano a um fechamento em si mesmo, sufocando a capacidade de acolher os mais pobres, escutar a Deus e de experimentar a doce alegria do seu amor. É exatamente nesse contexto que, para o Papa, se torna urgente o convite para que cada cristão possa renovar o seu encontro com Deus e confiar em sua misericórdia.

Esta alegria, conforme o pontífice, está profundamente enraizada na história da salvação. Os textos do Antigo Testamento já anunciavam com esperança a alegria messiânica, e os Evangelhos revelam como a vida e a mensagem de Jesus são uma fonte de júbilo. Desde a anunciação até a ressurreição, passando pelos milagres e ensinamentos, a presença de Cristo gera alegria. O Papa recorda que, mesmo nas provações mais difíceis, a alegria da fé pode permanecer como um feixe de luz, uma confiança secreta no amor incondicional de Deus (*EG* 4-8).

O cerne da experiência cristã não é, desse modo, uma mera adesão a um conjunto de normas ou ideias, mas sim um encontro vivo com Jesus Cristo, que concede um novo horizonte e um rumo decisivo à existência. É justamente esse encontro que vem não apenas a libertar do isolamento, mas também comunicar aos outros o amor recebido (*EG* 7-8).

Movido por essa experiência, o cristão descobre a “doce e reconfortante alegria de evangelizar”. O bem, por sua natureza, tende a comunicar-se, e quem experimentou a libertação do amor de Deus sente um desejo profundo de partilhar esse amor. Citando São Paulo, Francisco recorda que o anúncio do Evangelho não é uma opção, mas uma necessidade interior: “Ai de mim, se eu não evangelizar!” (*EG* 9).

De acordo com Francisco, essa missão não deve ser vivida como um fardo, mas sim como uma aventura que eleva a vida a um nível superior de intensidade e realização. Os evangelizadores não são chamados a ter uma “cara de funeral”, mas a irradiar o fervor e a alegria de Cristo, mesmo quando é preciso “semear com lágrimas” (*EG* 10).

A verdadeira novidade da evangelização não está em alterar a mensagem, que permanece eternamente a mesma, centrada em Cristo, mas em deixar-se renovar de forma contínua por Aquele que é “sempre jovem” e fonte de constante novidade. É Ele, com a força do seu Espírito, o verdadeiro protagonista da missão, cabendo aos seus fiéis a tarefa de cooperar com a sua iniciativa (*EG* 11).

Essa dinâmica missionária não significa romper com a tradição ou desprezar a história, pelo contrário, a alegria de evangelizar alimenta-se de uma “memória agradecida” das maravilhas que Deus operou em seu povo. A Eucaristia, memória viva do sacrifício de Cristo, é o centro a partir do qual esta memória se atualiza e convida a todos a empreenderem nessa missão (*EG* 13).

Inspirado pelos trabalhos do Sínodo dos Bispos de 2012, Francisco delineia três âmbitos prioritários para a nova evangelização. O primeiro é a pastoral ordinária, dirigida aos fiéis que participam assiduamente da vida da comunidade, com o propósito de alimentar o seu crescimento na fé; o segundo é o cuidado com os fiéis afastados, batizados que, por diversas razões, não vivem as exigências do seu Batismo e perderam o sentido de pertença à Igreja, a estes, é preciso oferecer um caminho de conversão que lhes restitua a alegria da fé; por fim, está o anúncio àqueles que não conhecem Cristo ou que sempre o recusaram (*EG* 14).

Todos têm o direito de receber o Evangelho, e os cristãos devem proclamá-lo não como uma imposição, mas como a partilha de uma alegria, um horizonte de beleza e um banquete apetecível. O crescimento da Igreja dá-se, assim, não por proselitismo, mas “por atração” (*EG* 14).

Nesse sentido, a atividade missionária não é uma tarefa entre outras, mas o verdadeiro paradigma de toda a obra da Igreja. É urgente, como afirmaram os bispos latino-americanos, passar “de uma pastoral de mera conservação para uma pastoral decididamente missionária”, constituindo essa a fonte das maiores alegrias, que também pode ser observada na assertiva a seguir: “Haverá mais alegria no Céu por um só pecador que se converte, do que por noventa e nove justos que não necessitam de conversão” (*EG* 15).

Tendo como pano de fundo estas convicções, Francisco apresenta as metas e contornos desta Exortação. Aceitando o pedido dos Padres sinodais, Francisco não pretende oferecer uma análise exaustiva de todos os problemas da atualidade, nem substituir o discernimento das igrejas locais, pelo contrário, defende uma salutar “descentralização” que valorize a responsabilidade dos episcopados na leitura de seus próprios contextos. O seu propósito é mais preciso: propor diretrizes que possam encorajar e orientar, em toda a Igreja, uma nova etapa evangelizadora, marcada pelo ardor e dinamismo. Para isso, deteve-se em temas que considera fundamentais para delinear um estilo evangelizador renovado, tais como: a reforma da Igreja em saída missionária, as tentações dos agentes pastorais, o papel de todo o Povo de Deus na

evangelização, a importância da homilia, a inclusão social dos pobres, a promoção da paz e do diálogo social, e as motivações espirituais para o compromisso missionário (*EG* 16-17).

O desenvolvimento desses temas, ainda que aprofundado, não visa a criação de um tratado, mas sim destacar a sua incidência prática na missão da Igreja na contemporaneidade. No fundo, trata-se de assumir um estilo de vida e de anúncio que seja permeado pela alegria do Evangelho (*EG* 18).

É este o convite final de Francisco neste introito: que, no meio do trabalho diário, seja possível fazer a exortação de São Paulo: “Alegrai-vos sempre no Senhor! De novo vos digo: alegrai-vos!”. É a partir desta alegria, que nasce do encontro com Cristo, que a Igreja poderá empreender, com renovado vigor, a sua efetiva saída missionária para o mundo de hoje (*EG* 18).

O projeto teológico-pastoral do Papa Francisco, expresso nos parágrafos iniciais da Evangelii Gaudium, revela-se como um chamado urgente e alegre à renovação missionária da Igreja. Francisco parte da alegria do Evangelho como fundamento da identidade cristã, enfatizando que esse júbilo nasce do encontro pessoal com Jesus Cristo e não pode ser retido, mas deve ser comunicado. Ele critica o “individualismo triste” do mundo contemporâneo e convida a uma Igreja “em saída”, que supere a autorreferencialidade e vá às periferias existenciais.

Sua proposta é, portanto, profundamente missionária e comunitária: a evangelização é tarefa de todo o Povo de Deus, e a Igreja deve ser uma “casa de portas abertas” (*EG* 46). Francisco defende uma conversão pastoral que abandone estruturas e costumes que já não servem à missão, privilegiando o anúncio essencial do amor de Deus em Jesus Cristo. Esse anúncio deve ser encarnado e relevante, com uma linguagem acessível e centrada no querigma, sem se perder em doutrinas secundárias. Em resumo, seu projeto é uma reformulação dinâmica e misericordiosa da presença da Igreja no mundo, orientada pela alegria, pela proximidade com os pobres e pela ousadia missionária.

A transformação missionária da Igreja

Especificamente em relação ao Capítulo I, Francisco, ao iniciá-lo, recorda o mandato missionário de Jesus: “Ide, pois, fazei discípulos de todos os povos” (Mt 28, 19-20). Este “ide” define a essência de uma Igreja “em saída”, que não pode e não

deve ficar fechada em si mesma. A alegria do Evangelho é missionária e impele a comunidade a sair de sua situação de comodidade para alcançar todas as “periferias” humanas que precisam da luz do Evangelho (*EG* 19).

Nesse aspecto, vale ressaltar que a intimidade da Igreja com Jesus pode ser entendida como uma intimidade itinerante, não sendo, portanto, estática, mas sim dinâmica. A Palavra de Deus pode e deve ser vista como uma força própria, que não se pode controlar, e que evolui para além de esquemas e previsões. A Igreja deve, desse modo, anunciar o Evangelho a todos, em todos os lugares e ocasiões, sem demora, repugnância ou quaisquer tipos de medo. Sendo assim, a alegria do Evangelho é para todo o povo, sem excluir ninguém (*EG* 23).

Nesse contexto, é importante frisar que a comunidade missionária é chamada a “primeirear”, ou seja, tomar a iniciativa, ir ao encontro, buscar os afastados e convidar os excluídos, movida pela misericórdia infinita do Pai. A comunidade missionária também é chamada a envolver-se, a entrar no cotidiano dos outros, a contrair “o cheiro das ovelhas”, abaixando-se para tocar a carne sofredora de Cristo no povo e para o povo. Outro chamamento se refere ao acompanhamento, no sentido literal da palavra, ou seja, de acompanhar a humanidade em todos os seus processos, com paciência e suportação apostólica, sem se deter nas limitações. Outro chamamento diz respeito ao ato de frutificar, utilizando, para isso, uma metáfora, no sentido de que é necessário cuidar do trigo e não se perder em alarmismos por causa do joio, confiando que a Palavra dará frutos de vida nova. Por fim, a comunidade também é chamada a festejar, ou seja, a celebrar cada pequena conquista e cada passo ao encontro da evangelização, encontrando na liturgia a beleza que renova o impulso missionário (*EG* 24).

Francisco sublinhou em suas palavras a necessidade urgente no sentido de haver uma conversão pastoral e missionária, que não poderia deixar as coisas como estavam, não servindo, nesse aspecto, apenas uma “simples administração”, mas sim a constituição de um “estado permanente de missão”, que deveria abranger, entre outros propósitos, a renovação Eclesial, uma ação missionária capaz de transformar tudo: costumes, estilos, horários, linguagem e estruturas, para que pudessem se tornar um canal mais propício à evangelização do mundo atual do que à auto-preservação (*EG* 25-27).

A Paróquia, para Francisco, não deve ser vista como uma estrutura caduca, mas sim como uma instituição que deve estar sempre à procura de reformar-se e

adaptar-se ao território, à escuta da Palavra, ao crescimento, ao diálogo e à caridade, devendo apresentar-se como uma comunidade de comunidades e centro de envio missionário. Outras instituições eclesiais, comunidades de base, movimentos e também outras formas de associação constituem uma riqueza e devem integrar-se na pastoral orgânica da Igreja, buscando evitar ao máximo o nomadismo sem raízes (*EG* 28-29).

Francisco busca promover a descentralização do papado, assumindo tanto o desafio de sua conversão, como também das estruturas centrais da Igreja, promovendo assim uma descentralização de modo saudável e passando a atuar de forma que as conferências episcopais pudessem ter um maior protagonismo (*EG* 31-32).

Outro fator de destaque nessa equação diz respeito ao modo como Francisco apresenta a todos a questão da ousadia e da criatividade, ao convidá-los para que possam assumir sua ousadia e criatividade no que tange à tarefa de repensar objetivos, estruturas, estilo e métodos evangelizadores, aplicando as orientações com generosidade e coragem (*EG* 33).

Especificamente no que se refere à pastoral missionária, Francisco ressaltou o quanto a forma de comunicação da mensagem é crucial, deixando claro que a mensagem não pode aparecer de forma mutilada, reduzida a aspetos secundários da doutrina moral, que por si só não manifestam o coração de Jesus Cristo (*EG* 35).

Nesse contexto, Francisco deixou claro que em um mundo repleto de muitas informações e distrações, o anúncio do Evangelho precisa concentrar-se no que é verdadeiramente essencial: “a beleza do amor salvífico de Deus, revelado em Jesus Cristo morto e ressuscitado”. Esse anúncio, contudo, deve respeitar uma “hierarquia das verdades”, priorizando aquelas que estão mais diretamente ligadas ao cerne da fé cristã. Essa mesma lógica aplica-se à doutrina moral, na qual a fé que atua por meio do amor e a misericórdia ocupam um lugar central (*EG* 36).

É fundamental, ainda, buscar uma proporção adequada na pregação. Quando se enfatiza mais a lei do que a graça, ou mais a Igreja do que Jesus Cristo, corre-se o risco de criar um desequilíbrio que acaba ofuscando o coração do Evangelho. A Igreja é chamada a crescer, de forma contínua, na plena compreensão da verdade revelada, contando com a contribuição de exegetas, teólogos e outras áreas do saber. Essa verdade, não obstante, precisa ser expressa em linguagem acessível a todos, permitindo assim aos fiéis reconhecer sua permanente novidade (*EG* 37-38).

Muitas vezes, uma linguagem ortodoxa, embora correta, pode não comunicar a substância viva da mensagem cristã. Por essa razão, é necessário renovar as formas de expressão, sem alterar o conteúdo imutável do Evangelho. Esse processo inclui rever costumes e normas eclesiais que, embora enraizados na história, já não mais condizem com os novos tempos e à transmissão da fé; também, nesse contexto, vale ressaltar que os preceitos disciplinares devem ser propostos com moderação, de modo a não sobrecarregar a vida dos fiéis (*EG* 39, 41).

Além disso, a Igreja é convidada a acompanhar as pessoas com paciência e misericórdia, reconhecendo que cada uma vive um processo único de crescimento. O confessionário, por exemplo, não deve ser um espaço de rigor excessivo, mas sim o lugar do encontro com a ternura divina. Um pequeno passo, mesmo em meio a fragilidades, pode ser mais valioso aos olhos de Deus do que uma vida que parece correta apenas exteriormente (*EG* 44).

Por fim, a Igreja é chamada a ser uma “casa de portas abertas”, uma mãe de coração acolhedor. Suas portas, especialmente as dos sacramentos, não devem ser fechadas por qualquer motivo. A Eucaristia, em particular, não é um prêmio para os perfeitos, mas um remédio generoso para os fracos. E nessa missão de acolhida, a opção preferencial pelos pobres e excluídos permanece como um importante vínculo indissociável entre a fé e a caridade (*EG* 46).

Mais do que uma instituição fechada em suas seguranças, a Igreja deve ser “em saída”, em outras palavras, deve estar disposta a sair pelas estradas, a sujar-se, a enlamear-se com a vida real, deixando assim o fechamento e a comodidade e passando a inquietar-se com tantos irmãos que ainda vivem sem a força, a luz e a consolação da amizade, compaixão e amor de Jesus Cristo (*EG* 49).

Na crise do compromisso comunitário

No que se refere ao Capítulo II, em particular em relação aos parágrafos de n. 52 ao 75, Francisco dedica uma parte significativa a analisar os desafios do mundo atual que interferem no compromisso comunitário e na missão evangelizadora da Igreja. Assim, a partir do parágrafo 52, Francisco inicia uma reflexão sobre as crises contemporâneas, alertando para o perigo de uma análise que possa vir a ser excessivamente sociológica ou asséptica, propondo, no lugar dessa concepção, um discernimento evangélico à luz do Espírito Santo.

O Santo Padre destaca, entre os principais desafios, uma economia que exclui e mata, condenando, veementemente, um sistema que acaba privilegiando o lucro acima da dignidade humana, onde os pobres são tratados como “resíduos” e a desigualdade social gera violência e exclusão; Francisco também alerta sobre a questão da globalização da indiferença, que torna as pessoas incapazes de se comoverem com o sofrimento alheio, além também de denunciar a idolatria do dinheiro, que subjuga o ser humano a uma lógica de consumo e descarte constante (*EG* 53).

Além das questões econômicas, o documento aborda os desafios culturais. Em um mundo tão marcado pelo relativismo, pelo individualismo e pela cultura do provisório, a fé enfrenta sérias ameaças. Francisco observa que, em muitos casos, a secularização confina a religião ao espaço privado, enquanto movimentos religiosos, de caráter fundamentalista ou sem Deus proliferam, muitas vezes preenchendo vazios deixados por uma razão secularista e um sistema materialista (*EG* 63).

A família, célula fundamental da sociedade, também é apontada como vítima dessa crise cultural. Fragilizada por visões distorcidas do matrimônio e por um individualismo que enfraquece os vínculos, a instituição familiar carece de um apoio pastoral renovado, capaz de valorizar sua missão transmissora da fé e da vida (*EG* 66).

Outro ponto crucial nesse contexto é a inculturação da fé, no qual Francisco reconhece a riqueza das culturas evangelizadas, mas alerta para a necessidade de purificação e amadurecimento, sobretudo em tradições populares que, por vezes, podem ser superficializadas ou instrumentalizadas. Nesse aspecto Francisco bem enfatiza a importância de uma piedade popular autêntica, enraizada no encontro vivo com Deus e não em devoções vazias ou interesses particulares (*EG* 68-69).

Por fim, Francisco dirige seu olhar para os desafios das culturas urbanas. Nas cidades, onde pulsam novas formas de cultura e convivência, a Igreja é chamada a ser presença viva, capaz de dialogar, discernir e anunciar o Evangelho de forma criativa; ainda, nesse contexto, Francisco frisa a ambivalência das cidades: espaços de oportunidades, mas também de solidão, violência e exclusão. A evangelização urbana exige uma Igreja que saia às periferias existenciais, que se faça o mais próxima possível, que transforme realidades de dor em espaços de vida plena, e é justamente nesse âmbito que Francisco convida a uma Igreja em saída, que não tema entrar no coração das cidades e das culturas, levando a luz do Evangelho e

restabelecendo a dignidade da vida humana onde ela foi mais ferida (*EG* 71-75).

Já no que diz respeito a este mesmo capítulo, porém, agora, analisando os parágrafos de n. 76 ao 109, Francisco dedica especial atenção aos agentes pastorais e aos fiéis, reconhecendo, com gratidão, sua imensa contribuição para a Igreja e para o mundo; contudo, alertando para as tentações que podem enfraquecer seu testemunho e missão, em particular em um contexto cultural globalizado, que influencia a todos, inclusive os cristãos.

O Santo Padre inicia destacando a necessidade de os agentes pastorais cultivarem uma espiritualidade missionária autêntica, que supere o individualismo e o mero cumprimento de deveres como algo exterior à própria identidade. Muitos, influenciados por uma cultura que desconfia da mensagem da Igreja, acabam por relativizar sua fé e até mesmo esconder sua identidade cristã, caindo num complexo de inferioridade que os impede de testemunhar com alegria e convicção. Essa atitude leva a um “relativismo prático”, como se Deus e os pobres não existissem, minando o entusiasmo missionário (*EG* 76-80).

Em seguida, Francisco alerta para o perigo da acédia egoísta, uma espécie de desânimo que leva muitos a evitar compromissos apostólicos por medo de perder seu tempo livre. Esse cansaço não vem do excesso de atividades, mas da falta de motivação profunda e de uma espiritualidade que dê sentido à ação. A acédia pastoral pode surgir de projetos irreais, da impaciência com os processos, do apego a sonhos de sucesso pessoal ou até mesmo do distanciamento da realidade do povo. O resultado é um “pragmatismo cinzento” que esvazia a fé e transforma os cristãos em “múmias de museu” (*EG* 81-83).

Outra tentação é o pessimismo estéril, que vê apenas os males do mundo e da Igreja, perdendo a confiança no Espírito Santo. Francisco recorda as palavras do Beato João XXIII, que condenava os “profetas de desgraça” e confiava na Providência divina, mesmo diante de várias adversidades. A verdadeira fé enxerga a graça onde abundou o pecado e acredita que a cruz é sempre um estandarte de vitória. Mesmo nos “desertos” espirituais contemporâneos, ainda há o chamamento paa a conversão em testemunhas de esperança (*EG* 84-86).

O texto prossegue enfatizando a importância de cultivar relações novas geradas por Jesus Cristo. Em um mundo extremamente conectado, contudo, muitas vezes isolado, a Igreja é chamada a promover o encontro real, a proximidade, a solidariedade. A fé encarnada recusa tanto um espiritualismo desencarnado quanto

um consumismo religioso individualista. A verdadeira cura para o individualismo está na “fraternidade mística”, que consegue visualizar Deus em cada rosto e aprende a amar com paciência, compromisso e respeito (*EG* 87-92).

Francisco adverte também contra o mundanismo espiritual, que busca a glória humana em vez da glória de Deus. Esse mal pode manifestar-se de duas formas: o gnosticismo, que fecha a fé no subjetivismo, e o neopelagianismo, que confia apenas nas próprias forças e normas. Ambas as posturas são autorreferenciais e impedem um verdadeiro dinamismo evangelizador. O mundanismo leva a uma Igreja autorreferencial, preocupada com aparências, liturgias exibicionistas, planejamentos infrutíferos e críticas destrutivas. A saída é centrar-se em Jesus Cristo e na missão, especialmente junto aos pobres (*EG* 93-97).

Igualmente nocivo é o risco da guerra. Nesse contexto Francisco lembra e lamenta as divisões, invejas e críticas que enfraquecem a comunhão eclesiástica. Em um mundo dilacerado por diversos conflitos, o testemunho da fraternidade entre os cristãos é essencial para a credibilidade do Evangelho (*EG* 98-101).

Por fim, Francisco aborda outros desafios eclesiais, como a necessidade de maior protagonismo dos leigos, o reconhecimento do papel da mulher na sociedade e na Igreja (sem confundir funções com dignidade), a pastoral juvenil renovada que escute e valorize os jovens, e a promoção de vocações ao sacerdócio e à vida consagrada, que brotam de comunidades fervorosas e alegres. Conclui lembrando que os idosos e os jovens são a esperança dos povos: os primeiros com a sabedoria da experiência, os segundos com abertura ao futuro. O Santo Padre encerra esta seção com um encorajamento: “Os desafios existem para ser superados. Sejamos realistas, mas sem perder a alegria, a audácia e a dedicação cheia de esperança. Não deixemos que nos roubem a força missionária!” (*EG* 102-109).

O anúncio do Evangelho

No que diz respeito ao Capítulo III, sobretudo em relação aos parágrafos de n. 111 ao 175, para Francisco, a Igreja, enquanto Povo de Deus, é chamada a ser sujeito ativo da evangelização.

Este povo não se reduz a uma estrutura hierárquica, mas é uma comunidade peregrina e missionária, enraizada na iniciativa gratuita de Deus, que oferece a salvação a todos. A Igreja é, assim, sacramento de salvação, instrumento da graça

divina que atua para além de qualquer controle humano. A salvação não é individual, mas comunitária, devendo frisar-se que ninguém se salva sozinho. Deus convoca um povo, e a Igreja é essa comunidade que acolhe e propaga a fé (*EG* 111-114).

Esse povo de Deus se encarna em diversas culturas, assumindo rostos múltiplos. A inculturação da fé não ameaça a unidade da Igreja, pelo contrário, enriquece-a, pois o Espírito Santo suscita uma diversidade harmoniosa que reflete a beleza pluriforme da Revelação. Cada cultura, ao acolher o Evangelho, é fecundada pelo Espírito e, por sua vez, contribui com novas expressões de fé. A evangelização deve, portanto, respeitar e valorizar as culturas locais, sem impor modelos externos, mas promovendo uma autêntica inculturação que permita ao Evangelho enraizar-se e florescer em cada contexto (*EG* 115-118).

Todos os batizados são discípulos missionários. Não há distinção entre aqueles que evangelizam e os que são evangelizados, porque cada cristão, pelo batismo, é chamado a anunciar a alegria do encontro com Jesus. A piedade popular, como expressão espontânea da fé do povo, é uma força evangelizadora que deve ser valorizada e acompanhada, pois nela se manifesta a ação do Espírito Santo. A evangelização ocorre também no cotidiano, no encontro pessoal, no diálogo respeitoso e no testemunho de vida. É uma comunicação que vai além das palavras, envolvendo escuta, partilha e oração (*EG* 119-121).

A pregação, especialmente a homilia, ocupa lugar central na evangelização. Ela deve ser fruto de uma preparação cuidadosa, que inclui estudo, oração e escuta da Palavra de Deus e do povo. A homilia não é uma conferência, mas um diálogo no contexto litúrgico, que aproxima a comunidade do mistério de Cristo. O pregador deve falar com simplicidade, clareza e calor maternal, usando linguagem acessível e imagens que toquem o coração. A formação para a pregação exige humildade, amor à Palavra e sensibilidade pastoral (*EG* 135-138).

A evangelização também se dirige ao aprofundamento da fé, por meio da catequese querigmática e mistagógica. O anúncio central, o querigma, deve permanecer no coração de toda formação, pois é a base sobre a qual se constrói a vida cristã. A catequese deve levar a um encontro pessoal com Jesus, despertando o desejo de crescer na fé e no amor. A via da beleza (via *pulchritudinis*) é um caminho privilegiado para transmitir a fé, mostrando que seguir Cristo é não apenas verdadeiro e bom, mas também belo (*EG* 163-168).

O acompanhamento espiritual é essencial para o crescimento na fé. Trata-se

de uma arte que exige proximidade, paciência e discernimento, ajudando cada pessoa a responder à vocação divina em sua vida concreta. Esse acompanhamento não é intimista, mas orientado para a missão, inspirado no exemplo de Paulo com seus discípulos Timóteo e Tito (*EG* 169-173).

Por fim, a Palavra de Deus é o fundamento de toda evangelização. Ela deve ser escutada, meditada, celebrada e testemunhada. A familiaridade com a Sagrada Escritura é indispensável para que a fé seja fecunda e se exprima em gestos concretos de amor e serviço. A Igreja não evangeliza se não se deixar evangelizar pela Palavra, que é viva, eficaz e transformadora (*EG* 174-175).

A dimensão social da evangelização

O Capítulo IV da *EG*, compreende os parágrafos que vão do n. 176 ao 258, com especial atenção aos parágrafos 250 ao 254. Neste capítulo, Francisco inicia suas explicações defendendo, com vigor, que a proclamação do Evangelho é incompleta se não assumir integralmente sua dimensão social. Anunciar a Boa-Nova significa tornar presente e atuante o Reino de Deus no mundo, o que implica, de modo inevitável, um compromisso transformador com a sociedade e a promoção incansável do bem comum.

O anúncio central do amor salvífico de Deus, o querigma, carrega em si profundas repercussões comunitárias, cujo núcleo é a caridade. No momento em que se reconhece que o Pai ama cada pessoa com amor infinito, por consequência também se reconhece a dignidade infinita que Ele confere a cada ser humano. A redenção operada por Cristo possui uma dimensão social, pois Deus, n'Ele, redime não apenas o indivíduo isolado, mas também a teia de relações que constitui a vida em sociedade. É o Espírito Santo, com sua inventiva divina, quem busca impregnar todas as situações humanas e todos os vínculos sociais, cabendo à evangelização ser parceira desta ação libertadora. Para Francisco, esta verdade desdobra-se em consequências práticas iniludíveis. A Palavra de Deus é clara e direta: o amor a Deus e ao próximo são duas faces da mesma moeda, inseparáveis. Aquele que ama a Deus deve necessariamente amar seu irmão, pois é justamente por meio desse amor ao Pai que se pode "testar" o cuidado e compromisso com o próximo, em particular o mais "pequeno" (*EG* 177-179).

A proposta do Evangelho é, em sua essência, o anúncio do Reino de Deus,

que se traduz na construção de uma sociedade marcada pela fraternidade, justiça, paz e dignidade inalienável para todos. Desse modo, a experiência e o anúncio cristãos tendem, naturalmente, a gerar consequências sociais. Guiada por seu pensamento social, a Igreja tem não apenas o direito, mas o dever sagrado de se pronunciar sobre a vida das pessoas e a ordem social, promovendo uma esperança cristã autêntica, que não foge da história, mas a gera e transforma (*EG* 180-181).

Deste princípio fundamental, emergem duas questões urgentes para o nosso tempo: a inclusão social dos pobres e a construção da paz através do diálogo. A fé em Cristo, que Se fez pobre por nós, impele a Igreja a uma opção preferencial pelos pobres. Esta opção é, antes de tudo, uma categoria teológica, pois Deus manifesta sua misericórdia de modo particular a eles. Os cristãos são, portanto, chamados a ser instrumentos dóceis para ouvir o seu clamor e trabalhar não apenas pela sua assistência, mas pela sua libertação e promoção integral, atacando as causas estruturais da pobreza (*EG* 182-185).

A fidelidade ao Evangelho exige uma misericórdia que se traduz em justiça concreta, frisando que o critério que autenticou a missão de São Paulo foi não se esquecer dos pobres. Eles ocupam um lugar privilegiado no coração de Deus e, consequentemente, no caminho da Igreja, que é convocada a ser uma “Igreja pobre para os pobres” (*EG* 186-201).

Para resolver o flagelo da pobreza, é imperioso ir à sua raiz, que é a desigualdade social. A economia deve ser posta verdadeiramente a serviço do bem comum e de uma distribuição equitativa dos recursos, superando a confiança cega nas forças do mercado e criando trabalho digno para todos; ademais, também é preciso ter atenção em relação às novas formas de fragilidade, como os que estão desabrigados, os migrantes, os refugiados, entre outros, até mesmo porque cuidar deles é também acolher o próprio Cristo (*EG* 202-216).

A paz, por sua vez, não é simplesmente a ausência de guerra, mas a construção paciente e ativa de uma ordem social justa, alicerçada no bem comum. Para orientar este caminho, a *EG* propõe quatro princípios interligados. Primeiro, o tempo é superior ao espaço, o que significa privilegiar processos geradores de mudanças duradouras ao invés de se concentrar a espaços de poder que buscam controlar o presente. Em segundo lugar, a unidade prevalece sobre o conflito, entendendo que o conflito é inevitável, mas pode se tornar uma oportunidade de crescimento se for enfrentado com coragem e criatividade. O terceiro princípio afirma

que a realidade é mais importante do que a ideia, prevenindo assim a todos contra as ideologias e os projetos que não se encarnam na complexidade da vida real do povo. Por fim, o todo é superior à parte, reforçando assim a necessidade de equilibrar a perspectiva global com o amor ao local, onde o todo dá sentido a cada parte (*EG* 217-237).

A paz é, portanto, um artesanato que se constrói por meio do diálogo em múltiplas frentes. A Igreja deve promover um diálogo social num contexto de liberdade religiosa, contribuindo assim para a busca do bem comum. Este diálogo desdobra-se no encontro entre a fé, a razão e as ciências, no empenho ecumênico pela unidade dos cristãos e nas relações de fraterna estima com o povo judeu, irmãos mais velhos na fé (*EG* 238-249).

Em um mundo plural, o diálogo com os seguidores de outras religiões é uma peça-chave para a paz social. Os crentes de todas as tradições devem unir-se para promover valores comuns fundamentais. Este diálogo inter-religioso, longe de ser um sincretismo ou uma diluição das próprias convicções, é uma atitude de abertura na verdade e no amor. Para os cristãos, isso implica manter a própria identidade, testemunhando com alegria o dom encontrado em Jesus Cristo, mas reconhecendo, ao mesmo tempo, que a verdade e a ação do Espírito não estão confinadas aos limites visíveis da Igreja. A atitude fundamental deve ser a de uma abertura sincera, sem exceção, rejeitando, categoricamente, qualquer forma de violência ou fundamentalismo. Promover este diálogo é, em última análise, um serviço essencial à paz e à convivência humana, completando-se na defesa intransigente da liberdade religiosa como direito humano fundamental e na oferta de uma voz ética no espaço público, sempre pautada pelo respeito e pela cultura do encontro (*EG* 250-258).

Evangelizadores com espírito

No que se refere ao Capítulo V, especificamente no que diz respeito aos parágrafos de n. 262 ao 288, Francisco convoca todos os cristãos a serem “evangelizadores com espírito”, isto é, a viver a missão com paixão, alegria e profunda convicção interior.

A primeira motivação para este impulso missionário renovado é o encontro pessoal com Jesus Cristo. Quando alguém se deixa encontrar pelo amor salvador de Deus, experimenta uma alegria que não pode conter e sente-se impelido a partilhá-la.

Este encontro não é um mero ato do passado, mas uma relação viva e constante que se renova diariamente na oração, na leitura da Palavra e na Eucaristia (*EG* 262-267).

Outra fonte de motivação é o prazer espiritual de ser povo, de pertencer a uma comunidade de fé. A evangelização não é uma tarefa solitária, mas uma aventura comunitária. Os fiéis são chamados a viver a alegria de ser parte do Povo de Deus, uma comunidade que acolhe, caminha junta e partilha a vida. Esta pertença gera uma identidade missionária comum, onde cada membro, com seus dons, contribui para o anúncio do Evangelho (*EG* 268-274).

A ação evangelizadora é, antes de tudo, obra do Espírito Santo. É Ele que precede, acompanha e fecunda a missão. O evangelizador é um cooperador de Deus, um verdadeiro instrumento nas mãos do Espírito. Essa consciência provoca uma libertação da ansiedade de querer controlar os resultados, além também de conduzir a uma confiança maior em si mesmo, mesmo diante de várias limitações, até mesmo porque Deus está no poder, no controle de tudo, sendo assim, não há o que temer. A força missionária brota também da intercessão, da oração insistente pelos outros e pelo mundo. Rezar pelos que estão longe, pelos necessitados e pela missão da Igreja é um ato evangelizador poderoso (*EG* 275-283).

Francisco conclui sua *EG* colocando a evangelização sob o olhar e a proteção de Maria, a “Mãe da evangelização” e “Estrela da nova evangelização”. Ela é o modelo perfeito do discípulo missionário: ao receber o anúncio do Anjo, acolheu a Palavra com fé e prontidão, e, sem demora, partiu para servir e partilhar a alegria do Evangelho com sua prima Isabel. Maria é o dom de Jesus ao seu povo. Das mãos de Cristo na Cruz, ela foi confiada a todos nós como Mãe. Sua figura materna representa o exemplo de uma Igreja que gera, cuida e acompanha os filhos na fé. Ela compartilha o ensinamento de que todos devem ter um coração aberto e disponível à vontade de Deus, a ser corajosos na missão e a conservar todas as coisas, ponderando-as no coração. Como Estrela da nova evangelização, Maria ilumina o caminho da Igreja em saída. Ela é a mulher fiel que, com o seu “sim”, abriu as portas da história a Cristo. A sua presença constitui o símbolo de que nessa missão não há solidão. A sua intercessão obtém para a Igreja a graça de ser sempre renovada pelo Espírito Santo, capaz de enfrentar os desafios com esperança e de anunciar, com renovado ardor, a alegria do Evangelho a todas as gentes. Nela, a Igreja contempla o seu rosto mais belo e aprende a ser, como Ela, uma mãe de coração aberto, que nunca se cansa de sair ao encontro de seus filhos para lhes levar a luz e a consolação de Cristo (*EG* 284-

288).

Considerações sobre a Evangelii Gaudium

De acordo com Villas Boas (2017), a misericórdia é um eixo que atravessa os principais documentos de Francisco seja como horizonte da missão eclesial na *EG*, sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual; como conversão eclesial com a abertura do Ano Extraordinário da Misericórdia com a Bula de Proclamação *Misericordiae vultus*; como expressão de uma consciência de pertença planetária com a carta encíclica *LS*, sobre o cuidado da casa comum; ou mesmo na atenção dada às grandes inquietações da família contemporânea nos Sínodos da Família e refletidos na Exortação Pós-Sinodal *Amoris Laetitia*, sobre o amor na família. Para o autor, há aí uma eclesiologia e hermenêutica da misericórdia. Explica Villas Boas (2017, p. 142):

> A Misericórdia em Francisco não abrange a alteridade apenas tematicamente, mas processualmente. É no encontro com o outro concreto e na atitude diante dele que acontece ou não a resposta ao chamado do Evangelho, como desejo de prolongar a missão de Cristo: "A vida se acrescenta dando-a e se debilita no isolamento e na comodidade [...] Aqui descobrimos outra lei profunda da realidade: que a vida se alcança e amadurece na medida em que se entrega para dar vida aos outros. Isso é em definitivo a missão" (EG 10). Deste modo, misericórdia é o modo como a questão da alteridade é incorporada e reassumida a partir da condição contemporânea de reconhecimento do outro como um irmão. Questão que se apresenta como consciência ampliada da visão essencial do Evangelho, realocada em uma nova época.

Tal perspectiva pode ser encontrada em outros documentos papais, como, por exemplo, na *Misericordia et Misera*, na *Gaudete et Exsultate*, além de estarem presentes em mensagens, encontros e homilias. No entanto, para Panazzolo, mesmo sendo evidente que há um contexto de alegria e entusiasmo nesses documentos, os cristãos não devem se eximir do dever inerente à mensagem de Francisco, no sentido de que todos podem e devem anunciar o Evangelho, partilhando assim toda a alegria e também o dever oriundos dele, entre os quais se encontra o acolhimento do próximo. "Os cristãos têm o dever de anunciar o Evangelho, sem excluir ninguém, e não como quem impõe uma nova obrigação, mas como quem partilha uma alegria" (Panazzolo, 2019, p. 216).

Sanchez sintetiza a contribuição da EG para a vida da Igreja, nos seguintes termos:

> A *EG* oferece uma reflexão sobre o papel da Igreja no mundo contemporâneo, destacando a importância de uma evangelização que leve em conta as questões sociais, e ela faz isso enfatizando a centralidade dos pobres. Essa é a grande contribuição de Francisco para a DSI. O Bispo de Roma, ao abordar a missão da Igreja, convoca a instituição a uma ação pastoral que ultrapassa a dimensão espiritual e se compromete com a transformação da sociedade a partir e com os pobres (Sanchez, 2025, p. 140-141).

Desse modo, é possível perceber a grande preocupação que Franciso nutria em relação aos pobres, sendo justamente por essa razão que fez o convite para que a Igreja participasse dessa transformação social. Tal preocupação com a desigualdade social e o destino da humanidade, se traduz de modo abrangente e intencional com a *LS*, a qual será abordada no próximo tópico.

Mas antes é oportuno expor algumas conclusões a seguir, as quais não irão apenas finalizar este tópico, mas também revelar algumas considerações relevantes sobre a leitura da *EG* à luz da questão do diálogo inter-religioso.

Em sua *EG*, Francisco apresentou o diálogo inter-religioso como dimensão essencial da evangelização, inserindo-o no âmbito mais amplo do diálogo social a serviço da paz. O pontífice enfatizou que a Igreja deve promover um encontro respeitoso e fraterno com as diferentes tradições religiosas, reconhecendo nelas a ação do Espírito Santo e a presença de “sementes do Verbo”.

Esse diálogo não é um sincretismo, nem uma renúncia à própria identidade, mas sim uma abertura sincera, que valoriza o que há de bom e sagrado no outro, contribuindo juntos para o bem comum. Francisco insiste que tal postura nasce de uma Igreja “em saída”, que não se fecha em si mesma, mas se faz próxima, especialmente em um mundo tão marcado por conflitos e indiferenças.

A missão evangelizadora, assim, não se opõe ao diálogo, antes, exige-o como expressão de uma caridade inteligente e de uma fé que não se impõe, mas que se propõe com alegria e humildade. Desse modo, o diálogo inter-religioso, à luz da *EG*, revela-se como um caminho privilegiado para a construção de uma sociedade mais justa e reconciliada, onde o anúncio de Cristo e o serviço à humanidade caminham juntos para o bem comum.

3.2.2 A carta encíclica *Laudato Si’ (LS)*

A carta encíclica *LS* possui grande valor para os cristãos, mas foi recebida de modo amplo também pela sociedade, pois trata de questões candentes do tempo presente. Sobre seu lugar no *corpus* documental da Igreja Católica, indica Brighenti

(2018 *apud* Ferraz, 2020, p. 119):

> Datada do dia 24 de maio de 2015, a carta Encíclica *Laudato Si'* de autoria do Papa Francisco está inserida no magistério social da Igreja Católica. O que isso significa? Indica que a carta versará sobre problemas ou questões vinculadas à sociedade e faz parte de um corpo doutrinário iniciado com a publicação da *Rerum Novarum* do Papa Leão XIII, de 1891.

O próprio Francisco afirmou: "Espero que esta carta encíclica, que se insere no magistério social da Igreja, ajude-nos a reconhecer a grandeza, a urgência e a beleza do desafio que temos pela frente" (*apud* Passos, 2025, p. 175). Conforme explica Wagner Balera, a *LS* é o primeiro documento, desde a Declaração Universal dos Direitos Humanos, a avançar no sentido de uma cidadania mundial (Macário, 2019). Ainda no que se refere à relevância dos ensinamentos contidos na *LS*, e porque também não dizer "da personalidade de Francisco", Passos (2025, p. 175-176), assim afirma:

> A personalidade de Francisco levará para a posteridade a marca da ecologia ou da casa comum da vida terrestre, como ele bem denominou. Suas posturas, declarações e, sobretudo, seus ensinamentos sobre as urgências de preservação da vida planetária, sistematizados na encíclica *Laudato Si'* (*LS*), colocaram a Doutrina Social da Igreja (DSI) em um novo patamar, conferiram uma relevância ímpar para esses ensinamentos, instituíram uma doutrina sólida sobre a missão dos cristãos na salvaguarda do planeta e geraram desdobramentos teóricos e práticos para o conjunto da vida eclesial e para as comunidades eclesiais locais.

Ferraz (2021) enfatiza a importância da *LS*, na qual Franscisco destacou o diálogo que pode e deve haver entre as religiões, buscando a ampliação dessa temática, revelando assim, mais uma vez, a necessidade do diálogo inter-religioso; contudo, nessa encíclica, há inúmeras outras orientações, princípios e premissas norteadoras que são igualmente relavantes e que podem e devem ser lembradas e destacadas, até mesmo porque elas constituem uma parte importante da *LS*. Assim, por exemplo, no sentido de tarefa teológica da cultura, a *LS* supõe a criação de uma "cultura ecológica", a qual Villas Boas (2017, p. 180), assim destaca:

> [...] não se pode reduzir a uma série de respostas urgentes e parciais para os problemas que vão surgindo à volta da degradação ambiental, do esgotamento das reservas naturais e da poluição. Deveria ser um olhar diferente, um pensamento, uma política, um programa educativo, um estilo de vida e uma espiritualidade que oponham resistência ao avanço do paradigma tecnocrático (LS 111).

Assim, a *LS* exemplifica o projeto teológico-pastoral de Francisco ao expressar sua preocupação com a pessoa humana situada em uma comunidade interligada de

vida, enfatizando o cuidado que todos devem ter com a casa comum. Nesse sentido, Passos, Ramalho e Sanchez (2025, p. 10-11) assim relatam:

> O mundo justo e fraterno não conhece limites de ideologia e de regimes políticos, de conjunturas históricas e de dogmas econômicos liberais. Ao contrário, exige mudanças sistêmicas no regime econômico, mudança na consciência planetária e na governança global, assim como conversão nos hábitos individuais. A vida humana planetarizada clama por mudanças urgentes nas relações planetárias: na dimensão ecológica onde tudo se interliga e na gestão planetária sem assimetrias e imperialismos. A ecologia integral unifica tudo e todos no mesmo destino vital dentro da casa comum, no sistema Terra. As relações multilaterais constituem a única saída para a convivência humana em todas as esferas de relacionamento. O todo e as partes, o local e o global, o nacional e o planetário compõem um sistema único feito de igualdade e de diferenças. É na dialética dessas dimensões que a sobrevivência e a convivência da humanidade urgem por um consenso mínimo.

Soares e Passos (2012) explicam que o ser humano é responsável por si, pelos outros e pelo planeta como um todo, devendo avaliar, de forma técnica e ética, os efeitos históricos de sua própria atuação no planeta e sobre as suas próprias relações. Nesse contexto é possível afirmar a possibilidade e a necessidade de uma convergência para um mesmo ponto em comum, o qual mira o bem-comum. Também, nesse âmbito, Susin (2025, p. 85) assim afirma:

> No entanto, a dimensão de globalidade, de planetarização, de ultrapassagem de toda fronteira, que em tempos modernos, até hoje, não deixou de ser colonizadora e imperial, não elimina as fronteiras e o que é local, cotidiano, *chez-nous*, a nossa casa localizada em um ponto circunscrito do mundo lá fora, ao redor. Na *FT*, no capítulo IV – *Um coração aberto ao mundo inteiro* – , o Papa Francisco, depois de tratar dos limites das fronteiras pensando na ingerência colonizadora, mas no movimento contrário, diante dos migrantes que forçam as fronteiras, que são “globalistas” por necessidades urgentes, e depois de apelar para a hospitalidade e enriquecimento da dialética entre local e universal (*FT* 142-150).

Desse modo, seja qual for o credo que uma pessoa professa, é importante que ela tenha em mente que todos vivem juntos no mesmo lugar, que é a casa que a todos acolhe. Portanto, parece coerente o apelo de Francisco de que cada pessoa possa participar do cuidado com a casa comum. Nesse sentido são as palavras de Villas Boas (2017, p. 181):

> [...] enquanto uma forma de teologia da cultura, a *Laudato Si* propõe uma ecologia à vida cotidiana que visa transformar a “maneira de ver a vida, sentir e agir” e a mútua relação de influência entre o ambiente e as pessoas, chamando a atenção para o esforço de se adaptar ao ambiente quando este parece “desordenado e caótico”, bem como elogia a “criatividade e a generosidade” em dar a volta às limitações do ambiente (LS 147-148).

Assim, Francisco e seus comentadores parecem corroborar a compreensão de

que se as pessoas aprofundarem sua consciência planetária, há possibilidade de transformação social e cuidado ecológico. Um elemento que parece relevante para tal construção é o diálogo. Para Ferraz (2019, p. 429): “Na *LS*, o diálogo é a atitude-chave para a construção de uma ecologia integral, por isso, Francisco deixa a sua contribuição à luz da fé católica e abre um espaço de diálogo e encontro dos saberes inter-religiosos por meio da carta”.

Igualmente nesse sentido de busca por uma conjuntura mundial que seja mais harmônica, enaltecendo-se os valores da casa comum, pátria de todos os irmãos, e promovendo-se a construção de um planeta mais equilibrado e, portanto, de uma terra que seja mais viva. Nessa direção, Passos, Ramalho e Sanchez (2025, p. 11) assim relatam:

> A conjuntura mundial, interconectada em todas as dimensões, entendida como casa comum e como pátria de todos os irmãos, desenha a moldura geral onde se encaixam as constatações, as críticas e as diretrizes apresentadas por Francisco em seus documentos, pronunciamentos e gestos. Um papa que falou do planeta com ele e a partir dele. O momento histórico em que nos encontramos se apresenta como decisivo e a crise ambiental pode atingir um ponto crítico sem retorno, desencadeando a morte da terra viva. Essa constatação está presente na Exortação *Laudate Deum* (17), filha da Encíclica *Laudato Si*’.

Como se pode constatar na citação acima, Francisco tinha consciência da gravidade da situação na qual se encontra o planeta, tanto que o fez, como supracitado, em diversos de seus documentos, pronunciamentos e gestos. Para Francisco, a questão ecológica é uma questão urgente, mas que não está recebendo a devida atenção, o que pode resultar, como o próprio pontífice frisou, em um ponto crítico sem volta.

Por tais razões Wolff e Oliveira (2023) explicam que as religiões não podem se escusar de colaborar com iniciativas que venham a contribuir com o bem comum. Como, por exemplo, o cuidado com a casa comum e com a dignidade da vida humana. Tal cuidado está conectado com iniciativas práticas que busquem avançar em tais pautas, tomando parte de tal processo o próprio diálogo inter-religioso:

> Esses projetos precisam estar incluídos na pauta do diálogo inter-religioso na atualidade. Dentre os vários exemplos que poderíamos apresentar, damos a conhecer os resultados de um encontro inter-religioso realizado no Brasil, de 26 a 28 de outubro de 2014, na faculdade de Teologia da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Na ocasião, um grupo de líderes religiosos que articulava a criação de um Conselho Nacional das Religiões no Brasil – CONAREL, assumiu o compromisso de ajudarem suas comunidades religiosas a “se integrarem aos esforços já existentes, bem como de criarem novas iniciativas que afirmem a dignidade da vida humana e de toda a

> criação" (Wolff; Oliveira, 2023, p. 182).[50]

Para Wolff (2023), o diálogo inter-religioso não deve se limitar a um mero exercício intelectual, devendo ser bem mais amplo e concreto, se revelando uma verdadeira experiência transformadora, capaz de transpor barreiras teológicas e doutrinárias. Assim, a prática do diálogo inter-religioso deve ser vista como um convite de Francisco, que, por meio da *LS*, promove um engajamento dos religiosos, tanto no sentido de fomentar o diálogo, como também o cuidado da "casa comum", é o que afirma Ferraz (2020, p. 140):

> O convite ao diálogo inter-religioso na *LS* tem como objetivo o engajamento dos religiosos das diversas tradições no cuidado da *casa comum*, a partir dos argumentos contidos na sabedoria de cada religião em particular, que colocadas em diálogo podem enriquecer umas às outras e à família humana, configurando-se dessa maneira como cooperadores indispensáveis para a construção de uma nova relação com a natureza e tentativa de superação da crise sócio-ecológica.

Com efeito, a encíclia de Francisco tornou-se mais do que um documento eclesial. Ela assentua a emergência da crise climática e se situa em um contexto de promoção de ações sincronizadas entre lideranças políticas e religiosas no interesse do cuidado com o planeta. Com ênfase no diálogo inter-religioso, reflete Ferraz (2020, p. 6):

> Há em Francisco uma contribuição original e singular para o tema do diálogo inter-religioso atual? Questão respondida positivamente. Através da análise da *Laudato Si'*, constatou-se uma contribuição original de Francisco para a temática do diálogo inter-religioso, a construção de uma ecologia integral como tema de reflexão, encontro e colaboração inter-religiosas.

Como é possíver observar, Francisco representou uma mudança significativa, tanto como papa, como quanto liderança mundial. Os efeitos da *LS* trancendem o pontificado de Francisco. Para Passos (2025, p. 176):

> A *LS* compõe uma das plataformas do papado franciscano que será inevitavelmente levada adiante – sendo ampliada e aprofundada – pelos futuros documentos sociais da Igreja e, por conseguinte, pelos papas do futuro. Dentre os ensinamentos de Francisco, os de natureza social e, de modo contundente, os emanados da *LS* serão pauta obrigatória e cada vez mais urgentes, tendo em vista o agravamento da crise climática e a insuficiência das decisões políticas sobre as estratégias de enfrentamento dessa problemática global que já beira a catástrofe.

Ainda, segundo este autor, de agora em diante, tanto os rumos da Igreja, como

[50] É importante destacar que não foram encontradas informações que comprovassem a publicação integral do documento referido nessa citação em relação ao compromisso assumido pelo CONAREL.

também da própria crise planetária, não poderão ser desvinculados, constituindo tal premissa como uma forma de visão do futuro profetizada por Francisco:

> Os rumos da crise planetária e os rumos da Igreja não poderão ser desvinculados de agora em diante. O que Francisco unificou e clamou como imperativo urgente, em boa medida como profecia no deserto, deverá marcar as posturas e as opções pastorais da Igreja. Não se trata propriamente de uma opção, mas de um imperativo a ser praticado em nome da vida, dom primeiro de Deus, e como busca de acordos eficazes que possam salvar a vida do planeta (Passos, 2025, p. 176).

No próximo tópico apresenta-se a carta encíclica *Fratelli Tutti*, refletindo sobre seus impactos não apenas para os fiéis da Igreja Católica, como também para todos aqueles que reconhecem sua pertinência diante das crises hodiernas.

3.2.3 A carta encíclica *Fratelli Tutti (FT)*

A encíclica *Fratelli Tutti*, expressão em italiano que significa “todos irmãos”, aborda a fraternidade e a amizade social. Conforme explica Aquino Júnior (2025, p. 155), a *FT* representa “uma forma de vida com o *sabor do Evangelho*: é a dimensão social do Evangelho”. Em relação a expressão *sabor do Evangelho*, este autor assim relata:

> Essa “forma de vida com o sabor do Evangelho” envolve todas as pessoas e todos os níveis e formas de relação (fraternidade *universal*), mas tem nos pobres e marginalizados da sociedade seu critério e sua medida sócio-ético-escatológicos (opção pelos *pobres*). E tanto no que diz respeito ao *diagnóstico* de uma sociedade ou do mundo quanto no que se refere às *perspectivas de ação*: metas, meios, estratégias, prioridades (Aquino Júnior, 2025, p. 156).

Vale frisar que essa encíclica foi publicada no dia 4 de outubro do ano de 2020, exatamente no dia de São Francisco de Assis, patrono de seu pontificado.[51] Já no primeiro parágrafo desta encíclica é possível observar a menção a São Francisco:

> “FRATELLI TUTTI” escrevia São Francisco de Assis, dirigindo-se a seus irmãos e irmãs para lhes propor uma forma de vida com sabor a Evangelho. Destes conselhos, quero destacar o convite a um amor que ultrapassa as barreiras da geografia e do espaço; nele declara feliz quem ama o outro, “o seu irmão, tanto quando está longe, como quando está junto de si”. Com poucas e simples palavras, explicou o essencial duma fraternidade aberta,

[51] Nesse contexto, vale lembrar que o Papa Francisco, ao assumir esse mesmo nome, pela primeira vez na história do papado, se apresenta como continuidade do espírito renovador e reformador de Francisco de Assis, passando a lutar pela implementação das decisões do Concílio Vaticano II, sendo justamente por essa razão que se pode afirmar que a Igreja, ao se renovar, deve se apresentar como “casa aberta”, “casa com portas abertas” (Cavalieri, 2025).

> que permite reconhecer, valorizar e amar todas as pessoas independentemente da sua proximidade física, do ponto da terra onde cada uma nasceu ou habita (*FT* 1).

Vale destacar que segundo a CNBB (2020), as questões que dizem respeito à fraternidade e amizade social sempre constituíram uma das preocupações do Santo Padre, tanto que o pontífice se referiu a elas por inúmeras vezes nos últimos anos e em vários lugares. Ainda no que diz respeito à fraternidade e amizade social, que constituem o objetivo fundamental da *FT*, Aquino Júnior (2025, p. 155), assim afirma:

> O objetivo fundamental da Carta Encíclica *Fratelli Tutti*: sobre a fraternidade e a amizade social, do Papa Francisco (*FT*), é "propor uma forma de vida com o sabor do Evangelho" (1). E, aqui, cada palavra é importante. Trata-se de uma *proposta*: a fraternidade e a amizade social não são um dado natural nem algo que se pode impor por autoridade ou pela força, mas uma possibilidade que pode ser apropriada ou recusada pelas pessoas e pela sociedade. Está em jogo uma *forma de vida*: dinamizada pela lógica da fraternidade e da amizade, do encontro e do diálogo, do amor e da inclusão, da solidariedade e da justiça; vivida tanto no âmbito das relações estruturais: economia, política, cultura, religião etc.

É importante frisar também que, segundo a CNBB (2020), essa encíclica não apenas reúne, como também desenvolve temáticas de grande relevância, situando-as num contexto mais amplo de reflexão. Para isso Francisco contou também com colaboração de inúmeras cartas e documentos com reflexões que acolheu de pessoas e grupos de todas as partes do mundo, como se pode observar na citação abaixo, a qual também traz outras informações relevantes:

> As páginas da *Fratelli Tutti* não pretendem resumir a doutrina sobre o amor fraterno, mas detêm-se na sua dimensão universal, na sua abertura a todos. "Entrego esta encíclica social como humilde contribuição para a reflexão, a fim de que, perante as várias formas atuais de eliminar ou ignorar os outros, sejamos capazes de reagir com um novo sonho de fraternidade e amizade social que não se limite a palavras. Embora a tenha escrito a partir das minhas convicções cristãs, que me animam e nutrem, procurei fazê-lo de tal maneira que a reflexão se abra ao diálogo com todas as pessoas de boa vontade", afirma o Sumo Pontífice, na apresentação da carta (CNBB, 2020, s.p.).

Essa "abertura a todos" também pode ser entendida como uma forma de inclusão daqueles que, por alguma razão, são desprezados. Nesse sentido, o parágrafo 62 da *FT* dispõe que, na comunidade de João, havia o pedido de que todos os irmãos fossem bem recebidos, mesmo que fossem estrangeiros, é o que se pode extrair da explicação de Serrato (2024, p. 123):

> [...] mesmo sendo estrangeiros (3Jo 5). Esse contexto ajuda a entender o valor da parábola do bom samaritano: ao amor não lhe interessa se o irmão ferido vem daqui ou dacolá. Com efeito, é o "amor que rompe as cadeias que nos isolam e separam, lançando pontes; amor que nos permite construir uma

> grande família onde todos nós podemos sentir em casa (…). Amor que sabe de compaixão e dignidade.

É o que também, nesse contexto, declarou à época o secretário-geral da CNBB Dom Joel Portella, ao relatar como o pontífice caracteriza o mundo atual: “olha esse mundo com os olhos da Parábola do Bom Samaritano e depois indica o que fazer e como agir em um mundo fechado em tantas sombras” (CNBB, 2020, s.p.). Ainda nesse contexto, Aquino Júnior (2025, p. 156) assim afirma:

> Não por acaso, a parábola do Bom Samaritano (Lc 10,25-37) tem um lugar central na encíclica: é como uma “luz” que faz ver o que “estamos vivendo” e possibilita traçar algumas “linhas de ação” (56); é “um ícone iluminador, capaz de manifestar a opção fundamental que precisamos fazer para reconstruir nosso mundo ferido” (67).

O parágrafo 96 dessa encíclica também vai ao encontro do que foi mencionado acima, reforçando assim essa concepção de fraternidade universal e a importância do diálogo e da amizade social:

> Em *Fratelli Tutti*, o Capítulo VI revela a importância do diálogo e da amizade social. Papa Francisco usa a expressão “sociedade aberta que integra a todos” (FT, 96). Segundo ele, a amizade social pressupõe a abertura para a transformação da cultura, a fim de “construir juntos” e para o consenso da verdade. Neste capítulo, aparece uma vez a necessidade de ir ao encontro do outro e tornar-se próximo, mas, já no início da carta, o apelo é evidenciado (Nascimento; Souza, 2024, p. 189).

Nesse contexto, destaca-se o n. 97 da *FT*, que assim se exprime:

> Existem periferias que estão próximas de nós, no centro duma cidade ou na própria família. Também há um aspeto da abertura universal do amor que não é geográfico, mas existencial: a capacidade diária de alargar o meu círculo, chegar àqueles que espontaneamente não sinto como parte do meu mundo de interesses, embora se encontrem perto de mim. Por outro lado, cada irmã ou cada irmão que sofre, abandonado ou ignorado pela minha sociedade, é um forasteiro existencial, embora tenha nascido no mesmo país. Pode ser um cidadão com todos os documentos em ordem, mas fazem-no sentir como um estrangeiro na sua própria terra. O racismo é um vírus que muda facilmente e, em vez de desaparecer, dissimula-se mas está sempre à espreita (*FT* 97).

Nessas palavras, Francisco explora situações de exclusão que vão além da questão geográfica, sendo justamente nesse contexto que a verdadeira fraternidade pode e deve acontecer, o que exige um movimento ativo de aproximação a esses irmãos considerados “invisíveis”.

Outra questão igualmente relevante nestas palavras de Francisco se refere ao fato de que tanto o preconceito, como o racismo, não desapareceram, por vezes, estão apenas menos explícitos ou mais disfarçados. No que diz respeito ao projeto de Francisco, Aquino Júnior (2025, p. 157) assim afirma:

> A pretensão de Francisco não é “efetuar uma análise exaustiva nem levar em consideração todos os aspectos da realidade em que vivemos”, mas simplesmente chamar atenção para “algumas tendências do mundo atual que dificultam o desenvolvimento da fraternidade universal” (9). E faz isso a partir de sua expressão por excelência ou de suas primeiras e maiores vítimas: os pobres e marginalizados.

Francisco demonstra profunda sensibilidade com as dores humanas e busca caminhos para orientar sua comunidade de fé, explicitando a fraternidade e a amizade social como diretrizes éticas urgentes no contexto atual.

A *FT* estimula a superação do individualismo, promovendo o diálogo, o encontro e a busca pelo bem comum. Fundamentada em uma economia solidária, a *FT* progride na tentativa de abertura ao outro e na constante promoção da paz. Para Aquino Júnior:

> [...] não se poderia esperar de Francisco um projeto pronto e acabado. Nem dele nem de ninguém. Não existe receita nem caminho único. A construção de um mundo fraterno é um processo coletivo permanente que exige ousadia, criatividade, perseverança, humildade, diálogo, cooperação, discernimento, compaixão etc. O que Francisco faz na encíclica *Fratelli Tutti* é um convite a sonhar e lutar por um mundo mais justo e fraterno. Faz, isso chamando atenção para alguns valores, dinamismos e processos de fraternidade e amizade social presentes em nosso mundo, ainda que de forma muito marginal e normalmente vividos nas margens da sociedade. Reconhecer, assumir, dinamizar e potencializar esses valores, dinamismos e processos é um caminho fecundo e eficaz para viver e configurar o mundo com essa “forma de vida com o sabor do Evangelho”, que é a fraternidade (Aquino Júnior, 2025, p. 165).

O próximo tópico irá discorrer sobre a Carta Encíclica *Dilexit Nos (DN),* e do quanto sua publicação foi propícia, visto que foi publicada em um momento de grande tribulação para a humanidade.

3.2.4 A Carta Encíclica Dilexit Nos (DN)

Segundo Souza *et al*. (2025), *a Carta Encíclica Dilexit Nos* vem a oferecer uma reflexão sobre o amor em suas mais diversas dimensões, frisando-se a centralidade do Coração de Jesus como fonte de amor e misericórdia para a humanidade. Trata-se da quarta Encíclica de Francisco, que foi publicada em 2024, em um contexto, portanto, relativamente recente, apresentando uma linguagem que busca articular conceitos teológicos complexos de maneira acessível a todos; ainda, nesse contexto, esses autores assim afirmam:

> Do ponto de vista linguístico-discursivo, a Encíclica *Dilexit Nos* (2024) emprega estratégias discursivas específicas que tornam a mensagem do Papa

> Francisco mais compreensível e impactante para diferentes públicos, principalmente quando adotamos a abordagem de interpretação dialógica da linguagem (Souza *et al*., 2025, p. 187).

"Francisco quer justamente separar a ideia do órgão, no sentido de uma relação fisiológica, com o que o coração possui na literatura como símbolo que por séculos se agregara e hoje faz parte do vocabulário popular" (Souza, 2025b, p. 20); ainda, segundo este autor:

> O mundo contemporâneo, conforme descrito por Papa Francisco em *Dilexit Nos*, é marcado por uma cultura de superficialidade que o pontífice caracteriza como "anticoração" (DN 17). Essa realidade, influenciada pelo que o sociólogo Zygmunt Bauman denominou "modernidade líquida", reflete uma sociedade onde as relações humanas, os valores e as estruturas sociais se tornaram instáveis e voláteis, movidas pelo consumismo desenfreado, pela pressa frenética e pela tecnologização desmedida (DN 9). Nesse contexto, o coração humano, entendido como o centro constitutivo da pessoa, onde se encontram a razão, os afetos e a abertura ao transcendente, é obscurecido por um *ethos* que privilegia o efêmero e o material em detrimento do profundo e do espiritual (Souza, 2025b, p. 21-22).

É importante frisar que o momento de publicação da *DN* coincidiu com uma época na qual a humanidade estava passando por inúmeras adversidades, nesse sentido tem-se a seguinte explicação:

> O Papa Francisco publica a quarta encíclica de seu pontificado em um dos momentos mais dramáticos para a humanidade. Guerras corrosivas, desequilíbrios sociais e econômicos, consumismo desenfreado, novas tecnologias que ameaçam desfigurar a essência do ser humano marcam a época moderna. O Pontífice, por meio do documento intitulado Dilexit nos (Ele nos amou), pede que mudemos nosso olhar, nossa perspectiva e nossos objetivos, recuperando aquilo que é mais importante e necessário: o coração (Cernuzio, 2024).

Esse amor de Cristo, a que se refere Francisco, assim como também a questão do consumismo, indicada na citação acima, ficam evidentes na própria abertura do Capítulo I da *DN*, na qual o Santo Padre esclarece sobre a importância do coração[52], nas seguintes palavras:

> Para exprimir o amor de Jesus Cristo, recorre-se frequentemente ao símbolo do coração. Há quem se interrogue se isto atualmente tenha um significado válido. Porém, é necessário recuperar a importância do coração quando nos assalta a tentação da superficialidade, de viver apressadamente sem saber bem para quê, de nos tornarmos consumistas insaciáveis e escravos na engrenagem de um mercado que não se interessa pelo sentido da nossa existência (DN 2).

Desse modo, a *DN* "serve" como uma espécie de "chave de leitura" para todo o

[52] Também nesse sentido, Souza (2025b, p. 10), assim afirma: "a encíclica *Dilexit Nos* (*DN*) aponta que o mundo parece ter perdido o que é mais importante e necessário: o coração".

pontificado de Francisco. É importante frisar que, enquanto a *EG* é o programa, as encíclicas *LS*, *FT* e *DN* são os seus desdobramentos ecológicos, sociais e espirituais. Nesse contexto, as encíclicas *LS* e *FT* tomam para si sentido pleno quando o coração humano é transformado pelo amor divino descrito na *DN* (Gonçalves, 2024, 2025).

Nesse aspecto é importante ter em mente que o Francisco “não divide a fé em gavetas”, o que pode ser observado até mesmo no fato de sua teologia ser integral, seja pela conversão que ele roga na *EG*, a qual corresponde à mesma força motriz que exige o cuidado com a Terra na *LS*, com o irmão na *FT* e que encontra a sua fonte jorrante na *DN*.

Assim, ao mesmo tempo em que Francisco convida a Igreja para a missão por meio da *EG*, o Santo Padre também revela que essa missão passa pelo cuidado com a criação, por meio da *LS,* e pelo abraço ao irmão, por meio da *FT*; no entanto, para que a Igreja não desbote em uma mera ONG filantrópica, ele a conduz de volta ao Cenáculo, ao peito aberto de Cristo por meio da *DN*, demonstrando assim que a ecologia e a justiça social católicas nascem, vivem e morrem no amor encarnado.

> Diante disso, a proposta do Papa é clara: é necessário retornar ao coração, ao núcleo inviolável do sujeito, onde o ser humano pode reencontrar sua dignidade e sua vocação para o amor. O coração, nesse sentido, é o espaço onde Deus fala à humanidade, mesmo em meio à confusão e ao desespero, como nos recorda o Salmo: “Não serão confundidos os que esperam em ti” (Sl 24 [25], 3). Assim, a encíclica convida a Igreja a resgatar a profundidade do coração humano, superando a liquidez do mundo moderno por meio do encontro com o Coração de Jesus, que é a fonte de um amor sólido e transformador (Souza, 2025b, p. 22).

A seguir, busca-se sintetizar aspectos do percurso realizado nesse capítulo. Efetivamente, pensa-se a *EG* e sua proposta de uma Igreja em saída como programa de Francisco desdobrada em diferentes frentes como aquelas representadas pela questão ecológica (*LS*), pelo desafio da fraternidade universal (*FT*) e pela tarefa cristã de amor ao próximo e à vida (*DN*).

3.3 O projeto teológico-pastoral de Francisco: aspectos programáticos e iniciativas

Como já foi demonstrado, há, na Igreja, um longo caminho de reflexão sobre a relação do catolicismo com outras religiões. Esse caminho possibilita que a Igreja passe por um revigoramento por meio de elementos que são caracterizadores de uma

“Igreja em saída”. Nesse sentido são as palavras de Wolff e Salazar-Sanzana (2024, p. 7), que assim afirmam:

> O pontificado do Papa Francisco expressa uma primavera eclesial que possibilita à Igreja um revigoramento de sua consciência teológica e pastoral no horizonte do Concílio Vaticano II. Nesse esforço, são chaves as propostas de “reforma”, “renovação”, “conversão pastoral”, “cultura do encontro e do diálogo”, “sinodalidade”, elementos que caracterizam uma “igreja em saída”.

Esse revigoramento da Igreja realizado por Francisco, confere-lhe aspectos latino-americanos e estimula processos de inserção, acolhida da diversidade e a implantação de uma lógica sinodal. Para Wolff (2024, p. 12):

> [...] o Papa Francisco impulsiona o revigoramento da igreja com rosto latino-americano, estimulando-a em processos de inserção, acolhida da diversidade, caminhar juntos sinodalmente. Ajuda a igreja a retomar sua tradição teológica, espiritual e pastoral que prima por um jeito concreto de ser, tendo a primazia da práxis como constitutiva tanto de processos hermenêuticos da fé cristã, quanto de projetos de evangelização. É a Igreja em saída, excêntrica, não autorreferenciada que, assumindo o mundo como lugar da missão, exercita o encontro, o diálogo e a cooperação que a configuram como ser-com-o-outro. Isso incide na reflexão e ação da Igreja na América Latina, retomando elementos teológicos e pastorais próprios da sua tradição [...].

Para Francisco, a Igreja é, em sua essência, uma Igreja “em saída”, o que implica destacar o seu aspecto missionário, que está presente em todo o mundo, e para que isso aconteça é necessário que haja a escuta do povo, pois só assim é possível entender o que os fiéis realmente precisam ouvir. Nesse sentido, Sinner (2024, p. 137), assim afirma:

> Para o Papa Francisco, a Igreja é, essencialmente, uma Igreja “em saída”, ou seja, missionária, presente no mundo. Em EG (135-159) há uma parte bastante extensa sobre a homilia e sua preparação, onde o pontífice sublinha que “o pregador deve [...] pôr-se à escuta *do povo,* para descobrir aquilo que os fiéis precisam ouvir” (EG, 154). Citando EN (63), o papa sublinha tratar-se do “povo *concreto* com seus sinais e símbolos e respondendo aos problemas que apresenta”. O povo, aqui, é o *conjunto dos fiéis em seu contexto concreto de vida*, conforme se evidencia na comunidade congregada.[53]

Nessa mesma linha de raciocínio tem-se, também, a expressão “mediação participada”, a qual merece destaque por designar a compreensão da necessidade de que vozes diversas sejam ouvidas e respeitadas, nesse sentido são as palavras de Maçaneiro (2007, p. 79):

> As religiões são apreciadas como marcos constitutivos da única história de

[53] Ainda, segundo Sinner (2024, p. 137): ““Povo” também aparece no sentido dos *pobres,* pois o papa deseja “uma Igreja pobre para os pobres” (*EG*, 198)”.

> salvação: nelas se ouve a voz de Deus e se progride na busca da verdade, firmando nos corações a retidão de vida e a prática de autênticos valores espirituais e humanos, por cuja vivência e sob ação do Paráclito, os não-cristãos se associam ao mistério redentor de Cristo. O magistério católico inclui adequadamente as religiões do plano salvífico: nem as menospreza, nem diz que tudo nelas tem igual valor salvífico [...]. Segundo os documentos, as religiões não possuem autonomia salvífica, mas têm valor salvífico. Ou seja, elas não salvam autonomamente e nem tudo nelas é igualmente salutar; mas constituem uma "mediação participada" à medida que possibilitam aos seus adeptos o acesso à "única mediação de Cristo".

A citação anterior revela, mesmo que de forma não tão explícita, uma compreensão de que, para o catolicismo, uma parte significativa dos conflitos humanos, principalmente aqueles marcados por tensões e extremismos, seja no aspecto religioso, político, social, entre outros, podem ser solucionados de uma maneira mais pacífica, prática e efetiva, através do diálogo em suas mais diversas acepções. Assim sendo, o diálogo representa um recurso capaz de promover a compreensão mútua e a coexistência pacífica entre todos (Ferraz, 2019, 2020, 2021).

No que diz respeito ao impulsionamento promovido por Francisco para que a Igreja possa não apenas "sair de si mesma", mas também estar no mundo, Wolff (2024, p. 12) assim relata:

> Em nossos dias, o Papa Francisco impulsiona a Igreja à saída de si mesma e sua inserção no mundo, para partilhar a alegria do Evangelho e, na perspectiva conciliar, assumir suas alegrias e tristezas, angústias e esperanças (GS, 1). Tanto o Vaticano II quanto o Papa Francisco entendem que, para isso, a Igreja precisa estar permanentemente em estado de missão. A novidade do Papa Francisco está em três elementos: a) na inserção/encarnação do Evangelho, mostrando uma forma eminentemente prática de conceber a fé, a igreja e a sua missão; b) no sujeito: todo o Povo de Deus é Igreja que assume muitas formas nos contextos dos povos, valorizando a pluralidade das experiências do Evangelho; c) no estilo de agir, primando pela colegialidade, a subsidiariedade e a sinodalidade, mostrando a corresponsabilidade de todas as pessoas batizadas, chamadas a serem protagonistas de novas realidades numa igreja em saída para o testemunho do Evangelho no mundo atual.

Não por acaso, o diálogo é fundamental na gestão de conflitos, buscando evitar guerras que poderiam ter consequências catastróficas (Aron, 2018). Ciente disso, o próprio Francisco se tornou uma figura ativa, com destaque internacional, na tentativa de mediação dialógica na busca pela paz. Sua influência esteve ligada ao fato de não ser apenas o líder da Igreja Católica, mas também um chefe de Estado, condição essa que lhe conferia a possibilidade de influenciar, direta ou indiretamente, em inúmeros conflitos.

Um dos exemplos das ações do pontífice foi sua atuação no processo de mediação, no ano de 2014, das relações entre Estados Unidos e Cuba, tornando

possível, por meio de sua intervenção, a retomada do diálogo entre essas duas nações (Agência Senado, 2014). Outro exemplo mais recente da atuação do Santo Padre ocorreu justamente no dia 25 de dezembro de 2024, ocasião na qual o pontífice, diretamente da sacada central da Basílica de São Pedro, discursou para milhares de pessoas na praça de São Pedro, pedindo gestos de diálogo e encontro de forma a colocar um fim na guerra entre a Ucrânia e a Rússia (Reuters, 2024).

Retomando a questão do anseio da Igreja em ir ao encontro do diálogo com todos, Wolff (2023) explica que na *EG* Francisco utilizou a expressão “Igreja em saída” no sentido de expor o seu projeto no qual a Igreja deve ir ao encontro da realidade contemporânea. A Igreja, portanto, é desafiada a sair de sua condição autorreferencial e autocentrada para se tornar uma Igreja aberta à alteridade sociocultural, eclesial e religiosa. Wolff e Salazar-Sanzana (2024, p. 8) assim afirmam:

> O Papa Francisco estimula a Igreja a viver nas fronteiras e também ir além das fronteiras, superando toda autorreferencialidade que a torna temerosa e excessivamente estruturada. Somente uma “igreja em saída” para o diálogo e a cooperação – social, ecumênica e inter-religiosa – responde de modo convincente às demandas que o mundo apresenta para a missão. Isso requer um apurado discernimento das possibilidades do tempo presente para a vivência da fé, estabelecendo parcerias para uma colaboração efetiva na superação dos problemas que afligem a vida dos povos.

Ainda, nesse sentido, Mendes (2021), explica que o bordão “Igreja em saída” é um dos que mais se destacava em suas explanações, como vem a denotar a recomendação de Francisco no n. 69 da *EG*, sendo possível perceber nela uma nítida influência da *Teología del Pueblo*, no seguinte trecho:

> Há uma necessidade imperiosa de evangelizar as culturas para inculturar o Evangelho. Nos países de tradição católica, tratar-se-á de acompanhar, cuidar e fortalecer a riqueza que já existe e, nos países de outras tradições religiosas ou profundamente secularizados, há que procurar novos processos de evangelização da cultura, ainda que suponham projectos a longo prazo. Entretanto não podemos ignorar que há sempre uma chamada ao crescimento: toda a cultura e todo o grupo social necessitam de purificação e amadurecimento. No caso das culturas populares de povos católicos, podemos reconhecer algumas fragilidades que precisam ainda de ser curadas pelo Evangelho: o machismo, o alcoolismo, a violência doméstica, uma escassa participação na Eucaristia, crenças fatalistas ou supersticiosas que levam a recorrer à bruxaria, etc. Mas o melhor ponto de partida para curar e ver-se livre de tais fragilidades é precisamente a piedade popular (*EG* 69).

Desse modo, a Igreja é convidada a anunciar o Evangelho com discernimento e ousadia, cumprindo assim a sua missão nos “areópagos” contemporâneos, o que também implica afirmar que uma Igreja em saída será, necessariamente, uma comunidade eclesial missionária que vem a dialogar com as expressões próprias e

peculiares da atualidade. De modo semelhante, vale destacar as palavras de Nascimento e Souza (2024, p. 183):

> Convém ressaltar que a cultura do encontro sempre vai favorecer a proximidade. Isto é um efeito positivo na vida em comunidade, pois gera uma harmonia e favorece o bem comum. O próximo é acolhido com a sua totalidade, não importa o quanto pode ser diferente, ou até mesmo as suas opiniões. Ainda neste ponto sobre comunidade e proximidade, é importante destacar que a teologia do encontro marca o cenário do bem, faz o ser humano enxergar além de sua própria vida e o aproxima do Sumo Bem, que é Deus.

No que se refere aos tempos contemporâneos, não se deve ignorar o processo de globalização nas religiões. Muitos dos efeitos desse processo estão diretamente ligados ao progresso científico e tecnológico, os quais propiciam inúmeros avanços para toda a sociedade. No que se refere à comunicação (que é a base do diálogo) e à diminuição das distâncias entre pessoas e nações, favorecem-se possibilidades de encontro. Como explica Wolff (2018, p. 38):

> O mundo globalizado intensifica sempre mais a aproximação entre povos, culturas, sistemas sócio-políticos, econômicos e religiosos. O desenvolvimento da ciência e da tecnologia possibilita consideráveis melhorias para as sociedades. As tecnologias da comunicação agilizam a troca de informações, e os meios de transporte encurtam as distâncias entre as pessoas e nações. Aumenta a possibilidade de intercâmbio, cooperação e convivência das diferenças.

Nesse contexto o Pacto Educativo Global (PEG), também pode ser considerado uma importante forma de diálogo, por meio do qual o pontífice tinha o propósito de promover uma aliança mundial para transformar a educação em um instrumento de fraternidade, paz e justiça. Por essa razão se pode considerar o PEG como uma expressão concreta da visão pedagógica e pastoral do pontífice, na qual pretende-se não só promover uma “nova” forma de educação, mas também combater todas as desigualdades e preparar as gerações para que sejam capazes de dialogar com a complexidade do mundo (Milani, 2024). O PEG pode assim ser definido:

> O Pacto Educativo Global (PEG) é o projeto educativo lançado pelo Papa Francisco no final de 2019, com o qual convida todos os que trabalham no domínio da educação e da cultura a formar uma aliança para educar as novas gerações e toda a humanidade para a fraternidade universal. Para alcançar este objetivo, indicou sete compromissos ou caminhos, cinco relativos à atenção ao ser humano (pessoa, jovem, mulher, família e próximo) e dois às coisas (economia e criação). O Papa confiou à então Congregação para a Educação Católica a missão de levar a cabo esta proposta, que assumiu em colaboração com a Universidade LUMSA (Milani, 2024, p. 11).

Portanto, pode-se perceber que o PEG não se trata apenas de um projeto

educativo, mas sim de um verdadeiro chamado à ação global, alinhado aos valores do Evangelho e à promoção do bem comum.

Também é importante destacar que essas e outras iniciativas do pontífice vão justamente ao encontro do que pregam os objetivos da *Laudato Si'* (*Laudato Si' Goals*), os quais constituem um conjunto de metas inspiradas na *LS*, e que visam guiar indivíduos, comunidades e instituições católicas na implementação prática da ecologia integral. Vale frisar que essas metas foram oficialmente lançadas pelo Vaticano em 2021, por meio do Dicastério para o Serviço do Desenvolvimento Humano Integral, como parte da Plataforma de Ação *LS*, a qual representa um importante plano global para promover a sustentabilidade e a conversão ecológica (Movimento *Laudato Si'*, 2024).

Tudo o que foi relatado neste capítulo só vem a demonstrar e confirmar a importância e a necessidade do diálogo em suas mais diversas formas, e como a influência do Papa Francisco foi e continua sendo muito relevante para que seus feitos nesse contexto, e também em diversas outras temáticas igualmente relevantes continuem produzindo frutos em todas as partes do mundo.

Para Passos, Ramalho e Sanchez (2025), certamente o magistério social de Francisco irá perdurar como um acervo, um verdadeiro manancial de ideias e ensinamentos evangélicos em um mundo que poderia ser menos individualista e indiferente aos sofrimentos suportados por outros irmãos.

O projeto teológico-pastoral de Francisco é um legado para a Igreja Católica com incidência pública e revela suas preocupações com a vida das comunidades de fé por meio da compreensão de uma evangelização que se concretiza na relação com as dores do mundo (*EG*); com o compromisso com o cuidado com a casa comum que exige uma abordagem complexa dos problemas sociais e ecológicos, reconhecendo que as pessoas mais pobres são também as mais afetadas pelas mudanças climáticas (*LS*); e com o desafio da fraternidade como caminho de enfrentamento dos conflitos contemporâneos, valorizando o diálogo e a promoção da paz (*FT*).

Ao término deste segundo capítulo, evidencia-se que o projeto teológico-pastoral do Papa Francisco não se resume a uma reforma administrativa da Cúria Romana, mas constitui uma profunda reorientação da identidade eclesial para o século XXI. Por meio da análise de sua trajetória biográfica e do exame de seus principais documentos magisteriais, foi possível compreender que Francisco propõe uma Igreja que não se define pelo poder ou pelo isolamento dogmático, mas pela sua

capacidade de proximidade, cuidado e diálogo com a realidade concreta da humanidade.

A figura de Jorge Mario Bergoglio, marcada pela experiência nas periferias de Buenos Aires e pela influência da teologia do povo, trouxe para o centro da Igreja Católica uma sensibilidade que prioriza o “humano” e o “vulnerável”. Nessa direção, a escolha do nome Francisco anuncia um programa de vida: o resgate da “radicalidade evangélica” e do espírito do *Poverello* de Assis. Suas raízes biográficas e espirituais fundamentam a visão de uma Igreja que, ao despojar-se de suas seguranças institucionais, torna-se capaz de atuar como um “hospital de campanha”, concentrando-se no cuidado das pessoas e de suas feridas.

A análise da Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium* revelou o motor desse projeto: a alegria do anúncio aliada à urgência de uma “Igreja em saída”. Francisco dá continuidade ao *aggiornamento* do Concílio Vaticano II, traduzindo o espírito conciliar para uma linguagem de acolhimento e misericórdia. Ao propor uma “casa de portas abertas”, o Papa confronta o clericalismo e a autorreferencialidade, insistindo que a Igreja só cumpre sua missão quando se deixa atravessar pelas alegrias e esperanças, tristezas e angústias das pessoas hoje.

As Encíclicas *Laudato Si*’ e *Fratelli Tutti* expandem esse projeto pastoral para as dimensões global e planetária. A proposta de uma “ecologia integral” e o chamado à “fraternidade universal” demonstram que, para Francisco, o diálogo inter-religioso e a justiça socioambiental são faces de uma mesma moeda. Não há como professar a fé em Deus sem reconhecer a dignidade de cada pessoa como irmão e sem zelar pela “casa comum”. Francisco redefine o conceito de “povo” não como uma massa uniforme, mas como uma comunidade orgânica que resiste à “cultura do descarte” e busca a inclusão das pessoas sistematicamente excluídas e marginalizadas.

Desse modo, o projeto de Francisco estabelece as bases necessárias para o que será discutido na sequência desta pesquisa. Ao consolidar uma eclesiologia da escuta e da hospitalidade, o Papa não apenas atualiza a Igreja, mas a devolve à sua vocação original de ser fermento de unidade em um mundo fragmentado.

Entre os aspectos teológicos que fundamentam o diálogo inter-religioso em Francisco, é possível identificar um apelo à dignidade humana que perpassa aspectos da teologia da criação, da pneumatologia e da eclesiologia. Sintetizada na compreensão cristã de amor ao próximo, tal fundamentação teológica se dá, sobretudo, na capacidade de reconhecimento do outro em sua alteridade.

Conclui-se, portanto, que a “gramática” de seu pontificado, tecida entre a biografia, a doutrina e a pastoral, oferece um novo paradigma para o diálogo: um diálogo que não é apenas troca de palavras, mas um compromisso ético e existencial com a paz e com o futuro da humanidade. O próximo capítulo sintetiza a relação entre o Papa Francisco e o diálogo inter-religioso, oferecendo uma leitura de suas viagens missionárias, com ênfase para os encontros, gestos, reflexões e textos do Santo Padre sobre o encontro com outras religiões.

4 O DIÁLOGO INTER-RELIGIOSO E A CONSTRUÇÃO DA PAZ NO PONTIFICADO DE FRANCISCO: UMA LEITURA DE SUAS VIAGENS APOSTÓLICAS (2013-2024)

Em seu pontificado, Francisco se mostrou um promotor da paz e do diálogo inter-religioso em diversos de seus gestos, palavras, viagens a ações, evidenciado a centralidade do diálogo em seu pontificado. Isso pode ser demonstrado por seus encontros com outros líderes religiosos, visitas a países que professam outras fés, discursos e homilias sobre o tema (Ferraz, 2020).

Francisco também introduziu uma teologia da “cultura do encontro”, na qual a alteridade não representa um obstáculo, mas sim um convite ao enriquecimento mútuo. Sua visão se alinha ao pensamento de Küng (1993), no sentido de que não pode haver paz entre as nações sem paz entre as religiões, e não há como haver paz entre as religiões sem um diálogo franco e fraterno mútuo, o que vem a revelar a real importância e necessidade do diálogo.

Nesse aspecto vale frisar que o pensamento de Francisco é inseparável de suas atitudes. Seu pontificado ficou marcado pela quebra de protocolos, os quais, durante séculos, criaram barreiras entre as confissões. Ciente dessa realidade Francisco se propôs a criar pontes com outros líderes religiosos mundo afora, como se pode observar nas palavras de Ferraz (2020, p. 96-97):

> Francisco vem criando pontes com outros líderes religiosos e representantes de outras religiões mundo afora. O diálogo tem sido seu método de encontro e estreitamento de laços, tanto com cristãos de outras tradições quanto com religiosos de tradições não cristãs.

Ao se analisar a agenda pública do pontificado de Francisco é possível perceber que o pontífice demonstrou particular interesse pela construção da paz. A diplomacia, portanto, pode ser vista como uma das características de Francisco ao avançar no diálogo com a sociedade, com outras igrejas cristãs e com outras religiões (Diquattro, 2022; Favretto; Souza; Santos, 2022). No que se refere a busca de Francisco pelo diálogo e pela paz, Diquattro (2022, p. 7) assim afirma:

> [...] trabalhar pela paz também é prevenir as causas que podem desencadear uma guerra, assim como remover situações culturais, sociais, étnicas e religiosas que podem reabrir conflitos. É por isso que o Papa Francisco apela para ações em favor da reconciliação entre as partes, sejam elas Estados, atores não estatais, grupos insurgentes ou outras categorias de combatentes. A questão – é claro – envolve responsabilidades individuais e coletivas e o sistema de regras de governance mundial.

É importante frisar que, por vezes, há uma visão superficial do diálogo inter-

religioso, a qual abrange uma tolerância que, em muitos casos, acaba por mascarar as tensões reais. Nesse contexto não se deve ignorar que o trabalho em prol da paz é árduo, até mesmo porque interesses difusos sempre estão em jogo, o que, considerando a evolução atual da sociedade, não representa nenhuma surpresa. Tal compreensão está também presente nas palavras de Gomes e Zeferino (2022, p. 25):

> Contra uma falsa sensação de harmonia, às vezes ensaiada em belas celebrações ecumênicas e inter-religiosas, nota-se que o diálogo provoca, desloca, chama à abertura. O que está em jogo é a contínua construção das identidades em relação com as alteridades, não uma mera afirmação de si a partir daquilo que é tolerável e aceitável no outro somente enquanto reflexo de mesmidade. Em um país com crescente concentração demográfica nas cidades, bem como com uma população majoritariamente religiosa, tratar da questão do diálogo inter-religioso é, ao mesmo tempo, considerar sua incidência nas dinâmicas sociais.

Não por acaso, no decorrer de seu pontificado, Francisco rogou à Santa Sé que avançasse no cenário internacional de forma a laborar em prol da segurança humana em sua integralidade, como se pode depreender literalmente das palavras de Diquattro (2022, p. 6, grifo do autor):

> Hoje, o Santo Padre Francisco pede à Santa Sé que avance no cenário internacional para **trabalhar pela segurança humana em sua totalidade**. Uma segurança global que exige uma responsabilidade compartilhada dentro do âmbito do sistema de segurança coletiva e interação que se desenvolve nas Organizações internacionais. As ameaças à sobrevivência humana, ao meio ambiente e a todas as formas de vida não conhecem fronteiras territoriais. Portanto, o diálogo deve prevalecer sobre a polarização, a fim de promover essa cooperação mútua em um interesse comum e compartilhar a solidariedade.

Assim, no pontificado de Francisco o diálogo inter-religioso se apresentou como um instrumento diplomático pois representou, e ainda representa, uma diretriz na busca pela paz. Diante desses argumentos, qual seria então o apelo que Francisco faz à comunidade internacional? Essa resposta é assim apresentada por Diquattro (2022, p. 8):

> Creio que a resposta está em três caminhos abertos que o Papa indicou logo no início de seu Pontificado. De fato, dirigindo-se ao Corpo Diplomático, pela primeira vez, alguns dias após sua eleição, ele quis delinear algumas “diretrizes” simples que marcariam o caminho da Igreja e da Diplomacia da Santa Sé sob sua orientação: a luta contra a pobreza, tanto material como espiritual; a edificação da paz; e a construção de pontes através do diálogo.

Desse modo, como bem explicam Favretto, Souza e Santos (2022), discorrer sobre o papel diplomático de Francisco não se restringe à sua análise apenas como líder religioso-católico, mas também como um líder que, em todo o seu pontificado,

esteve atento às questões globais emergentes, proclamando a todos os homens e mulheres de boa vontade sobre a construção de um “mundo novo”.

Sendo assim, para que seja possível compreender o diálogo inter-religioso e a construção da paz no pontificado de Francisco é preciso ter um olhar mais atento para um conjunto de fatores, os quais incluem suas palavras, gestos, ações e, principalmente, como já afirmado, suas viagens internacionais, as quais constituem o ponto principal deste capítulo.

É justamente essa diretriz que foi buscada com o desenvolvimento deste capítulo, analisando-se como esse conjunto de atitudes foram articuladas por Francisco, e como essa postura do Santo Padre desafia as futuras gerações a construírem um mundo no qual as diferenças não sejam motivos para conflitos, mas que possam ser entendidas como alicerces para uma convivência mais solidária, fraterna e espiritual.

4.1 As viagens apostólicas de Francisco fora da Itália

Um modo de visibilizar o itinerário da paz buscado por Francisco é um olhar para as suas viagens apostólicas fora da Itália e, desse modo, efetivamente, para sua interlocução com representantes de outros grupos religiosos.

Tal aproximação, não raro, significou a tentativa de construção de pontes diante do diagnóstico de um mundo cindido, dentro do qual as religiões podem compartilhar engajamentos práticos no cuidado das pessoas que sofrem, na acolhida das pessoas migrantes, na tentativa da superação dos conflitos bélicos, na memória discernida de relações conflitivas e na esperança de seguir em frente.

Passando por mais de sessenta países[54], as viagens de Francisco atravessaram todos os continentes, conforme se pode observar no Quadro 1 descrito a seguir:

Quadro 1. Viagens de Francisco por todos os continentes.

América	– América do Sul: Brasil (2013); Equador, Bolívia e Paraguai (2015); Colômbia (2017); Chile e Peru (2018).

[54] Albânia, Armênia, Azerbaijão, Bahrein, Bangladesh, Bélgica, Bolívia, Brasil, Bulgária, Canadá, Cazaquistão, Chile, Chipre, Colômbia, Coreia do Sul, Cuba, Emirados Árabes Unidos, Equador, Eslováquia, Estados Unidos, Estônia, Filipinas, França, Geórgia, Grécia, Hungria, Indonésia, Iraque, Irlanda, Israel, Japão, Jordânia, Letônia, Lituânia, Luxemburgo, Macedônia do Norte, Madagascar, Malta, Marrocos, Maurício, México, Moçambique, Mongólia, Myanmar, Palestina, Panamá, Papua Nova Guiné, Paraguai, Peru, Polônia, Portugal, Quênia, RD Congo, República Centro-Africana, Romênia, Singapura, Sri Lanka, Sudão do Sul, Suécia, Suíça, Tailândia, Timor-Leste, Turquia, Uganda.

	– América Central e Caribe: Cuba (2015); Panamá (2019). – América do Norte: Estados Unidos (2015); México (2016); Canadá (2022).
Europa	– Europa Ocidental / Central: Parlamento Europeu/Estrasburgo (2014); Polônia (2016); Suécia (2016); Fátima/Portugal (2017); Genebra/Suíça (2018); Irlanda (2018); Romênia (2019); Budapeste/Hungria (2021); Eslováquia (2021); Hungria (2023); Portugal (2023); Marselha/França (2023); Luxemburgo e Bélgica (2024); Ajácio/França (2024). – Bálcans e Europa Oriental: Albânia (2014); Sarajevo/Bósnia e Herzegovina (2015); Bulgária e Macedônia do Norte (2019). – Cáucaso: Armênia (2016); Geórgia e Azerbaijão (2016).
Ásia e Oriente Médio	– Extremo Oriente: Coreia do Sul (2014); Japão (2019). – Sudeste Asiático: Filipinas (2015); Sri Lanka (2015); Myanmar e Bangladesh (2017); Tailândia (2019); Indonésia, Timor-Leste e Singapura (2024). – Oriente Médio / Ásia Ocidental: Terra Santa (Jordânia, Israel e Palestina - 2014); Turquia (2014); Emirados Árabes Unidos (2019); Iraque (2021); Chipre (2021); Cazaquistão (2022); Bahrein (2022); Mongólia (2023); Dubai/COP 28 (2023).
África	– África Subsaariana (Oriental/Central): Quênia, Uganda e República Centro-Africana (2015); Moçambique, Madagascar e Maurício (2019); RD Congo e Sudão do Sul (2023). – Norte da África (Magrebe): Egito (2017); Marrocos (2019).
Oceania	– Papua Nova Guiné (2024).

Fonte: Autoria própria (2026).

A listagem abaixo, além de indicar a ênfase de cada viagem, também oferece uma visão geral das viagens de Francisco em ordem cronológica, nas quais, por inúmeras vezes, o Santo Padre abordou claramente a questão da paz e do diálogo inter-religioso.

2013

É o que se pode observar, por exemplo, na primeira viagem internacional de seu pontificado, a qual ocorreu no **Brasil**, entre os dias 22 e 29 de julho de 2013, no Rio de Janeiro, para a realização da XXVIII Jornada Mundial da Juventude (JMJ), cujo lema foi: “Ide e fazei discípulos de todos os povos!” (cf. Mt 28:19) (Santa Sé, 2013).

Segundo Alves (2013), embora o evento fosse voltado para a juventude católica, o Papa utilizou sua estadia no Brasil para reforçar uma das marcas de seu pontificado: a cultura do encontro. Um dos momentos mais memoráveis desse evento foi o seu discurso para a Classe Dirigente do Brasil, o que ocorreu no Teatro Municipal do Rio de Janeiro, em 27 de julho de 2013, ocasião na qual abordou o diálogo entre os diferentes segmentos da sociedade e o diálogo inter-religioso (Santos; Cardoso, 2019). Ainda, no que diz respeito ao diálogo de Francisco com lideranças de diferentes setores, tem-se o seguinte relato:

> “O diálogo construtivo é fundamental para enfrentar o presente. Entre a indiferença egoísta e o protesto violento, há uma opção sempre possível: o diálogo. O diálogo entre as gerações, o diálogo com o povo, a capacidade de dar e receber, permanecendo abertos à verdade. Quando os líderes dos diferentes setores me pedem um conselho, a minha resposta é sempre a mesma: diálogo, diálogo, diálogo”. As palavras do Santo Padre na primeira viagem internacional de seu Pontificado, em julho de 2013, no Rio de Janeiro, foram o ‘prefácio’ de seu Magistério e marcam a sua atividade desde então. Apresentaram ao mundo a cultura e o coração de Jorge Mario Bergoglio (Murray, 2018).

2014

Entre os dias 24 a 26 de maio de 2014 o pontífice realizou uma viagem à **Terra Santa**. A visita apostólica desenvolveu-se apoiada pelo tema “Que todos sejam um”, na qual o Santo Padre visitou a Jordânia, a Palestina e Israel. No que se refere ao objetivo desta visita tem-se a seguinte citação:

> A visita do Pontífice teve como objetivo destacar o diálogo entre as religiões e a necessidade de buscar uma solução pacífica para os conflitos na região, além de levar apoio à decrescente população cristã no local. Essa é a quarta vez que um Papa visita o Oriente Médio (Franciscanos, 2014, p. 3).

Entre os dias 13 a 18 de agosto de 2014 o Francisco realizou sua primeira visita à Ásia, mais especificamente à **Coreia do Sul**. A primeira mensagem do Santo Padre, proferida em uma cerimônia no palácio presidencial em Seul, foi justamente um pedido de paz entre os dois países: “A busca da paz pela Coreia é uma causa que nos preocupa especialmente, porque afeta a estabilidade de toda a região e de todo o mundo, cansado de guerras” (Francisco *apud* Redação Época, 2014, s.p.). Nessa viagem o Pontífice teve uma agenda cheia de compromissos, incluindo a participação na VI Jornada da Juventude católica Asiática e a cerimônia de beatificação de mártires sul-coreanos.

Em 21 de setembro de 2014 Francisco realizou uma visita à **Albânia**, cuja população é de maioria muçulmana. Essa viagem foi considerada um evento significativo na história recente da Albânia, marcando a primeira vez que um papa visitou o país. A viagem foi vista como um símbolo de unidade religiosa e reconciliação. Em relação à diversidade religiosa dessa população tem-se a seguinte citação, a qual também descreve o sofrimento desse povo:

> De semelhantes realidades teriam podido chegar os exemplos necessários à renovação da Igreja. Um destes exemplos foi proclamado em alta voz pelo papa Francisco que do povo albanês elogiou a capacidade de viver não em tolerância, mas em fraternidade. Num país no qual a maioria islâmica (cerca

> de 60% da população) e as minorias, ortodoxa (cerca de 20%) e católica (Entre 12% e 15%), colaboram em espírito de fraternidade e merecem ser tomada como modelo, disse o papa. Ao denunciar com força o sacrilégio dos homicídios em nome de Deus, recordou como nos anos da ditadura de Hoxha (1944-1985) os mártires pela fé não tenham sido somente católicos, mas também muçulmanos e ortodoxos: no compartilhamento das memórias sofridas, os religiosos podem, portanto, encontrar linfa para a convivência fraterna (Jesuítas Brasil, 2014, s.p.).

Em 25 de novembro de 2014 Francisco realizou uma visita à **França**, mais especificamente a Estrasburgo. Embora esta tenha sido uma breve visita, esta foi bastante significativa, na qual o Santo Padre discursou para duas importantes instituições europeias, o Parlamento Europeu e o Conselho Europeu (Francisco, 2014).

Entre os dias 28 e 30 de setembro de 2014 Francisco visitou a **Turquia**, cuja população também é de maioria muçulmana. Era a sexta viagem internacional de seu pontificado, e a quarta visita de um chefe da Igreja ao país. Em seu discurso Francisco defendeu os cristãos da região, os quais estavam sendo ameaçados pelas guerras nos países vizinhos, defendendo também o diálogo entre as religiões. O Santo Padre também discursou sobre direitos iguais para cristãos, muçulmanos e judeus. Afirmou que o fanatismo e o fundamentalismo religiosos deveriam ser combatidos com a solidariedade dos fiéis (Memória Globo, 2021a).

2015

Entre os dias 13 e 19 de janeiro de 2015 Francisco viajou para o **Sri Lanka**, para a primeira etapa de sua viagem pela Ásia, ocasião na qual o Santo Padre participou da canonização do primeiro santo do Sri Lanka, o missionário José Vaz. Na tarde do dia 15 de janeiro o Francisco desembarcou nas Filipinas, o maior país católico da Ásia. O último Papa que havia visitado o país havia sido João Paulo II, durante a Jornada Mundial da Juventude, ocorrida em 1995, a qual reuniu cerca de 5 milhões de pessoas (Memória Globo, 2021b).

Em 6 de junho de 2015 Francisco viajou para Sarajevo (**Bósnia e Herzegovina**) onde se encontrou com autoridades, religiosos e jovens. Essa foi uma visita apostólica importante, com foco na promoção da paz, da reconciliação e do diálogo inter-religioso em um país bastante atingido pelas consequências da guerra. Vale frisar que nessa visita o Santo Padre dedicou especial atenção em sua fala aos jovens, em particular sobre o convite no qual os jovens são chamados para uma missão importante: salvar a esperança (Gil, 2023).

Entre os dias 5 e 13 de julho de 2015 Francisco realizou uma viagem para a América do Sul, mais especificamente para o **Equador**, a **Bolívia** e o **Paraguai**. Essa grande viagem apostólica de Francisco foi marcada por inúmeros gestos simbólicos que refletiram os pilares de seu pontificado: solidariedade, inclusão e defesa dos direitos humanos (Santa Sé, 2015a).

Entre os dias 19 e 27 de setembro de 2015 Francisco visitou **Cuba**, onde participou de um encontro com jovens; em seguida viajou para os **Estados Unidos**. O principal objetivo de sua viagem aos Estados Unidos foi o VIII Encontro Mundial das Famílias, contudo, nesta mesma viagem, também teve a oportunidade de discursar na Organização das Nações Unidas (ONU), abordando temas como meio ambiente, pobreza e paz mundial (Saraiva, 2020).

Entre os dias 25 e 30 de novembro de 2015 Francisco realizou uma viagem ao **Quênia**, **Uganda** e **República Centro-Africana**. Essa viagem ficou marcada por várias mensagens de paz, reconciliação e justiça social, na qual também participou de encontros com comunidades locais e líderes religiosos, demonstrando grande preocupação com os mais pobres e marginalizados e reforçando o papel da Igreja Católica como promotora do diálogo e da união (Santa Sé, 2015b).

2016

Entre os dias 12 e 18 de fevereiro de 2016 Francisco fez uma viagem ao **México**. Pode-se afirmar que essa foi uma das viagens apostólicas mais importantes de seu pontificado por uma combinação de fatores, que vão desde o simbolismo da visita em si, até a profundidade dos temas abordados e o contexto geopolítico em que se inseriu. O apelo dessa viagem para o diálogo inter-religioso será tratada em outro tópico (Santa Sé, 2016a).

Em 16 de abril de 2016 Francisco viajou para a **Grécia**, mais especificamente no campo de refugiados na ilha de Lesbos. Essa visita representou um gesto significativo de solidariedade do Santo Padre em relação aos refugiados e migrantes que fugiam de conflitos e da pobreza que se alastrava em seus países. Antes de ir embora Francisco fez questão de elogiar e aplaudir a generosidade dos voluntários que estavam ajudando esses irmãos tão necessitados de auxílio (Santa Sé, 2016b).

Entre os dias 24 e 26 de junho de 2016 Francisco visitou a **Armênia**, onde, entre outros compromissos, participou de um Encontro Ecumênico e Oração pela paz, aliás, ecumenismo e paz foi justamente a temática desse encontro. Francisco

encerrou essa viagem ressaltando a unidade e um importante convite:

> O Papa encerrou sua Viagem Apostólica à Armênia na tarde de domingo, 26 de junho. Uma peregrinação marcada pelo ecumenismo e pelo esforço de Roma e Armênia em caminharem juntas. Desejo expresso pelo Papa mais de uma vez durante a permanência nas terras do primeiro país do mundo a acolher o Evangelho. “No caminho rumo à unidade, somos chamados a ter a coragem de deixar as nossas convicções rígidas e os interesses próprios, em nome do amor de Cristo”, disse Francisco (Franciscanos, 2016, s.p.).

Entre os dias 26 e 31 de julho de 2016 Francisco visitou a cidade de Cracóvia, na **Polônia**, para a realização da XXXI Jornada Mundial da Juventude (JMJ), cujo lema foi “Bem-aventurados os misericordiosos, porque eles alcançarão misericórdia” (Mt. 5:7). Nessa viagem, Francisco, mais uma vez, enfatizou o diálogo como caminho para se chegar à cultura de paz (Santos; Cardoso, 2019).

Entre os dias 30 de setembro e 2 de outubro de 2016 Francisco realizou uma viagem apostólica à **Geórgia** e ao **Azerbaijão**. Essa viagem teve, como um de seus objetivos, promover o diálogo inter-religioso, a paz e a união entre os povos, especialmente em regiões com diversidade cultural e religiosa. O Santo Padre também participou nessa viagem de encontros ecumênicos e falou da importância de se abrir caminhos para a harmonia global entre os povos (Santa Sé, 2016c).

Entre os dias 31 de outubro e 1º de novembro de 2016 Francisco fez uma viagem à **Suécia**. Nessa viagem o Santo Padre participou, junto com inúmeros representantes da Igreja Luterana, de uma cerimônia em comemoração aos 500 anos da Reforma. Foi um evento ecumênico de grande relevância para ambas instituições religiosas, buscando traçar juntos uma história de colaboração e não mais de animosidade. Foi a primeira vez na história que um papa participou, publicamente, da celebração da Reforma (Maçaneiro; Zeferino; Lourenço, 2018; Souza, 2020).

2017

Em 28 de abril de 2017, Francisco visitou o **Egito**, ocasião na qual participou de um encontro no qual estavam presentes o presidente Abdel Fattah Al-Sisi, o Grão-Imã de Al-Azhar, distintos membros do governo, do parlamento e também todos os presentes que participaram do encontro entre autoridades egípcias (Vieira, 2018). Esse evento foi um precursor para a assinatura do Documento sobre a Fraternidade Humana em prol da Paz Mundial e da Convivência Comum, é o que, de forma mais detalhada, explica Ferraz (2020, p. 117):

> Um marco para a busca do diálogo pela paz é o Documento sobre a *Fraternidade Humana* em prol da paz mundial e convivência comum, de 4 fevereiro de 2019, assinado pelo Francisco e pelo líder muçulmano Grão Imame de Al-Azhar Ahmad Al-Tayyeb. O documento reitera o papel das religiões cristã e muçulmana na promoção da paz, “de acordo com os *Documentos Internacionais* anteriores que destacaram a importância do papel das religiões na construção da paz mundial”.

Entre os dias 12 e 13 de maio de 2017 Francisco fez uma viagem a **Portugal**. Nessa viagem o Santo Padre realizou uma peregrinação ao Santuário de Nossa Senhora de Fátima, por ocasião do centenário das Aparições da Bem-Aventurada Virgem Maria na Cova da Iria. Francisco foi o quarto líder da Igreja Católica a fazer a peregrinação à Fátima (Atlântico Press, 2017).

Entre os dias 6 e 11 de setembro de 2017 Francisco realizou uma viagem à **Colômbia**. Nessa viagem o Santo Padre focou em temáticas tais como reconciliação, paz e esperança, participando também de encontros com diversas autoridades e outros eventos (Santa Sé, 2017a).

Entre os dias 26 de novembro a 2 de dezembro de 2017 Francisco realizou uma viagem a **Myanmar** e **Bangladesh**. Nessa viagem o Santo Padre participou de encontro com os líderes religiosos e autoridades onde teve a oportunidade de tratar da questão do diálogo inter-religioso (Santa Sé, 2017b).

2018

Entre os dias 15 e 22 de janeiro de 2018 Francisco realizou uma viagem ao **Chile** e **Peru**. Essa viagem foi marcada por encontros com fiéis, autoridades políticas e religiosas, entre outros eventos previamente agendados (Santa Sé, 2018a).

No dia 21 de junho de 2018 Francisco realizou uma viagem à Genebra, na **Suíça**. Essa viagem foi relativamente curta, apenas um dia, contudo, teve um grande significado simbólico, destacando seu compromisso com o ecumenismo e a cooperação internacional. Foi uma viagem de peregrinação ecumênica por ocasião do 70º aniversário da Fundação do Conselho Mundial das Igrejas (Santa Sé, 2018b).

Entre os dias 25 e 26 de agosto de 2018 Francisco realizou uma viagem à **Irlanda**. Essa viagem foi em razão do IX Encontro Mundial das Famílias em Dublin, ocasião na qual o Santo Padre também teve a oportunidade de se encontrar com autoridades e religiosos (Santa Sé, 2018c).

Entre os dias 22 a 25 de setembro de 2018 Francisco realizou uma viagem aos países bálticos: **Lituânia**, **Letônia** e **Estônia**. Nesta viagem Francisco também teve a

oportunidade de se encontrar com autoridades políticas, religiosas e com jovens, além também da celebração de missas (Santa Sé, 2018d).

2019

Entre os dias 23 e 28 de janeiro de 2019 Francisco realizou uma viagem ao **Panamá**, para a realização da XXXIV Jornada Mundial da Juventude (JMJ), a qual foi realizada pela primeira vez na América Central, cujo lema foi: “Eis a serva do Senhor; Faça-se em mim segundo a Vossa Palavra” (Lc. 1,38), e teve como eixos principais: a Virgem Maria e a Vocação, a qual também coincidiu com os resultados da XV Assembléia Geral Ordinária do Sínodo dos Bispos sobre juventude, fé e discernimento vocacional, realizado em 2018 (Santos; Cardoso, 2019).

Entre os dias 3 a 5 de fevereiro de 2019 Francisco realizou uma viagem aos **Emirados Árabes Unidos**. Essa foi a primeira vez que um Papa visitou a Península Arábica, berço do Islã, o que tornou a viagem um marco no diálogo inter-religioso. Nessa viagem, como já citado, o Santo Padre assinou, juntamente com o Grão Imame de Al-Azhar Ahamad al-Tayyib, um documento referente à Fraternidade Humana pela Paz Mundial e a convivência comum (Santa Sé, 2019a).

Entre os dias 30 e 31 de março de 2019 Francisco realizou uma viagem ao **Marrocos**. Essa viagem, embora breve, foi muito significativa, com foco no diálogo inter-religioso, na promoção da paz e no apoio aos migrantes e refugiados. Francisco se encontrou com autoridades, líderes religiosos e migrantes, ocasião na qual também teve a oportunidade de assistir a uma peça com cantores de várias religiões (Santa Sé, 2019b).

Entre os dias 5 e 7 de maio de 2019 Francisco realizou uma viagem à **Bulgária** e **Macedônia do Norte**. Essa visita foi breve, contudo, muito significativa, especialmente porque este país é um local de grande importância para a história do cristianismo, associado à figura de Santa Teresa de Calcutá (Madre Teresa). Essa também foi mais uma viagem de demonstração do esforço de Francisco para fortalecer os laços entre as diferentes culturas e religiões, promovendo valores como a solidariedade, a fraternidade e a promoção do diálogo inter-religioso (Santa Sé, 2019c).

Entre os dias 31 de maio a 2 de junho de 2019 Francisco fez uma viagem à **Romênia**. Nessa viagem o Santo Padre realizou a celebração de missas e também se reuniu com autoridades e comunidades locais. Também é importante destacar que

essa viagem representou um momento de grande importância para a Igreja Católica na Romênia, por ter sido um marco no diálogo ecumênico e na construção de pontes com a Igreja Ortodoxa Romena, majoritária no país. Além do diálogo com os ortodoxos, a viagem também prestou uma homenagem significativa à história da Igreja Greco-Católica local (Santa Sé, 2019d).

Entre os dias 4 e 10 de setembro de 2019 Francisco realizou uma viagem a **Moçambique**, **Madagascar** e **Maurício**. Essa viagem foi um marco importante para os três países, fortalecendo a fé das comunidades locais e promovendo valores universais como a paz, a justiça e a solidariedade. Também, nessa viagem, Francisco se encontrou com autoridades e líderes religiosos (Santa Sé, 2019e).

Entre os dias 19 e 26 de novembro de 2019 Francisco realizou uma viagem à **Tailândia** e **Japão**. Essa viagem foi marcada por temas como paz, diálogo inter-religioso, discurso sobre armas nucleares e outras temáticas que refletem os valores centrais de seu pontificado e também ficou marcada pelo encontro com autoridades e líderes religiosos (Santa Sé, 2019f).

2020

Em 2020, em virtude da pandemia de COVID-19, o Papa Francisco não realizou nenhuma viagem apostólica fora da Itália.

2021

Entre os dias 5 e 8 de março de 2021 Francisco realizou uma viagem ao **Iraque**. Foi uma viagem muito significativa porque levou esperança a um povo martirizado e abriu novos caminhos para o diálogo ecumênico e inter-religioso. A viagem destacou a importância da fé, da esperança e da fraternidade em meio às adversidades. Nessa visita o Papa Francisco se reuniu com autoridades, líderes religiosos e comunidades locais (Santa Sé, 2021a).

Entre os dias 12 e 15 de setembro de 2021 Francisco realizou uma viagem à **Hungria** e **Eslováquia**, tendo visitado Budapeste, por ocasião da Santa Missa Conclusiva do 52° Congresso Eucarístico Internacional. Francisco se encontrou com autoridades, líderes religiosos, comunidades locais e participou de outros eventos (Santa Sé, 2021b).

Entre os dias 2 e 6 de dezembro de 2021 Francisco realizou uma viagem a Chipre e à Grécia. Essa viagem foi marcada por temáticas como migração, diálogo

ecumênico e solidariedade com os mais vulneráveis. Francisco, nessa visita, também se encontrou com autoridades e líderes religiosos, além de participar de outros eventos como a visita a campos de refugiados (Santa Sé, 2021c).

2022

Entre os dias 2 e 3 de abril de 2022 Francisco realizou uma viagem a **Malta**. Foi uma visita breve, porém significativa em virutde do encontro do pontífice com migrantes e atuoridades locais (Santa Sé, 2022a).

Entre os dias 24 e 30 de julho de 2022 Francisco realizou uma viagem ao **Canadá**. Essa viagem foi profundamente significativa, uma vez que o Santo Padre teve a oportunidade de se encontrar com comunidades indígenas, autoridades e com alguns alunos das ex-escolas residenciais, além de também participar de outros compromissos (Santa Sé, 2022b).

Entre os dias 13 e 15 de setembro de 2022 Francisco realizou uma viagem ao **Cazaquistão**, onde participou do encerramento do VII Congresso de Líderes das Religiões Mundiais e Tradicionais. Francisco fez um apelo para que haja uma relação mais salutar entre política e religião, destacando a questão da liberdade religiosa e exaltando a necessidade da paz e do diálogo inter-religioso (Santa Sé, 2022c).

Entre os dias 3 e 6 de novembro de 2022 Francisco realizou uma viagem ao **Bahrein**. Essa visita foi mais um passo importante no esforço do Santo Padre para construir pontes entre culturas e religiões, promovendo valores universais como a paz, a justiça e a solidariedade. Nessa viagem Francisco também se reuniu com autoridades e líderes religiosos (Santa Sé, 2022d).

2023

Entre os dias 31 de janeiro e 5 de fevereiro de 2023 Francisco realizou uma viagem à **República Democrática do Congo** e ao **Sudão do Sul**. Essa viagem visou fortalecer a fé das comunidades locais e promover valores universais como a paz, a justiça e a solidariedade. Um marco foi a participação na Peregrinação Ecumênica de Paz no Sudão do Sul (Santa Sé, 2023a).

Entre os dias 28 a 30 de abril de 2023 Francisco realizou uma viagem à **Hungria**. Nessa viagem Francisco participou de inúmeros eventos, como, por exemplo, a visita às crianças do Instituto “Beato László Batthyány-Strattmann” e também à comunidade greco-católica, além também de encontros com jovens na

“Papp László Budapest Sportaréna”, com pobres e refugidos, com autoridades e líderes religiosos, entre outros eventos (Santa Sé, 2023b).

Entre os dias 2 e 6 de agosto de 2023 Francisco fez uma viagem a **Portugal**. O Santo Padre realizou essa viagem por ocasião da XXXVII Jornada Mundial da Juventude, na qual se encontrou com jovens e autoridades (Santa Sé, 2023c).

Entre os dias 31 de agosto e 4 de setembro de 2023 Francisco realizou uma viagem à **Mongólia**. Nessa viagem o Santo Padre novamente retomou a temática do diálogo inter-religioso, participando também do encontro com agentes da caridade e inauguração da casa de misericórdia, além de se reunir com autoridades e líderes religiosos (Santa Sé, 2023d).

Entre os dias 22 e 23 de setembro de 2023 Francisco realizou uma viagem a Marselha, na **França**. A razão dessa viagem foi a conclusão dos “*Rencontres Méditerranéennes*”, ocasião na qual Francisco se encontrou com autoridades e líderes religiosos, participando também de outros eventos (Santa Sé, 2023e).

Entre os dias 1 e 3 de dezembro de 2023 Francisco realizou uma viagem a **Dubai**, por ocasião da Conferência dos Estados Partes da Convenção-Quadro das Nações Unidas sobre as Mudanças Climáticas (COP-28). Além do discurso realizado por Francisco nessa conferência, também foram realizados encontros bilaterais privados e também a inauguração do “Faith Pavilion” (Santa Sé, 2023f).

2024

Entre os dias 2 e 13 de setembro de 2024 Francisco realizou uma viagem a **Indonésia**, **Papua Nova Guiné**, **Timor Leste** e **Singapura**. Nessa viagem, Francisco fez “o seu primeiro discurso na Indonésia, durante o encontro com as autoridades, os representantes da sociedade civil e o Corpo Diplomático no Palácio Presidencial Istana Negara, em Jacarta, no âmbito de sua 45ª Viagem Apostólica Internacional”. Nessa viagem Francisco visitou também Papua Nova Guiné, o Timor-Leste e Singapura (Jaguraba, 2024).

Entre os dias 26 e 29 de setembro de 2024, Francisco realizou uma viagem a **Luxemburgo** e **Bélgica**. Vale frisar que “o primeiro compromisso oficial do Santo Padre em Luxemburgo foi a visita ao Grão Duque de Luxemburgo, no Palácio Grão-Ducal, seguido pelo encontro com o primeiro-ministro”. Na sequência, “o Papa se deslocou até o Cercle Cité para um encontro com autoridades, a sociedade civil e o corpo diplomático”, sendo que o seu próximo destino nessa viagem foi a Bélgica. O tema da

paz foi central em sua viagem, considerando os riscos de conflito vivenciados naquele contexto (Vatican News, 2024).

Em 15 de dezembro de 2024 Francisco fez uma rápida visita a Ajaccio, na **França**, para participar no Congresso sobre Religiosidade Popular, também participando de uma missa que reunião cerca de 7 mil fiéis. Sobre o evento, Bruni, porta-voz de Francisco, afirmou: “o tema da devoção é muito sentido na França e pelo Pontífice; nas suas palavras o eco das crises mediterrâneas”. O Papa também se encontrou com o presidente Macron (Cernuzio, 2024).

4.2 O diálogo inter-religioso nas viagens apostólicas de Francisco fora da Itália

Como se pode observar, o Papa Francisco fez, entre os anos de 2013 e 2024, dezenas de eventos e viagens internacionais passando por dezenas de países, os quais tiveram como temáticas principais a paz, o diálogo inter-religioso, a justiça social e o cuidado com os mais pobres, entre inúmeros outros eventos que incluíram encontros com autoridades políticas, religiosas e comunidades. O mapa das viagens apostólicas de Francisco fora da Itália está consolidado nas imagens disponíeis na próxima página[55]:



Imagem 1. Google MyMaps – Viagens Apostólicas Papa Francisco (2013-2024). Fonte: O Autor.

[55] Com o apoio técnico do orientador, o Prof. Jefferson Zeferino, após o levantamento das informações sobre as viagens apostólicas do Papa Francisco fora da Itália no site do Vaticano (https://www.vatican.va/content/francesco/pt.html), tendo colhido dados em cada uma das páginas correlatas a cada ano de seu pontificado, o material foi inserido no Gemini (IA da Google) e foi gerado um arquivo (.csv) para importação no Google MyMaps. O resultado está no endereço (https://www.google.com/maps/d/edit?mid=14nKwIFR8loPY0DK1h76ZdOf23p6vXOc&usp=sharing). O mapa pode ser acessado também com o Google Earth. As informações indicam o país, o ano da visita, o período e apresenta ênfases das viagens em uma palavra-chave.



Imagem 2. Google Earth – Viagens Apostólicas do Papa Francisco (2013-2024). Fonte: O Autor.[56]

A relação desenvolvida pelo Papa Francisco com as lideranças de outras igrejas cristãs e de outras religiões, foi uma marca de suas viagens apostólicas.

No que concerne ao ecumenismo, Francisco dialogou com luteranos, anglicanos e ortodoxos. Isso está visibilizado em várias de suas viagens, em 2014 para a Terra Santa e para Turquia; em 2016 para Cuba, Lesbos (Grécia), Armênia, Geórgia e Suécia; em 2018 para Genebra (Suíça); em 2019 para a Romênia; em 2021 para o Chipre e novamente Grécia; e, finalmente, em 2023, em sua viagem para o Sudão do Sul. Destaca-se a aproximação do pontífice às igrejas do Oriente e a comemoração conjunta com os luteranos dos 500 anos da Reforma.

Quanto ao diálogo inter-religioso, vale notar que suas viagens apostólicas não raro, estiveram ligadas a seu itinerário de construção da paz. Francisco entabulou diálogos significativos com religiões como o Islã, o Judaísmo, o Budismo e o Xintoísmo. Em sua trajetória de encontros, portanto, destacam-se:

Terra Santa (2014): nesta viagem Francisco visitou a Esplanada das Mesquitas e o Muro das Lamentações, reunindo-se com o Grão-Mufti de Jerusalém e com líderes judeus. No entanto, o ápice inter-religioso e ecumênico ocorreu no Santo Sepulcro, onde Francisco assinou uma declaração conjunta com o Patriarca Ortodoxo Bartolomeu I, renovando o compromisso ecumênico entre as Igrejas Católica e Ortodoxa (Franciscanos, 2014).

Turquia (2014): nesta viagem Francisco visitou a famosa Mesquita Azul de

[56] Disponível em: ttps://earth.google.com/web/data=MigKJgokCiAxNG5Ld0lGUjhsb1BZMERLMWg3NlpkT2YyM3A2dlhPYyACQgIIAEoICPydi9cEEAE?utm_source=mymaps. Acesso em: 18 maio 2026.

Istambul, onde permaneceu em uma marcante oração silenciosa ao lado do Grão-Mufti Rahmi Yaram. O Pontífice também reforçou os laços ecumênicos ao participar da liturgia com o Patriarca Bartolomeu I, assinando um forte apelo comum pela paz e unidade no Oriente Médio (Memória Globo, 2021a).

Sri Lanka (2015): nesta viagem Francisco participou de um histórico encontro inter-religioso que ocorreu no Bandaranaike Memorial International Conference Hall, reunindo líderes budistas, hindus, muçulmanos e cristãos. O Papa defendeu que as crenças nunca devem ser usadas para a violência, e elogiou os esforços conjuntos das religiões para a reconciliação nacional pós-guerra civil, como se pode observar na citação abaixo:

> Na viagem ao Sri Lanka, o Papa Francisco participou nesta terça-feira (13/1), de um encontro inter-religioso, que contou com a presença de representantes de comunidades budistas, hinduístas, muçulmanas e algumas confissões cristãs. O Santo Padre reiterou o respeito da Igreja católica por outras religiões, bem como o seu desejo de confirmar os esforços comuns em prol da harmonia e da paz (Franciscanos, 2015, s.p.).

Azerbaijão (2016): nesta viagem Francisco realizou um encontro privado com o Chefe dos Muçulmanos do Cáucaso na Mesquita Heydar Aliyev, em seguida participou de um encontro inter-religioso com o Chefe dos Muçulmanos do Cáucaso e representantes de outras comunidades religiosas do país. O Santo Padre também enfatizou que Deus não pode ser usado para justificar o ódio, apresentando o Azerbaijão como um exemplo de convivência pacífica entre diferentes comunidades religiosas (Santa Sé, 2016c).

Egito (2017): nesta viagem Francisco discursou na Conferência Internacional em prol da Paz ao lado do Grão-Imã Al-Azhar Ahmed al-Tayeb[57]. Esse discurso foi realizado para líderes religiosos de várias partes do mundo. Francisco iniciou seu discurso com a tradicional saudação em árabe: *"Al Salamò Alaikum"* (A paz esteja convosco). Vale frisar que também estavam presentes membros do governo, do parlamento, dentre diversas outras autoridades que também participaram do evento (Vieira, 2018).

Myanmar e **Bangladesh** (2017): nesta viagem Francisco, em Myanmar, reuniu-se com o Conselho Supremo "*Sangha*" dos monges budistas no Kaba Aye

[57] É importante destacar que tanto a grafia Ahmed al-Tayeb como Ahmad al-Tayyib estão corretas. A diferença é que Ahmed al-Tayeb é mais comum, principalmente na imprensa e no ocidente, enquanto que Ahmad al-Tayyib é a versão mais rigorosa e que segue os critérios acadêmicos de tradução direta do árabe.

Center para promover a harmonia social. Já em sua viagem para Bangladesh, Francisco participou de um encontro com os Bispos na Casa dos Sacerdotes Idosos, em seguida participou de um encontro inter-religioso e Ecumênico pela Paz na residência do Arcebispo (Santa Sé, 2017b).

Emirados Árabes Unidos (2019): nesta viagem Francisco teve um encontro privado com os membros do Conselho Muçulmano de Anciãos (*Muslim Council of Elders*) na Grande Mesquita do Xeique Zayed; em seguida, participou de um encontro inter-religioso no Memorial do Fundador (*Founder's Memorial*) onde, juntamente com o Grande Imã de Al-Azhar Ahmed el-Tayeb, assinou o Documento sobre a Fraternidade Humana. O texto condena o extremismo e estabeleceu uma agenda global comum de paz, respeito e direitos iguais para cidadãos de todas as fés (Santa Sé, 2019a).

Marrocos (2019): nesta viagem Francisco, ao lado do Rei Mohammed VI, visitou o Instituto Mohammed VI dos Imames, Pregadores e Pregadoras, um centro dedicado a combater o radicalismo por meio da educação. O Apelo de Jerusalém foi assinado conjuntamente por Francisco e pelo rei, defendendo o caráter multirreligioso da Cidade Santa, e discursou para uma plateia composta por líderes islâmicos locais (Santa Sé, 2019b).

Tailândia e **Japão** (2019): nesta viagem Francisco participou de diversos eventos, sendo um deles o encontro pela paz, no Memorial da Paz, ocasião na qual teve a oportunidade de discursar sobre armas nucleares no Parque da Bomba Atômica Hypocenter; falar sobre o diálogo inter-religioso; econtrar-se com as vítimas do tríplice desastre; com jovens na Catedral de Santa Maria; e com autoridades e o Corpo Diplomático em Kantei (Santa Sé, 2019f).

Iraque (2021): esta viagem de Francisco ficou marcada pela visita de cortesia ao Grão-Aiatolá Sayyid Ali Al-Husayni Al-Sistani em Najaf. Em Nassiriya, Francisco presidiu um encontro inter-religioso na Planície de Ur. Participou também em outros eventos como o encontro com autoridades, sociedade civil e o corpo diplomático no salão do Palácio Presidencial de Bagdá e o encontro com os bispos, sacerdotes, religiosos e religiosas, seminaristas e catequistas na Catedral Sírio-Católica de "Nossa Senhora da Salvação", também em Bagdá (Santa Sé, 2021a).

Cazaquistão (2022): nesta viagem Francisco participou do encerramento do VII Congresso de Líderes das Religiões Mundiais e Tradicionais. Encontrou-se com autoridades, a sociedade civil e o corpo diplomático no "*Qazaq Concert Hall*". Teve

também encontros privados com alguns líderes religiosos no Palácio da Independência e com os membros da Companhia de Jesus na Nunciatura Apostólica. Outros eventos também fizeram parte da agenda com temário variado, entre eles a paz e o diálogo inter-religioso (Santa Sé, 2022c).

Bahrein (2022): nesta viagem Francisco realizou uma visita de cortesia a Sua Majestade o Rei do Bahrein junto ao "*Sakhir Royal Palace*". Também participou do encerramento do "*Bahrain Forum for Dialogue: East and West for Human Coexistence*" na praça Al-Fida, no complexo do "Sakhir Royal Palace". Teve um encontro privado com o Grão-Imame de Al-Azhar na Residência Papal. Também se encontrou com os Membros do "*Muslim Council of Elders*" na Mesquita do "*Sakhir Royal Palace*", entre outros eventos (Santa Sé, 2022d).

Mongólia (2023): nesta viagem Francisco realizou uma visita de cortesia ao presidente da Mongólia no Palácio de Estado. Teve encontros com autoridades e sociedade civil, e tamém um encontro com o corpo diplomático na Sala "*Ikh Mongol*" do mesmo palácio. Encontrou-se ainda com bispos, sacerdotes, missionários, consagrados, consagradas e os agentes da pastoral na Catedral dos Santos Pedro e Paulo. Participou de um encontro ecumênico e inter-religioso no "*Hun Theatre*" e, por fim, participou de um encontro com os agentes da caridade e inauguração da Casa de Misericórdia (Santa Sé, 2023d).

Indonésia (2024): nesta viagem Francisco realizou, em Jacarta, uma visita de cortesia ao presidente da república no Palácio Presidencial "*Istana Merdeka*". Participou de um encontro com autoridades e a sociedade civil. Encontrou-se com o corpo diplomático na Sala do Palácio Presidencial "Istana Negara". Teve um encontro privado com os membros da Companhia de Jesus na Nunciatura Apostólica. Também se reuniu com bispos, sacerdotes, diáconos, consagrados/as, seminaristas e catequistas na Catedral de Nossa Senhora da Assunção e teve um encontro com os jovens de *Scholas Occurrentes* na Casa da Juventude "*Grha Pemuda*". No dia seguinte o Santo Padre participou de um encontro inter-religioso na Mesquita Istiqlal e também de um encontro com os assistidos pelas obras de caridade na Sede da Conferência Episcopal da Indonésia. Nessa viagem Francisco visitou também Papua Nova Guiné, o Timor-Leste e Singapura (Santa Sé, 2024).

Após o exame panorâmico das viagens apostólicas de Francisco fora da Itália, compreende-se que elas evidenciam empiricamente uma intensa atuação diplomática de Francisco. Em sua diplomacia da paz é possível visualizar o projeto teológico-

pastoral que o pontífice expressa nos documentos analisados no capítulo anterior – *Evangelii Gaudium*, *Laudato Si*, *Fratelli Tutti* e *Dilexit Nos*.

4.3 A diplomacia da paz como marca do pontifico de Francisco

Por meio do estudo das viagens, iluminada por seu projeto pastoral, entende-se que algumas linhas argumentativas podem ser utilizadas para sintetizar o percurso irênico de Francisco:

1. Para Francisco, as religiões não são a causa da violência, mas podem ser instrumentalizadas para tal fim. Por outro lado, o diálogo entre as religiões abraâmicas, por exemplo, pode ser um potente aliado na construção da paz.
2. Uma diplomacia da fraternidade humana e da construção da paz emerge da preocupação de Francisco com as minorias e as periferias. Suas visitas não são às grandes capitais, mas o Papa do fim do mundo visita os confins da Terra.

Tais chaves interpretativas, iluminadas pelo projeto teológico-pastoral de Francisco, servem como base para uma leitura de textos que se destacam em suas viagens apostólicas. A saber, o Documento sobre a fraternidade humana em prol da paz mundial e da convivência comum, firmado nos Emirados Árabes; e a Declaração Conjunta Istiqlal, assinada na Indonésia.

O Documento sobre a Fraternidade Humana em prol da Paz Mundial e da Convivência Comum reafirma o papel das religiões cristã e muçulmana na promoção da paz. Trata-se de uma notável contribuição de Francisco para a busca do diálogo pela paz, tendo sido assinado pelo Santo Padre e também pelo líder muçulmano Grão Imame de Al-Azhar Ahmad Al-Tayyeb. Não se trata de um mero apelo à tolerância, mas de um pacto que transcende as fronteiras religiosas para abordar a própria essência da humanidade. A teologia por trás deste documento está enraizada na *EG* e na *FT*, não apenas condenando o extremismo, mas também afirmando a dignidade comum de todos os seres humanos, criados por Deus e irmãos em uma única família (Francisco; Al-Tayyeb, 2019; Ferraz, 2020).

A Declaração Conjunta de Istiqlal surgiu como resposta a duas graves crises que afligem o mundo: a desumanização e as alterações climáticas. Essa Declaração foi assinada por Francisco e pelo Grande Imã Nasaruddin Umar durante um encontro

inter-religioso que ocorreu na já citada Mesquita Istiqlal, em Jacarta, no dia 5 de setembro de 2024. A força simbólica desse documento é reforçada pelo local de sua assinatura e pelo gesto que o acompanhou: a visita ao “Túnel da Amizade” que conecta a mesquita à catedral católica. Este ato é a “diplomacia da proximidade” em sua forma mais pura. Francisco não apenas discursa sobre o diálogo, ele o encarna, literalmente atravessando um espaço físico que une duas tradições religiosas (Francisco; Umar, 2024; Vatican News, 2024a).

É importante destacar que o significado desse gesto/ato de Francisco ultrapassa a dimensão diplomática, possibilitando compreendê-lo também como uma forma de expressão teológica. Nesse contexto vale lembrar que, no pontificado de Francisco, a teologia não se manifesta somente por meio de documentos, encíclicas, exortações ou discursos, mas também por meio de práticas concretas de aproximação e encontro.

Seus deslocamentos, suas visitas e seus encontros com diferentes comunidades podem ser compreendidos como uma espécie de “teologia em ato”, na qual determinados gestos tornam visíveis princípios que, em seus documentos, aparecem formulados conceitualmente. Assim, atravessar o “Túnel da Amizade” não constitui apenas um deslocamento físico entre dois espaços religiosos, mas pode ser interpretado como uma práxis simbólica que traduz, corporalmente, a ideia de construção de pontes entre diferentes tradições.

Essa perspectiva encontra correspondência na própria compreensão de diálogo presente na pesquisa. Sanchez (2021), entende o diálogo como uma atitude e uma ação em direção à alteridade, na qual as diferentes partes entram em comunicação e interação, transformando-se mutuamente. O diálogo, desse modo, não se reduz a uma estratégia ou a um resultado, mas constitui um processo de aproximação.

Quando Francisco atravessa um espaço que liga simbolicamente a mesquita e a catedral, esse princípio deixa o plano conceitual e assume uma dimensão performativa: o corpo do pontífice torna-se parte da própria mensagem que pretende comunicar. O gesto afirma, sem necessidade de uma formulação discursiva adicional, que a diferença religiosa não precisa produzir afastamento e que é possível construir caminhos de proximidade, cooperação e fraternidade.

Nesse sentido, o “Túnel da Amizade” pode ser compreendido como uma síntese espacial de algumas das linhas fundamentais do projeto teológico-pastoral de

Francisco, principalmente a “Igreja em saída”, a cultura do encontro, o reconhecimento da alteridade e a construção da fraternidade. A Igreja em saída, nesse caso, não significa apenas sair de seus espaços institucionais para alcançar outras pessoas, mas também deslocar-se em direção ao outro, aceitando o encontro como lugar de construção da paz.

O gesto realizado em Jacarta torna visível, portanto, aquilo que a pesquisa identifica nas viagens apostólicas de Francisco: uma relação estreita entre teologia, prática pastoral, diálogo inter-religioso e diplomacia. As viagens deixam de ser compreendidas apenas como deslocamentos geográficos ou compromissos institucionais e passam a constituir espaços nos quais sua visão teológica é praticada e comunicada.

Desse modo, a “diplomacia da proximidade” pode ser entendida também como prática teológica. Francisco não apenas afirma a necessidade de construir pontes, ele procura realizar essa construção por meio de sua presença, seus encontros e seus gestos. A força do episódio de Jacarta está justamente nessa convergência entre palavra e ação: a Declaração Conjunta de Istiqlal formula um compromisso comum, enquanto o deslocamento pelo “Túnel da Amizade” oferece uma espécie de tradução simbólica desse compromisso.

A teologia, nesse contexto, torna-se visível na ação e encontra no próprio corpo, no espaço e no encontro, instrumentos de comunicação. É nesse sentido que as viagens apostólicas de Francisco podem ser lidas como uma “teologia em ato”: uma teologia que não permanece restrita ao discurso, mas se encarna em práticas concretas de aproximação, diálogo e construção da paz.

Vale frisar que os documentos citados anteriormente vêm a materializar a proposta de Francisco de uma “Igreja em saída”, que se desdobra em um método de diplomacia ativa, por meio de suas viagens apostólicas, onde o diálogo inter-religioso ultrapassa a retórica para se constituir como um instrumento de construção da paz. Assim, essa tríade que abrange projeto teológico, diplomacia e diálogo, se desdobra em um movimento concreto e geograficamente extenso, documentado nas dezenas de viagens internacionais realizadas por Francisco entre 2013 e 2024.

Essa amplitude revela a convicção de Francisco de que as religiões, quando fiéis às suas melhores tradições, são aliadas da paz e da fraternidade, e não fontes de conflito, ficando bem evidente que o diálogo não é uma “tolerância superficial”, que mascara as tensões, mas sim um espaço de escuta, responsividade e transformação

mútua, conforme já citado pelos autores Gomes e Zeferino (2022).

Ainda em relação à análise do Documento sobre a Fraternidade Humana e da Declaração Conjunta Istiqlal à luz das viagens apostólicas de Francisco, tal fato vem a revelar que sua teologia não foi um exercício abstrato, mas uma práxis encarnada em gestos e palavras. Desse modo, o diálogo inter-religioso torna-se um ato político e espiritual que visa construir uma “cultura do encontro” como alternativa à “cultura do descarte” e à “guerra mundial em pedaços” que Francisco tanto denunciou.

A coerência entre esses dois documentos e o projeto teológico-pastoral de Francisco é bastante perceptível, até mesmo porque ambos refletem os pilares de seu pontificado: a *EG* como chamado à missão, a *LS* como cuidado com a casa comum, e a *FT* como horizonte da fraternidade. Assim, as viagens apostólicas não foram eventos isolados, estando organicamente conectadas ao projeto teológico-pastoral de Francisco, o que se pode constatar até mesmo na própria *DN*.

A diplomacia vaticana, sob Francisco, não se caracteriza por interesses confessionais, mas pela promoção de um projeto de humanidade unida. Suas viagens abrangem periferias geográficas e existenciais, sinalizando sua escolha e apelo pela paz.

Desse modo, o Documento de Abu Dhabi e a Declaração de Istiqlal não são meros protocolos, são a materialização da teologia pública e política de Francisco. Eles demonstram que o projeto da “Igreja em saída” é uma operação geopolítica de transformação simbólica, que busca deslocar o centro de gravidade do poder para a periferia, do conflito para o diálogo, e da indiferença para a fraternidade.

O desafio, como indicado no decorrer deste capítulo, é que esse legado seja não apenas admirado, mas também continuado pelas futuras gerações em um mundo ainda profundamente fragmentado.

É importante frisar que as viagens de Francisco não constituem um “turismo pastoral”, mas atos de resistência à lógica da exclusão, ou seja, atos de resistência à indiferença e à violência, que ressignificaram a missão da Igreja no século XXI, sendo que a análise desses dois textos fundamentais confirma que seu pontificado deixou uma marca histórica significativa na questão do diálogo inter-religioso.

Portanto, ao se analisar a história, os textos, os gestos, as ações e viagens de Francisco percebe-se que o diálogo inter-religioso é apresentado como um pilar da missão da Igreja Católica no mundo contemporâneo. Em suas exortações e encíclicas Francisco reorienta o olhar eclesial para fora, propondo assim que a Igreja seja uma

“Igreja em saída”.

É inegável que todo esse esforço de Francisco, levando em consideração a sua avançada idade e o próprio desgaste físico e emocional de estar em tantos lugares, levando seus textos, gestos e ações, tiveram “um preço” (Piqué, 2014). Mas Francisco não se preocupava com isso, pois sua intenção era a de levar a palavra de Deus nos mais diversos confins do mundo, chegando até mesmo a colocar sua própria integridade em risco, quando, por exemplo, em 2021, esteve no Iraque, mesmo sabendo de todos os riscos aos quais estaria exposto nessa viagem:

> Das suas 47 cansativas Viagens Apostólicas, ficará para a história, de modo especial, a que fez ao Iraque em 2021, desafiando todos os riscos naquele momento. Essa difícil Visita Apostólica foi um bálsamo para as feridas do povo iraquiano, que tanto tinha sofrido com a ação desumana do Estado Islâmico. Foi uma Viagem importante também para o diálogo inter-religioso, outra dimensão relevante - essa - do seu trabalho pastoral. Com a Visita Apostólica a quatro nações da Ásia-Oceânia, em 2024, o Papa chegou “à periferia mais periférica do mundo” (Re, 2025).

É importante destacar que, em razão de seu falecimento, o Papa Francisco recebeu diversas homenagens de organizações como a CONIC e a CESE, as quais reconheceram os inúmeros esforços de Francisco em vários contextos, inclusive, na promoção do diálogo inter-religioso, sendo uma dessas homenagens prestada pela Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil, por meio das seguintes palavras: “Foi incansável no testemunho do amor, foi insistente com palavras proféticas em relação à ecologia integral, foi amoroso para com as pessoas pobres e necessitadas e cuidadoso no diálogo inter-religioso” (CNBB, 2025, s.p.).

Outra homenagem, na qual também foram citados os esforços de Francisco em relação ao diálogo inter-religioso, foi proferida pelo presidente da Conferência Episcopal Portuguesa (CEP), o qual afirmou que sua partida deixou um “desafio” aos líderes políticos mundiais, nas seguintes palavras:

> “Ou nos entendemos ou destruímos tudo isto. Para as pessoas e líderes mundiais que estavam aqui, fica um desafio”, referiu D. José Ornelas, em entrevista às agências ECCLESIA e Lusa. O responsável católico participou, este sábado, na Missa exequial do Papa Francisco, que decorreu na Praça de São Pedro. Para o bispo de Leiria-Fátima, é necessário conservar o legado de diálogo inter-religioso do pontífice argentino, que criou “uma cultura de paz e de entendimento” (AGÊNCIA ECCLESIA, 2025, s.p.).

Inclusive na China diversas comunidades católicas, nas quais estão inclusas os fiéis de Macau, Hong Kong e da própria China continental lamentaram sua partida.

Em Macau[58], várias de suas comunidades católicas criaram espaços memoriais para homenagear Francisco, cuja ênfase no diálogo inter-religioso acabou ressoando em sua sociedade multicultural, como se pode observar na citação abaixo:

> Embora pequena em comparação com o mundo, a comunidade católica de Macau nos últimos 12 anos foi revigorada pelo caminho traçado por Bergoglio. Suas encíclicas, como a Laudato si' sobre o cuidado com o meio ambiente, inspiraram iniciativas locais, como programas de conscientização ambiental em escolas e comunidades católicas. O acordo entre o Vaticano e a China de 2018 promoveu um otimismo cauteloso entre os católicos de Macau, que o viram como um passo em direção a uma maior abertura na evangelização. A diocese aceitou o apelo de Francisco por uma "Igreja pobre e para os pobres", expandindo seu trabalho para atender trabalhadores migrantes e idosos. Sua ênfase no diálogo inter-religioso ressoou na sociedade multicultural de Macau, onde a primeira colaboração entre seis religiões em uma exposição de patrimônio cultural e um evento musical está em andamento, reforçando o papel da cidade como ponte entre o Oriente e o Ocidente (Vatican News, 2025b, s.p.).

As reações à sua Páscoa revelam seu legado. Seu pontificado foi celebrado, efetivamente, como um construtor de pontes. Entre os alicerces que deixou estão seus esforços eivados na construção de uma diplomacia da paz, da ecologia integral, da fraternidade humana, e do amor ao próximo, que se desdobram, por exemplo, em suas ações concretas em favor do diálogo entre as religiões.

[58] Macau é uma região administrativa especial da China, a qual conta com uma rica herança católica, e que está se preparando para o 450º aniversário da criação da diocese católica (Vatican News, 2025b).

5 CONCLUSÃO

A primeira conclusão desta pesquisa se refere ao fato de que a transição de uma eclesiologia marcada pela máxima *Extra Ecclesiam nulla salus*, para uma visão de acolhimento da alteridade religiosa, não se trata de um fenômeno repentino, mas sim do resultado de um longo amadurecimento teológico e de uma leitura criativa da tradição à luz dos "sinais dos tempos".

Como também foi demonstrado, ao longo dos séculos, a Igreja Católica foi forjando uma identidade de "fortaleza" em relação ao mundo e às outras religiões, o que se cristalizou, particularmente, no século XIX, com documentos como o *Syllabus* de Pio IX, que condenava a liberdade religiosa e o pluralismo moderno.

A análise do Concílio Vaticano II apenas veio a confirmar seu papel como um verdadeiro divisor de águas. Por meio de documentos essenciais, como, por exemplo, a declaração *Nostra Aetate* e o decreto *Unitatis Redintegratio*, a Igreja não apenas legitimou, mas também conseguiu impulsionar o diálogo como método de aproximação, cooperação e comunhão com outras igrejas cristãs e tradições religiosas. O reconhecimento de "sementes do Verbo" e de elementos de verdade e santidade em outras religiões representou um deslocamento epistemológico significativo, saindo de uma teologia do confronto para uma teologia do encontro.

Por meio da análise do primeiro capítulo também foi possível constatar que o processo de recepção do Concílio não foi isento de tensões e resistências, evidenciando que o Vaticano II, longe de ser um ponto de chegada, constitui um horizonte em constante construção, com muitos avanços e desafios em andamento.

Além disso, a análise dos desdobramentos históricos, como o Parlamento Mundial das Religiões e as Jornadas de Oração pela Paz em Assis, demonstrou que a abertura ao diálogo inter-religioso, embora impulsionada pelo Concílio, foi também uma resposta às constantes transformações socioculturais de um mundo cada vez mais plural e globalizado.

Esses eventos, que reuniram representantes das mais diversas tradições religiosas, consolidaram a percepção de que as religiões podem e devem ser agentes de paz e de construção de uma ética mundial comum.

No contexto brasileiro, o capítulo evidenciou a complexidade da recepção conciliar, no qual a influência da Teologia da Libertação e a opção preferencial pelos pobres conferiram ao diálogo inter-religioso uma forte dimensão social.

Já em relação ao segundo capítulo, foi possível constatar que para Francisco, o seu projeto para a Igreja se traduz como uma profunda reorientação da identidade eclesial para o século XXI, enraizada em sua biografia e na influência da *Teología del Pueblo*. A análise revelou que a simplicidade, a proximidade com os pobres e a escuta do povo, marcas de sua trajetória em Buenos Aires, tornaram-se os pilares de seu pontificado.

No que se refere à análise da *EG*, esta também veio apenas a confirmar que a *EG* constitui o coração programático do pontificado de Francisco, um convite a uma "Igreja em saída", que supere a autorreferencialidade e o clericalismo, onde o Santo Padre propõe uma Igreja "de portas abertas", que não se define pelo poder ou pelo isolamento dogmático, mas pela sua capacidade de proximidade, misericórdia e diálogo com a realidade concreta da humanidade.

As Encíclicas *LS* e *FT*, por sua vez, expandem esse projeto pastoral para as dimensões global e planetária. A *LS* convida a uma conversão ecológica integral, denunciando a cultura do descarte e propondo o cuidado da "casa comum" como um imperativo espiritual e moral que interpela a todos. Já a *FT* sintetiza o chamado à fraternidade universal e à amizade social como resposta às tensões de um mundo polarizado e marcado pela indiferença. Ambas as encíclicas demonstram que, para Francisco, o diálogo inter-religioso e a justiça socioambiental são faces da mesma moeda, constituindo um projeto de "ecologia integral" que une a espiritualidade à política e a defesa da vida à promoção da paz.

Neste capítulo também destacou a importância da *DN*, que, ao retornar ao "Amor Encarnado", oferece a chave espiritual que unifica e dá sentido a todo o projeto teológico-pastoral. Ela revela que as dimensões ecológica, social e espiritual da evangelização não são compartimentos estanques, mas nascem e se alimentam da mesma fonte: o coração de Cristo, que é o fundamento de uma ecologia e de uma justiça social que não se esgotam na filantropia, mas são expressão de uma mística do encontro.

Assim, percebe-se que o projeto teológico-pastoral de Francisco, expresso em seus documentos, palavras e gestos, estabelece as bases para uma Igreja que se entende como fermento de unidade em um mundo fragmentado, devolvendo-a à sua vocação original de ser sinal de esperança e promoção da dignidade humana. Esta "gramática" do pontificado, tecida entre biografia, doutrina e pastoral, oferece um novo paradigma para o diálogo como compromisso ético e existencial com a paz.

Já em relação ao terceiro capítulo, foi possível confirmar, a partir do recorte empírico das viagens apostólicas de Francisco, que o projeto teológico-pastoral de uma “Igreja em saída” se materializa em uma diplomacia ativa, na qual o diálogo inter-religioso se apresenta como um caminho indispensável para a construção da paz.

A extensa geografia das viagens, passando por mais de sessenta países e todos os continentes, demonstrou que a diplomacia de Francisco não é uma ação de “grandes capitais”, mas uma peregrinação às periferias existenciais e geográficas do mundo. O Santo Padre não se limitou a discursos doutrinários, mas sim encarnou a “cultura do encontro” em gestos concretos e simbólicos, tais como a oração silenciosa na Mesquita Azul de Istambul (2014), o encontro com o Grão-Mufti na Esplanada das Mesquitas (2014), a assinatura do Documento sobre a Fraternidade Humana em Abu Dhabi (2019) com o Grande Imã de Al-Azhar e a visita histórica ao Grão-Aiatolá Al-Sistani no Iraque (2021).

Esses gestos, longe de serem atos isolados, constituem uma estratégia discursiva e pastoral que reorienta a missão da Igreja para o diálogo com a alteridade religiosa, compreendendo-a não como ameaça, mas como enriquecimento mútuo.

O capítulo evidenciou que o ecumenismo e o diálogo inter-religioso são apresentados por Francisco como faces de uma mesma moeda na busca pela unidade e pela paz. Seus diálogos com ortodoxos (Bartolomeu I), luteranos (Suécia, 2016), anglicanos e líderes de tradições não cristãs, como budistas (Tailândia, 2019; Sri Lanka, 2015), hindus, xintoístas e muçulmanos, revelam sua convicção de que as religiões, quando fiéis às suas melhores tradições, são aliadas da paz e da fraternidade, e não fontes de conflito.

Também é nítida a opção de Francisco por lugares de conflito e sofrimento (México, Colômbia, Iraque, Sudão do Sul, Moçambique) e por países de maioria muçulmana (Turquia, Egito, Emirados Árabes Unidos e Bahrein), indicando que o diálogo inter-religioso é um instrumento de “diplomacia da proximidade”, que busca atuar na raiz dos conflitos, confrontando as causas estruturais da violência, como a pobreza, a exclusão e a ausência de perspectivas para os jovens.

Já a análise dos dois documentos-chave: o Documento sobre a Fraternidade Humana e a Declaração Conjunta Istiqlal, revelou a coerência e o aprofundamento da proposta de Francisco. O primeiro, um marco teológico e político que transcende as fronteiras religiosas, estabeleceu uma agenda global comum de paz e direitos iguais, inspirando a encíclica *FT*. O segundo aprofundou essa abordagem ao posicionar a

religião como agente ativo na solução de crises globais como a desumanização e as mudanças climáticas, materializando a “diplomacia da proximidade” por meio do simbolismo do “Túnel da Amizade”.

Desse modo, por meio da análise deste capítulo, foi possível verificar que as viagens apostólicas de Francisco não podem ser classificadas como “turismo pastoral”, mas sim atos de resistência à indiferença e à violência, que ressignificaram a missão da Igreja no século XXI.

Ao visitar e acolher o outro, Francisco deslocou o centro de gravidade da Igreja de Roma para as margens do mundo, desafiando a lógica de poder que historicamente associou a diplomacia vaticana à defesa de interesses confessionais, transformando o diálogo inter-religioso em um ato político e espiritual para construir uma “cultura do encontro” como alternativa à “cultura do descarte” e à “guerra mundial em pedaços”.

Diante de todas essas análises, as quais percorreram caminhos históricos, teológicos e pastorais, que culminaram no pontificado de Francisco, compreende-se que sua proposta de uma “Igreja em saída” e de uma “cultura do encontro” constitui uma resposta coerente e profética aos desafios de um mundo fragmentado por conflitos, desigualdades e indiferença.

A análise dos três capítulos demonstra uma unidade orgânica em seu pensamento: as notas históricas do primeiro capítulo estabelecem a base da abertura conciliar, que é retomada e dinamizada no projeto teológico-pastoral de Francisco (segundo capítulo), o qual encontra sua expressão mais concreta e visível em suas viagens apostólicas e nos documentos de fraternidade que assinou (terceiro capítulo).

Este percurso confirmou que o diálogo inter-religioso, para Francisco, não é uma estratégia diplomática ou um exercício de tolerância superficial, mas um imperativo evangélico e um caminho espiritual para a construção de uma paz duradoura para todos.

O pontificado de Francisco, portanto, pode ser compreendido como uma aplicação vigorosa e criativa do espírito do Concílio Vaticano II, que reorientou a Igreja para o diálogo com o mundo.

Sua herança é um convite a uma teologia encarnada, que não se contenta com a repetição de fórmulas, mas se deixa interpelar pela realidade concreta das pessoas e dos povos, especialmente os pobres e marginalizados.

A sua ênfase na sinodalidade, na escuta e no discernimento comunitário apontam para uma Igreja mais participativa e corresponsável, capaz de ser fermento

de unidade na diversidade.

No entanto, como toda obra humana, o projeto de Francisco não está isento de desafios e contradições. A recepção de seu magistério, especialmente no que tange ao diálogo inter-religioso, enfrenta resistências internas e externas, e sua implementação plena exige uma conversão contínua das estruturas e dos corações.

Fica evidente que a complexidade do mundo contemporâneo, com suas crises ambientais, migratórias e bélicas, coloca à prova a eficácia de uma diplomacia da fraternidade, proposta por Francisco, que muitas vezes se choca com interesses geopolíticos e econômicos.

Mesmo diante desse contexto, é possível afirmar que que Francisco legou à Igreja e ao mundo um método e uma visão: o método do diálogo como caminho de superação das polarizações, e, segundo a fé cristã em diálogo com as religiões abraâmicas, a visão de uma humanidade que se reconhece como uma única família sob o mesmo Deus.

Ao colocar os pobres no centro de sua missão e ao estender a mão a todos os homens e mulheres de boa vontade, Francisco redefiniu a própria noção de poder eclesial, transformando-a em serviço à dignidade humana e à paz.

A sua insistência em uma “Igreja em saída”, que “suja as mãos” com a realidade, e seus gestos ousados de encontro com lideranças de outras religiões, permanecem como um legado vivo, que desafia as futuras gerações a construir um mundo onde as diferenças não sejam motivos para conflitos, mas alicerces para uma convivência mais solidária, fraterna e espiritual.

A “cultura do encontro”, por ele promovida, é o antídoto que ele nos legou contra a “cultura do descarte”, e a sua voz continuará a ecoar como um chamado à esperança e à ação para todos os que se empenham na construção de um mundo mais justo e reconciliado.

REFERÊNCIAS

AGENCE France-Presse. As grandes datas do pontificado de João Paulo II. **Jornal G1**, abr. 2011. Disponível em: https://g1.globo.com/mundo/noticia/2011/04/as-grandes-datas-do-pontificado-de-joao-paulo-ii.html. Acesso em: 05 set. 2025.

AGÊNCIA Ecclesia. Vaticano: presidente da CEP diz que despedida de Francisco deixou «desafio» aos líderes mundiais. **Agência ECCLESIA**, abr. 2025. Disponível em: https://agencia.ecclesia.pt/portal/vaticano-presidente-da-cep-diz-que-despedida-de-francisco-deixou-desafio-aos-lideres-mundiais/. Acesso em: 17 maio 2026.

AGÊNCIA Info Salesiana. **Papa Francisco em Assis para a Jornada Mundial de Oração pela Paz**, set. 2016. Disponível em: https://www.infoans.org/pt/component/k2/item/1764-italia-papa-francisco-em-assis-para-a-jornada-mundial-de-oracao-pela-paz. Acesso em: 25 jan. 2026.

AGÊNCIA Senado. **Simon destaca papel do papa no reatamento das relações EUA-Cuba**, dez. 2014. Disponível em: https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2014/12/17/simon-destaca-participacao-do-papa-para-novas-relacoes-eua-cuba. Acesso em: 15 mar. 2025.

ALVES, A. Encontro do Papa com a Classe Dirigente do Brasil lotou o Teatro Municipal do Rio de Janeiro. **Canção Nova Notícias**, jul. 2013. Disponível em: https://noticias.cancaonova.com/especiais/jmj/rio-2013/papa-destaca-importancia-do-dialogo-para-o-crescimento-da-sociedade/. Acesso em: 27 maio 2026.

ALTMANN, W. Apresentação. *In*: WOLFF, E. **Caminhos do ecumenismo no Brasil**: história, teologia, pastoral. São Paulo: Paulus, 2018. 440 p.

AQUINO JÚNIOR, F. Fraternidade universal e opção pelos pobres. *In*: PASSOS, J. D.; RAMALHO, R. S.; SANCHEZ, W. L. (orgs.). **O magistério social do Papa Francisco**: balanços e prospectivas. São Paulo: Paulinas, 2025.

ARON, R. **Paz e guerra entre as nações**. Tradução de Sergio Bath. São Paulo: WWF Martins Fontes, 2018. 980 p.

ATLÂNTICO Press. **Guia de Fátima**: 100 anos das aparições. Lisboa: Atlântico Press, 2017. 88 p.

BARROS, W. S. **Mobilidade humana e pluralismo religioso**: a Missão Paz e o diálogo inter-religioso na acolhida de imigrantes e refugiados. 2017. 267 f. Tese (Doutorado em Ciências da Religião) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2017.

BELLITO, C. M. **História dos 21 Concílios da Igreja**: de Niceia ao Vaticano II. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2010. 216 p.

BERKENBROCK, V. J. **Ecumenismo**: a difícil arte do diálogo entre os cristãos. Petrópolis: Vozes, 2024. 208 p.

BRASILEIRO, E. *et al*. **Transformações teológicas na América Latina**: novos horizontes para a libertação. São Paulo: Paulus, 2023. 436 p.

BRIGHENTI, A. Em que o Vaticano II mudou a Igreja? Da fuga à inserção no mundo. **Observatório da evangelização**, jun. 2019. Disponível em: https://observatorioda evangelizacao.com/em-que-o-vaticano-ii-mudou-a-igreja-8-da-fuga-a-insercao-no-mundo-por-agenor-brighenti/. Acesso em: 21 set. 2025.

BRIGHENTI, A. **O novo rosto do catolicismo brasileiro**: clero, leigos, religiosas e perfil dos padres novos. Petrópolis: Vozes, 2023. 344 p.

CARVALHO, U. da S. **A opção preferencial pelos pobres numa perspectiva de uma Igreja pobre para os pobre**. 2023. 62 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Teologia) – Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2023.

CAVALIERI, E. **Papa Francisco**: renovação e esperança em uma Igreja sinodal. Curitiba: CRV, 2025.

CERNUZIO, S. *Dilexit Nos*, a quarta encíclica de Francisco para “um mundo que parece ter perdido o coração”. **Vatican News**, 21 out. 2024 [2024a]. Disponível em: https://www.vaticannews.va/pt/papa/news/2024-10/dilexit-nos-quarta-enciclica-do-papa-sera-publicada-no-dia-24-10.html. Acesso em: 27 jun. 2026.

CERNUZIO, S. Papa, peregrino na Córsega, entre piedade popular e desafios do Mediterrâneo. **Vatican News**, 12 dez., 2024 [2024b]. Disponível em: https://www.vaticannews.va/pt/papa/news/2024-12/papa-francisco-viagem-apostolica-corsega-15-dezembro-programa-24.html. Acesso em: 10 jun. 2026.

COLAGRANDE, F. Martinelli: enorme contribuição de Francisco para o diálogo inter-religioso. **Vatican News**, abr. 2025. Disponível em: https://www.vaticannews.va/pt/papa/news/2025-04/papa-francisco-morte-21-abril-2025-martinelli-vigario-arabia.html. Acesso em: 30 abr. 2026.

COMPÊNDIO DO VATICANO II. Constituições, Decretos, Declarações. 19ª Edição. Petrópolis: Vozes, 1987.

CONFERÊNCIA Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB). **Catequese do Papa**: sabedoria, um dos sete dons do Espírito Santo, abr. 2014. Disponivel em: https://jovensconectados.org.br/catequese-do-papa-sabedoria-um-dos-sete-dons-do-espirito-santo.html. Acesso em: 10 ago. 2025.

CONFERÊNCIA Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB). **Francisco recebe homenagens de organizações que promovem o ecumenismo e o diálogo inter-religioso no Brasil**, abr. 2025. Disponível em: https://www.cnbb.org.br/francisco-recebe-homenagens-de-organizacoes-e-igrejas-que-promovem-o-ecumenismo-e-o-dialogo-inter-religioso-no-brasil/. Acesso em: 28 maio 2026.

CONFERÊNCIA Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB). ***Fratelli Tutti***: a carta encíclica do Papa Francisco sobre a fraternidade e a amizade social, dez. 2020.

Disponível em: https://www.cnbb.org.br/fratelli-tutti-a-carta-enciclica-do-papa-francisco/. Acesso em: 05 set. 2025.

COORDENADORIA Ecumênica de Serviço (CESE). **Um adeus ao profeta da simplicidade, da paz, do diálogo e da solidariedade**, abr. 2025. Disponível em: https://cese.org.br/noticia/morre-papa-francisco-o-primeiro-papa-sul-americano-da-historia/. Acesso em: 03 maio 2026.

D'ANIELLO, D. G. A Diplomacia da Santa Sé. **Cadernos de Fé e Cultura**, v. 1, n. 1, p. 5-22, 2016. Disponível em: https://periodicos.puc-campinas.edu.br/cadernos/article/view/3787. Acesso em: 23 maio 2026.

DIQUATTRO, G. Diplomacia e Paz. **Cadernos de Fé e Cultura**, v. 7, 2022. Disponível em: https://periodicos.puc-campinas.edu.br/cadernos/article/view/6956. Acesso em: 23 maio 2026.

ERPEN, J. Em Najaf, o histórico encontro do Papa com o Grande Aiatolá Al-Sistani. **Vatican News**, mar. 2021. Disponível em: https://www.vaticannews.va/pt/papa/news/2021-03/papa-francisco-iraque-encontro-aiatola-al-sistani-najaf.html. Acesso em: 10 maio 2026.

ESCOBAR, M. **Francisco**: o papa da simplicidade. Rio de Janeiro: Agir, 2013.

FAVRETTO, A. B. **Liberdade religiosa na Declaração *Dignitatis Humanae*:** contexto, gênese temática e debate. São Paulo: Pluralidades, 2022.

FAVRETTO, A. B.; SOUZA, G. G. S.; SANTOS, V. H. A valorização da vida e a construção da paz na diplomacia do Papa Francisco frente ao confronto Rússia-Ucrânia. **Cadernos de Fé e Cultura**, v. 7, 2022. Disponível em: https://periodicos.puc-campinas.edu.br/cadernos/article/view/6960. Acesso em: 23 maio 2026.

FERRAZ, C. G. A *Laudato Si*' e seu chamado ao diálogo inter-religioso em vista de uma ecologia integral. *In*: GONZAGA, W. (org.). **ANAIS do VII Congresso da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Teologia e Ciências da Religião (ANPTECRE)**: religião e crise socioambiental. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 17 a 20 de setembro de 2019. 805 p.

FERRAZ, C. G. **O diálogo inter-religioso para uma ecologia integral à luz da *Laudato Si*'**. Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2021. 152 p.

FERRAZ, C. G. **O diálogo inter-religioso para uma ecologia integral**: estudo sobre a contribuição do Papa Francisco especialmente com a *Laudato Si*' para o diálogo inter-religioso. 2020. 149 f. Dissertação (Mestrado em Teologia) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2020.

FERREIRA, A. B. H. *et al*. **Dicionário Aurélio eletrônico**: século XXI. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2010. CD-ROM.

FIORE, A. G. D. O fim do mundo é aqui: intersecções teológico-pastorais entre Papa Francisco e a Igreja latino-americana pós-conciliar. **Caminhos de Diálogo**, Curitiba,

ano 12, n. 20, p. 35-48, jan./jun. 2024. Disponível em: https://periodicos.pucpr.br/caminhosdedialogo/article/view/31299/26761. Acesso em: 08 mar. 2025.

FRANCISCANOS. **Discurso do Papa no encontro inter-religioso**, jan. 2015. Disponível em: https://franciscanos.org.br/vidacrista/especiais/viagem-apostolica-do-papa-francisco-as-filipinas-e-ao-sri-lanka/#gsc.tab=0. Acesso em: 11 jun. 2026.

FRANCISCANOS. **Papa Francisco deixa mensagem de paz aos armênios**, jun. 2016. Disponível em: https://franciscanos.org.br/noticias/papa-deixa-mensagem-de-paz-aos-armenios.html#gsc.tab=0. Acesso em: 31 maio 2026.

FRANCISCANOS. Viagem do Papa Francisco à Terra Santa. **Comunicações**, maio 2014. Disponível em: https://franciscanos.org.br/wp-content/uploads/2014/06/papa_terra_santa.pdf. Acesso em: 27 maio 2026.

FRANCISCO. **Carta Encíclica *Laudato Si'***: sobre o cuidado da casa comum. Brasília: CNBB, 2015.

FRANCISCO. **Carta Encíclica *Fratelli Tutti***: sobre a fraternidade e a amizade social. Brasília: CNBB, 2020.

FRANCISCO. **Carta Encíclica *Dilexit Nos***: do Santo Padre Francisco sobre o amor humano e divino do coração de Jesus. 24 out., 2024. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/20241024-enciclica-dilexit-nos.html. Acesso em: 27 jun. 2026.

FRANCISCO. Entrevista ao Papa Francisco. **A Santa Sé**, set. 2013. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2013/september/documents/papa-francesco_20130921_intervista-spadaro.html. Acesso em: 21 jun. 2026.

FRANCISCO. **Esperança**: a autobiografia. São Paulo: Fontanar, 2025. 368 p.

FRANCISCO. **Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium***: a alegria do Evangelho – sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual. 2. ed. Brasília: CNBB, 2025 [2013].

FRANCISCO. **Visita do Papa Francisco ao Parlamento Europeu e ao Conselho da Europa**. Discurso do Santo Padre ao Conselho da Europa. 25 nov. 2014. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2014/november/documents/papa-francesco_20141125_strasburgo-consiglio-europa.html. Acesso em: 28 maio 2026.

FRANCISCO; AL-TAYYEB. **Documento sobre a Fraternidade Humana em prol da Paz Mundial e da Convivência Comum**. 4 de fevereiro de 2019. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/travels/2019/outside/documents/papa-francesco_20190204_documento-fratellanza-umana.html. Acesso 21 jun. 2026.

FRANCISCO; UMAR. **Declaração Conjunta de Istiqlal**. 5 de setembro de 2024. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2024/september/documents/20240905-indonesia-incontro-interreligioso.html#Declaracao. Acesso 21 jun. 2026.

GARSCHAGEN, D. M. *et al*. **Nova enciclopédia Barsa**. Rio de Janeiro, 2007. CD-ROM.
GIL, P. C. **Catequese e sinodalidade**: a pedagogia de Jesus. Petrópolis: Vozes, 2023. 102 p.

GOMES, T. F.; ZEFERINO, J. Dinâmicas urbanas e inter-religiosas e promoção da paz. **REVER: Revista de Estudos da Religião**, v. 22, n. 1, p. 25-45, jan./abr. 2022. Disponível em: https://revistas.pucsp.br/index.php/rever/article/view/56217. Acesso em: 25 maio 2026.

GONÇALVES, P. S. L. A morte como rememoração no afeto: análise fenomenológica da morte do Papa Francisco. **Revista de Cultura Teológica**, v. 34, n. 111, p. 368-390, maio/dez. 2025.

GONÇALVES, P. S. L. Os pobres como efetividade da misericórdia de Deus. **Caminhos de Diálogo**: Revista Brasileira de Diálogo Ecumênico e Inter-religioso. Curitiba, ano 12, n. 20, p. 65-79, jan./jun. 2024.

GUIMARÃES, D. J. G. M. **O novo humanismo**: Paradigmas civilizatórios para o século XXI a partir do Papa Francisco. São Paulo: Paulus, 2022.

HOLANDA, H. **People's Pope** (O Papa do povo). São Paulo: Clube de Autores, 2019.

HUMMES, C. **Grandes metas do Papa Francisco**. São Paulo: Paulus, 2017.

JAGURABA, M. **O Papa na Indonésia**: unidade na multiplicidade, justiça social e bênção divina. Vatican News, 04 set., 2024. Disponível em: https://www.vaticannews.va/pt/papa/news/2024-09/papa-francisco-viagem-apostolica-indonesia-encontro-autoridades.html. Acesso em: 10 jun. 2026.

JESUÍTAS Brasil. Viagem do papa Francisco à Albânia. **Jesuítas Brasil**, out. 2014. Disponível em: https://jesuitasbrasil.org.br/viagem-do-papa-francisco-a-albania/. Acesso em: 27 maio 2026.

KÜNG, H. **Projeto de ética mundial**: uma moral ecumênica em vista da sobrevivência humana. São Paulo: Paulinas, 1993.

LOPES, A. L. L. O legado teológico do Papa Francisco: entre autodescobrimento, dialética institucional e encarnação. **Perspectiva Teológica**, Belo Horizonte, v. 58, n. 1, p. 1-16, 2026.

LUDMER, J. **O projeto de ética mundial de Hans Küng**. 2014. 91 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Direito) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014.

MAÇANEIRO, M. O diálogo inter-religioso no Documento de Aparecida: questão de fé e competência. **Teologia em Questão**, n. 12, p. 67-92, 2007.

MAÇANEIRO, M.; ZEFERINO, J.; LOURENÇO, V. O testemunho da graça no contexto da comemoração da Reforma: perspectivas práticas do diálogo católico-luterano. Estudos Teológicos, v. 58, n. 2, p. 407-422, 2018.

MACÁRIO, L. F. L. S. Diálogos sobre o diálogo: a recepção da Encíclica *Laudato Si'* entre católicos, evangélicos e academia. *In*: GONZAGA, W. (org.). **ANAIS do VII Congresso da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Teologia e Ciências da Religião (ANPTECRE)**: religião e crise socioambiental. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 17 a 20 de setembro de 2019. 805 p.

MANZINI, R. Algumas instituições sobre a Doutrina Social da Igreja no magistério do Papa Francisco. *In*: PASSOS, J. D.; RAMALHO, R. S.; SANCHEZ, W. L. (orgs.). **O magistério social do Papa Francisco**: balanços e prospectivas. São Paulo: Paulinas, 2025. 256 p.

MELO, M. G. C. **Diálogo inter-religioso e dignidade humana**: contribuições do pontificado de Francisco – 2013 a 2017. 2019. 110 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) – Universidade Católica de Pernambuco, Recife, 2019.

MEMÓRIA Globo. Viagem do Papa Francisco à Turquia. **Memória Globo**, out. 2021a. Disponível em: https://memoriaglobo.globo.com/jornalismo/coberturas/viagens-do-papa-francisco/noticia/turquia.ghtml. Acesso em: 28 maio 2026.

MEMÓRIA Globo. Viagens do Papa Francisco ao Sri Lanka e às Filipinas. **Memória Globo**, out. 2021b. Disponível em: https://memoriaglobo.globo.com/jornalismo/coberturas/viagens-do-papa-francisco/noticia/sri-lanka-e-filipinas.ghtml. Acesso em: 28 maio 2026.

MENDES, K. F. O. **A teologia do povo na eclesiologia do Papa Francisco**. 2021. 144 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Teologia) – Faculdade Católica de Santa Catarina, Florianópolis, 2021.

MENDONÇA, J. T. Pacto educativo global e kairos educativo. **Journal Global Compact on Education**, p. 1-16, nov./dez. 2024.

METZGER, B. M.; COOGAN, M. D. (orgs.). **Dicionário da Bíblia**: volume 1 – As pessoas e os lugares. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2002. 400 p.

MILANI, M. D. Pacto educativo global e kairos educativo. **Journal Global Compact on Education**, p. 1-16, nov./dez. 2024.

MOVIMENTO *Laudato Si'*. **Quem somos**, ago. 2024. Disponível em: https://laudatosimovement.org/pt/quem-somos-nos/. Acesso em: 03 ago. 2025.

MUNDO. Papa Francisco beija os pés de líderes do Sudão do Sul. **Revista Veja**, abr. 2019. Disponível em: https://veja.abril.com.br/mundo/papa-francisco-beija-os-pes-de-lideres-do-sudao-do-sul/. Acesso em: 3 maio 2026.

MURRAY, C. Da Amazônia, um desafio para o futuro. **Vatican News**, 21 nov. 2018.

Disponível em: https://www.vaticannews.va/pt/igreja/news/2018-11/repam-catedra-cultura-encontro-amazonia-sinodo.html. Acesso em: 11 maio 2026.

NASCIMENTO, F. A. ***Evangelii Gaudium*** **é a expressão de um papa fruto do Concílio**, jan. 2018. Disponível em: https://amerindiaenlared.org/contenido/11992/evangelii-gaudium-e-a-expressao-de-um-papa-fruto-do-concilio/. Acesso em: 21 set. 2025.

NASCIMENTO, M. L. O. **O diálogo inter-religioso como pressuposto para a construção de uma ética mundial**: a perspectiva de Hans küng. 2018. 165 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) – Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas, 2018.

NASCIMENTO, R. J.; SOUZA, W. Um pontificado marcado pela ética da proximidade que gera vida em comunidade. *In*: WOLFF, E.; SALAZAR-SANZANA, E. (orgs.). **O magistério do Papa Francisco na América Latina**: uma percepçãoecumênica. São Paulo: Recriar, 2024. 225 p.

ORO, I. P. **O fenômeno religioso**: como entender. São Paulo: Paulinas, 2013. 192 p.

PANAZZOLO, J. **Missão para todos**: introdução à missiologia. 2. ed. São Paulo: Paulus, 2019. 312 p.

PARLAMENTO Mundial das Religiões. **O berço do movimento inter-religioso**, ago. 2025. Disponível em: https://parliamentofreligions.org/parliament/1893-chicago/. Acesso em: 17 ago. 2025.

PARLIAMENT of the World's Religions. **Um apelo à consciência**: defendendo a liberdade e os direitos humanos, 2023. Disponível em: https://parliamentofreligions.org/parliament/2023-chicago-2/. Acesso em: 06 dez. 2025.

PARO, T. F.; LANDEIRA, J. L. **Metodologias ativas a serviço da catequese**: catequese para uma vida cristã ativa. Petrópolis: Vozes, 2025. 152 p.

PASSOS, J. D. A encíclica *Laudato Si'*: causa urgente e projeto em curso. *In*: PASSOS, J. D.; RAMALHO, R. S.; SANCHEZ, W. L. (orgs.). **O magistério social do Papa Francisco**: balanços e prospectivas. São Paulo: Paulinas, 2025. 256 p.

PASSOS, J. D.; RAMALHO, R. S.; SANCHEZ, W. L. (orgs.). **O magistério social do Papa Francisco**: balanços e prospectivas. São Paulo: Paulinas, 2025. 256 p.

PASSOS, J. D. **O pontificado do Papa Francisco**: entre a preservação e a renovação. São Paulo: Paulinas, 2025. 336 p.

PHAN, P. C.; SANTOS NETO, J. M. O Papa Francisco e o encontro inter-religioso. **Revista Horizonte**, Belo Horizonte, v. 19, n. 59, p. 703-731, 2021.

PIQUÉ, E. **Papa Francisco**: vida e revolução. São Paulo: LeYa, 2014. 420 p.

QUEIRUGA, A. T. **A teologia depois do Vaticano II**: diagnóstico e propostas. São

Paulo: Paulinas, 2015.

RE, Cardeal. **Missa das Exéquias pelo Romano Pontífice Francisco**. Homilia do Cardeal Giovanni Battista Re, Decano do Colégio Cardinalício. 26 de abril de 2025. Disponível em: https://www.vatican.va/content/vatican/pt/special/sede-vacante/sede-vacante-2025/20250426-messa-esequiale-francesco.html . Acesso 08 ago. 2026.

REDAÇÃO Época. O Papa inicia visita à Coreia do Sul em meio a testes militares do Norte. **Redação Época da Globo**, ago. 2014. Disponível em: https://epoca.globo.com/tempo/noticia/2014/08/papa-inicia-bvisita-coreia-do-sulb-em-meio-testes-militares-do-norte.html#:~:text=A%20viagem%20de%20cinco%20dias,pela%20reunifica%C3%A7%C3%A3o%20das%20duas%20Coreias. Acesso em: 27 maio 2026.

REUTERS. No dia de natal, Papa Francisco pede negociação para fim da guerra na Ucrânia. **CNN Brasil**, dez. 2024. Disponível em: https://www.cnnbrasil.com.br/internacional/no-dia-de-natal-papa-francisco-pede-negociacao-para-fim-da-guerra-na-ucrania/. Acesso em: 15 mar. 2025.

ROSSI, A. L. **A dimensão social da religião católica segundo o pensamento social do Papa Francisco**. 2022. 140 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) – Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas, 2022.

SANCHEZ, W. L. Ensinamentos sociais da Exortação *Evangelli Gaudium*. *In*: PASSOS, J. D.; RAMALHO, R. S.; SANCHEZ, W. L. (orgs.). **O magistério social do Papa Francisco**: balanços e prospectivas. São Paulo: Paulinas, 2025. 256 p.

SANCHEZ, W. L. **Vaticano II e o diálogo inter-religioso**. São Paulo: Paulus, 2021. 112 p.

SANTA SÉ. **Viagem apostólica do Papa Francisco à Colômbia**. Programa. 6-11 set., 2017 [2017a]. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/travels/2017/outside/documents/papa-francesco-colombia_2017.html. Acesso em: 31 maio 2026.

SANTA SÉ. **Viagem Apostólica ao Rio de Janeiro (Brasil) por ocasião da XXVIII Jornada Mundial da Juventude**: Programa. 22-29 de julho de 2013. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/travels/2013/outside/documents/papa-francesco-gmg-rio-de-janeiro-2013.html. Acesso em: 27 maio 2026.

SANTA SÉ. **Viagem apostólica de Sua Santidade Francisco à Indonésia, Papua Nova Guiné, Timor-Leste e Singapura**. Programa. 2-13 set., 2024. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/travels/2024/outside/documents/indonesia-papuanuovaguinea-timorest-singapore-2024.html. Acesso em: 11 jun. 2026.

SANTA SÉ. **Viagem apostólica do Papa Francisco à Bulgária e Macedônia do Norte**. Programa. 5-7 mai., 2019 [2019c]. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/travels/2019/outside/documents/papa-francesco-bulgaria-macedoniadelnord-2019.html. Acesso em: 05 jun. 2026.

SANTA SÉ. **Viagem apostólica do Papa Francisco a Chipre e à Grécia**.

Programa. 2-6 dez., 2021 [2021c]. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/travels/2021/outside/documents/cipro-grecia-2021.html. Acesso em: 06 jun. 2026.

SANTA SÉ. **Viagem apostólica do Papa Francisco a Dubai**. Programa. 1-3 dez., 2023 [2023f]. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/travels/2023/outside/documents/dubai-2023.html. Acesso em: 07 jun. 2026.

SANTA SÉ. **Viagem apostólica do Papa Francisco à Geórgia a ao Azerbaijão**. Programa. 30 set., - 2 out., 2016 [2016c]. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/travels/2016/outside/documents/papa-francesco-georgia-azerbaijan-2016.html. Acesso em: 31 maio 2026.

SANTA SÉ. **Viagem apostólica do Papa Francisco à Hungria e Eslováquia**. Programa. 12-15 set., 2021 [2021b]. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/travels/2021/outside/documents/budapest-slovacchia-2021.html. Acesso em: 06 jun. 2026.

SANTA SÉ. **Viagem apostólica do Papa Francisco à Hungria**. Programa. 28-30 abr., 2023 [2023b]. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/travels/2023/outside/documents/ungheria-2023.html. Acesso em: 07 jun. 2026.

SANTA SÉ. **Viagem apostólica do Papa Francisco à Irlanda**. Programa. 25-26 ago., 2018 [2018c]. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/travels/2018/outside/documents/papa-francesco-irlanda_2018.html. Acesso em: 03 jun. 2026.

SANTA SÉ. **Viagem Apostólica do Papa Francisco a Lesbos (Grécia)**. 16 de abril de 2016 [2016b]. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/travels/2016/outside/documents/papa-francesco-lesvos-2016.html. Acesso 31 mai. 2026.

SANTA SÉ. **Viagem apostólica do Papa Francisco à Lituânia, Letônia e Estônia**. Programa. 22-25 set., 2018 [2018d]. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/travels/2018/outside/documents/papa-francesco-paesi-baltici_2018.html Acesso em: 03 jun. 2026.

SANTA SÉ. **Viagem apostólica do Papa Francisco a Malta**. Programa. 2-3 abr., 2022 [2022a]. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/travels/2022/outside/documents/malta-2022.html. Acesso em: 06 jun. 2026.

SANTA SÉ. **Viagem apostólica do Papa Francisco a Marselha**. Programa. 22-23 set., 2023 [2023e]. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/travels/2023/outside/documents/marsiglia-2023.html. Acesso em: 07 jun. 2026.

SANTA SÉ. **Viagem apostólica do Papa Francisco a Moçambique, Madagascar e Maurício**. Programa. 4-10 set., 2019 [2019e]. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/travels/2019/outside/documents/papa-francesco-mozambico-madagascar-maurizio-2019.html. Acesso em: 05 jun. 2026.

SANTA SÉ. **Viagem apostólica do Papa Francisco à Mongólia**. Programa. 31

ago., - 4 set., 2023 [2023d]. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/travels/2023/outside/documents/mongolia-2023.html. Acesso em: 07 jun. 2026.

SANTA SÉ. **Viagem Apostólica do Papa Francisco a Myanmar e Bangladesh**. 26 nov., - 2 dez., 2017 [2017b]. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/travels/2017/outside/documents/papa-francesco-myanmar-bangladesh_2017.html Acesso em: 31 maio 2026.

SANTA SÉ. **Viagem apostólica do Papa Francisco a Portugal**. Programa 2-6 ago., 2023 [2023c]. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/travels/2023/outside/documents/portogallo-gmg-2023.html. Acesso em: 07 jun. 2026.

SANTA SÉ. **Viagem apostólica do Papa Francisco à República Democrática do Congo e Sudão do Sul**. Programa. 31 jan., - 5 fev., 2023 [2023a]. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/travels/2023/outside/documents/congo-sudsudan-2023.html. Acesso em: 07 jun. 2026.

SANTA SÉ. **Viagem apostólica do Papa Francisco à Romênia**. Programa. 31 mai., - 2 jun., 2019 [2019d]. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/travels/2019/outside/documents/papa-francesco-romania-2019.html. Acesso em: 05 jun. 2026.

SANTA SÉ. **Viagem apostólica do Papa Francisco à Suíça**. Programa. 21 jun., 2018 [2018b]. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/travels/2018/outside/documents/papa-francesco-ginevra_2018.html. Acesso em: 31 maio. 2026.

SANTA SÉ. **Viagem apostólica do Papa Francisco à Tailândia e Japão**. Programa. 19-26 nov., 2019 [2019f]. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/travels/2019/outside/documents/papa-francesco-thailandia-giappone-2019.html. Acesso em: 05 jun. 2026.

SANTA SÉ. **Viagem apostólica do Papa Francisco ao Bahrein**. Programa. 3-6 nov., 2022 [2022d]. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/travels/2022/outside/documents/bahrain-2022.html. Acesso em: 06 jun. 2026.

SANTA SÉ. **Viagem apostólica do Papa Francisco ao Canadá**. Programa. 24-30 jul., 2022 [2022b]. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/travels/2022/outside/documents/canada-2022.html. Acesso em: 06 jun. 2026.

SANTA SÉ. **Viagem apostólica do Papa Francisco ao Cazaquistão**. Programa. 13-15 set., 2022 [2022c]. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/travels/2022/outside/documents/kazakhstan-2022.html. Acesso em: 06 jun. 2026.

SANTA SÉ. **Viagem apostólica do Papa Francisco ao Chile e Peru**. Programa. 15-22 jan., 2018 [2018a] Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/travels/2018/outside/documents/papa-francesco-cile-peru_2018.html. Acesso em: 31 maio 2026.

SANTA SÉ. **Viagem apostólica do Papa Francisco ao Equador, Bolívia e**

Paraguai: Programa. 5-13 jul. 2015 [2015a]. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/travels/2015/outside/documents/papa-francesco-ecuador-bolivia-paraguay-2015.html. Acesso em: 30 maio 2026.

SANTA SÉ. **Viagem apostólica do Papa Francisco ao Iraque**. Programa. 5-9 mar., 2021 [2021a]. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/travels/2021/outside/documents/papa-francesco-iraq-2021.html. Acesso em: 06 jun. 2026.

SANTA SÉ. **Viagem apostólica do Papa Francisco ao Marrocos**. Programa. 30-31 mar., 2019 [2019b]. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/travels/2019/outside/documents/papa-francesco-marocco-2019.html. Acesso em: 05 jun. 2026.

SANTA SÉ. **Viagem apostólica do Papa Francisco ao México**. Programa. 12-18 fev. 2016 [2016a]. Disponível em: ttps://www.vatican.va/content/francesco/pt/travels/2016/outside/documents/papa-francesco-messico-2016.html. Acesso em: 31 maio 2026.

SANTA SÉ. **Viagem apostólica do Papa Francisco ao Quênia, Uganda e República Centro-Africana**: Programa. 25-30 nov. 2015 [2015b]. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/travels/2015/outside/documents/papa-francesco-africa-2015.html. Acesso em: 30 maio 2026.

SANTA SÉ. **Viagem apostólica do Papa Francisco aos Emirados Árabes Unidos**. Programa. 3-5 fev., 2019 [2019a]. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/travels/2019/outside/documents/papa-francesco-emiratiarabiunti-2019.html. Acesso em: 03 jun. 2026.

SANTOS, D. F. **O ecumenismo pós-vaticano II**: o macroecumenismo latino-americano e as implicações no magistério de Francisco. 2023. 77 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Teologia) – Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas, 2023.

SANTOS, J. R. V.; CARDOSO, M. T. F. **Contribuições do Papa Francisco para o diálogo inter-religioso**: um tópico a aprofundar a partir dos discursos do Papa Francisco em suas viagens internacionais, jul. 2019. Disponível em: http://www.puc-rio.br/ensinopesq/ccpg/pibic/relatorio_resumo2019/download/relatorios/CTCH/TEO/TEO-Jose%20Ronaldo%20Ven%C3%A2ncio%20dos%20Santos.pdf>. Acesso em: 03 ago. 2025.

SARAIVA, R. Cuba e EUA: foi há cinco anos a histórica visita do Papa Francisco. **Vatican News**, 16 set. 2020. Disponível em: https://www.vaticannews.va/pt/papa/news/2020-09/cuba-eua-cinco-anos-historica-visita-papa-francisco.html. Acesso em: 30 maio 2026.

SCANNONE. J. C. **A teologia do povo**: raízes teológicas do Papa Francisco. São Paulo: Paulinas. 2019.

SECRETARIADO para os não-cristãos. **A Igreja e as outras religiões**: Diálogo e Missão. 10 de junho 1984. Disponível em: https://www.vatican.va/roman_curia/pontifi

fical_councils/interelg/documents/rc_pc_interelg_doc_19840610_dialogo-missione_po.html. Acesso 11 ago., 2026.

SERRATO, A. C. A dimensão espiritual da reforma eclesial na América Latina. *In*: WOLFF, E.; SALAZAR-SANZANA, E. (orgs.). **O magistério do Papa Francisco na América Latina**: uma percepção ecumênica. São Paulo: Recriar, 2024.

SILVA, D. G. A proposta missionária do Papa Francisco e sua recepção na América Latina. *In*: WOLFF, E.; SALAZAR-SANZANA, E. (orgs.). **O magistério do Papa Francisco na América Latina**: uma percepção ecumênica. São Paulo: Recriar, 2024.

SILVA, D. O Decreto *Unitatis Redintegratio* sessenta anos após sua promulgação: o Ecumenismo como missão da Igreja no pontificado do Papa Francisco. **Fronteiras** – Revista de Teologia da Unicap, v. 7, n. 1, p. 13-29, 2024.

SINNER, R. V. *Vox populi vox Dei*? A teologia do povo de Deus do Papa Francisco e o sacerdócio dos crentes em perspectiva luterana. *In*: WOLFF, E.; SALAZAR-SANZANA, E. (orgs.). **O magistério do Papa Francisco na América Latina**: uma percepção ecumênica. São Paulo: Recriar, 2024. 225 p.

SOARES, A. M. L.; PASSOS, J. D. **Teologia e Direito**: o mandamento do amor e a meta da justiça. São Paulo: Paulinas, 2012. 248 p.

SOUZA, J. P. C. **Testemunhas de Cristo**: reflexão do testemunho cristão no mundo moderno. 2025. 58 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Teologia) – Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas, 2025.

SOUZA, L. R. *et al*. Quando o amor se torna discurso: análise Bakhtiniana da Carta Encíclica *Dilexit Nos* (2024), do Papa Francisco. **Estudos em Literatura e Linguística**, v. 6, n. 13, p. 165-179, jul./dez. 2025.

SOUZA, N. Entendendo o Concílio Vaticano II (1962-1965). *In*: SOUZA, N.; FERREIRA, R. R. (orgs.). **Concílio Vaticano II**: para entender os textos e a sua atualidade. Petrópolis: Vozes, 2025. 311 p.

SOUZA, N. **História da Igreja**: notas introdutórias. Petrópolis: Vozes, 2020. 456 p.

SOUZA, N.; FERREIRA, R. R. (orgs.). **Concílio Vaticano II**: para entender os textos e a sua atualidade. Petrópolis: Vozes, 2025. 311 p.

SUSIN, L. C. O local e o global no pensalmento social de Francisco. *In*: PASSOS, J. D.; RAMALHO, R. S.; SANCHEZ, W. L. (orgs.). **O magistério social do Papa Francisco**: balanços e prospectivas. São Paulo: Paulinas, 2025. 256 p.

TATIELE, N. **Papa Francisco**: das palavras aos gestos. Cachoeira Paulista: Canção Nova, 2022. 216 p.

TEIXEIRA, F. **Teologia e pluralismo religioso**. 2. ed. Curitiba: Appris, 2024. 212 p.

TEIXEIRA, F.; DIAS, Z. M. **Ecumenismo e diálogo inter-religioso**: a arte do possível. 2. ed. Aparecida: Santuário, 2008. 224 p.

TONETI, E. D. ***Gaudium et Spes***: Constituição Pastoral sobre a Igreja no mundo moderno. *In*: SOUZA, N.; FERREIRA, R. R. (orgs.). **Concílio Vaticano II**: para entender os textos e a sua atualidade. Petrópolis: Vozes, 2025.

TORNIELLI, A. **Bento XVI**: o teólogo, o papa, o homem. Lisboa: Lucerna, 2025. 335 p.

TRACY, D. **A imaginação analógica**: a teologia cristã e a cultura do pluralismo. São Leopoldo: UNISINOS, 2006.

VATICAN News. Declaração de Istiqlal: promover a harmonia religiosa para o bem da humanidade. **Vatican News**, 05 set., 2024 [2024a]. Disponível em: https://www.vaticannews.va/pt/papa/news/2024-09/declaracao-istiqlal-crentes-promover-paz-dialgogo-indonesia-papa.html. Acesso 21 jun. 2026.

VATICAN News. Papa chega a Luxemburgo, primeira etapa da 46ª Viagem Apostólica do Pontificado. **Vatican News**, 26 set., 2024 [2024b]. Disponível em: https://www.vaticannews.va/pt/papa/news/2024-09/papa-francisco-fiumicino-viagem-apostolica-uxemburgo-belgica.html. Acesso em: 10 jun. 2026.

VATICAN News. O Papa: a guerra é absurda, é preciso desarmar a Terra. **Vatican News**, mar. 2025a. Disponível em: https://www.vaticannews.va/pt/papa/news/2025-03/papa-guerra-absurda-devasta-mundo-necessaria-diplomacia.html. Acesso em: 11 abr. 2025.

VATICAN News. “Foi assim que Francisco nos conduziu a nós, católicos de Macau”. **Vatican News**, abr. 2025b. Disponível em: https://www.vaticannews.va/pt/papa/news/2025-04/impacto-pastoral-catolicos-macau-pontificado-papa-francisco.html. Acesso em: 17 maio 2026.

VEIGA, B. **É impossível o dialogo inter-religioso?**: O pensamento de Bento XVI e a visão de Raimundo Lúlio sobre o diálogo inter-religioso. São Paulo: IBFC, 2016. 131 p.

VIEIRA, T. P. **Francisco de Assis e Francisco de Roma**: o diálogo com o Islã. Rio de Janeiro: Autografia, 2018. 306 p.

VILLAS BOAS, A. Francisco e a teologia da cultura. **Revista Pistis & Praxis**: teologia e pastoral, Curitiba, v. 8, n. 3, p. 761-788, set./dez. 2016. Disponível em: https://periodicos.pucpr.br/pistispraxis/article/view/1348/1285. Acesso em: 08 mar. 2025.

VILLAS BOAS, A. **Misericórdia e alteridade na perspectiva teológica do Papa Francisco**. 2017. 233 f. Tese (Doutorado em Ética e Linguagem Teológica) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2017.

WOLFF, E. A ecumenicidade da espiritualidade sinodal: uma leitura ecumênica do

método da conversação espiritual. **Perspectiva Teológica**, v. 57, n. 1, p. 1-21, 2025.

WOLFF, E. **Caminhos de diálogo para uma Igreja em saída**. Petrópolis: Vozes, 2023.

WOLFF, E. **Caminhos do ecumenismo no Brasil**: história, teologia, pastoral. 2. ed. São Leopoldo: Sinodal, 2017. 352 p.

WOLFF, E. Elementos sócio-teológicos para afirmar as religiões como caminhos de paz: o espírito da *Populorum Progressio* no pontificado de Francisco. **Cadernos de Fé e Cultura**, Campinas, v. 3, n. 1, p. 37-46, 2018.

WOLFF, E.; GONÇALVES, P. Teologia e práxis à luz do magistério do Papa Francisco. ***Teología y Vida***, v. 67, n. 2, p. 219-247, 2026.

WOLFF, E. O magistério pró mundo do Papa Francisco e suas implicações na Igreja latino-americana. *In*: WOLFF, E.; SALAZAR-SANZANA, E. (orgs.). **O magistério do Papa Francisco na América Latina**: uma percepção ecumênica. São Paulo: Recriar, 2024. 225 p.

WOLFF, E. ***Unitatis Redintegratio, Dignitatis Humanae, Nostra Aetate***: textos e comentários. São Paulo: Paulinas, 2012. 165 p.

WOLFF, E.; OLIVEIRA, M. V. Correntes espirituais em diálogo: desafios e possibilidades atuais. **Revista de Cultura Teológica**, v. 31, n. 104, p. 163-185, jan./abr. 2023.

WOLFF, E.; SALAZAR-SANZANA, E. (orgs.). **O magistério do Papa Francisco na América Latina**: uma percepção ecumênica. São Paulo: Recriar, 2024. 225 p.

WOLTON, D. **Papa Francisco** – o futuro da fé: um diálogo inédito sobre os temas mais controversos de nosso tempo. Tradução de Pedro Sette-Câmara. Rio de Janeiro: Petra: 2018. 272 p.